



AGOSTINHO talvez o fim

O dr. Salinas, médico da «Vuelta», informou ontem que Joaquim Agostinho, está a recuperar-se rapidamente e «dentro de dias poderá abandonar o hospital». A pergunta que os observadores fazem é se Agostinho, agora com 29 anos, voltará a ter condições depois de um desastre tão traumatizante, este era o ano que, segundo se esperava, traria a consagração definitiva do campeão português. Era o favorito da «Vuelta», e, se efectivamente a ganhasse, entraria no «Tour» também como grande favorito. Agora, todas estas perspectivas estão desfeitas. E o que se teme é que do hospital de Tarragona saia um homem excluído para sempre da primeira fila do ciclismo mundial. (Em «DL»/Desportos, artigo de Neves de Sousa)

O TERROR NAS RUAS

DL
DOMINICAL

**A NOVA
CANÇÃO
CONTRA
O FADO**

**JOANA
A LOUCA,
LOUCA
DE AMOR**

**FOGUETE
JUVENIL
MATOU
UM RATO**

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA



Primeiro, a ordem para parar e encostar



Depois, sob a mira das armas, a cobrança das taxas

O «SUN» de Londres diz o seguinte: «Isto é inacreditável, mas está a acontecer». As cenas das fotos que parecem de filme, são autênticas e passam-se no Ulster, melhor dizendo na cidade de Londonderry, que os terroristas praticamente dominam. Todos os dias, embuçados, os terroristas saem às ruas e cobram taxas de tráfego aos automobilistas. «Precisamos de comprar mais espingardas como estas» - explicam eles, exibindo as suas armas de procedência norte-americana ou checoslovaca. Ninguém se recusa a pagar, evidentemente: o IRA já mostrou que não olha a meios para alcançar os seus fins. E nos bairros onde eles actuam, os soldados ingleses preferem não entrar, para evitar o choque armado e possíveis vítimas civis daí decorrentes. (Exclusivo «SUN»/«DL»)

SETE DIAS

Um dos redactores e comentaristas internacionais do «DL», A. Villaverde Cabral, analisa, em «Sete Dias no Mundo», a dramática situação no Vietname e passa em revista os acontecimentos de uma semana movimentadíssima que poderão ficar marcados, também, pelo resultado das eleições em Itália, que se realizaram hoje com os neo-fascistas crescendo de força. (Leia na segunda página)



LIMA DE FREITAS E "OS LUSÍADAS"

Amanhã, pelas 17.30, inaugura-se na Galeria do **Diário de Notícias**, ao Chiado, uma exposição das ilustrações realizadas pelo pintor Lima de Freitas para a edição monumental de "Os Lusíadas", de Luís de Camões, publicada pela editora Artis, em 1956. A exposição, que se integra no ciclo das comemorações do quarto centenário dos "Lusíadas" que decorre actualmente em Portugal e no estrangeiro, reúne um conjunto de 37 ilustrações e numerosas vinhetas e estudos preparatórios, até agora nunca expostos ao público.

O Prof. Hernâni Cidade, que prefaciou e anotou a edição ilustrada por Lima de Freitas, escreveu para o catálogo uma breve apresentação, onde afirma: «Creio que nenhum dos artistas plásticos que têm tentado a interpretação dos "Lusíadas" a captou e a exprimiu tão exacta e integral como Lima de Freitas. Como ninguém, ele nos mostra o preço em esforços e misérias do corpo, em anseios e depressões de alma por que nos ficou a singular glória da tarefa que o destino nos confiou na obra colectiva para o progresso do Homem».

EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

Que reúnam os seguintes requisitos:

- Sexo masculino
- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos de idade
- 2.º Ciclo liceal (pelo menos uma secção completa sem deficiência) ou equivalente oficial
- Bons conhecimentos de inglês e francês

OFERECE:

- Vencimento inicial compatível com as condições exigidas e responsabilidades inerentes às funções
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Salários diferidos
- Regalias sociais
- Viagens

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:

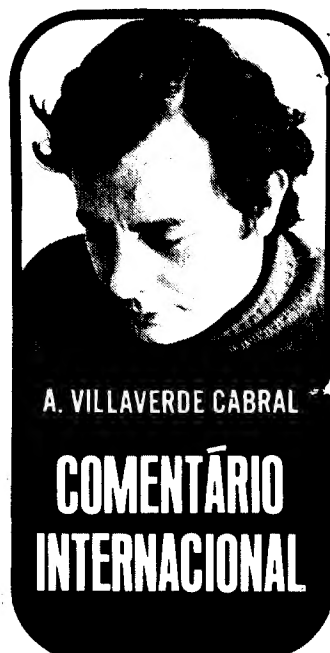
Os interessados devem dirigir-se até ao dia 19 de Maio corrente à Divisão do Planeamento do Pessoal - Edifício 25, 1.º Andar - Aeroporto de Lisboa.

TAP
TRANSPORTES
AEREOS PORTUGUESES

SÊTE DIAS NO MUNDO

Defesa e ataque

A semana começou com a ocupação da cidade de Quang Tri, na parte setentrional do Vietname do Sul, pelas forças da Frente Nacional de Libertação. A capital de província, a primeira a ser tomada pelos guerrilheiros desde que a segunda resistência começou, foi posteriormente arrasada pela aviação americana. Isso porém, não impediu que fosse organizado um Governo local — eleito, segundo os testemunhos fotográficos que nos chegam. A tomada da cidade ilustra claramente a entrada da guerra numa nova fase. Uma fase onde os ataques de tipo convencional, só possíveis devido à situação política das populações e ao apoio em armas de que os atacantes dispõem substituem progressivamente as acções de guerrilha, que, de uma maneira geral, se podem caracterizar pelos ataques de surpresa, seguidos de rápidas retiradas. Agora pretende-se ocupar território, cidades até. Os ataques, se bem que ainda mantenham uma certa dose de surpresa, sempre necessária nestas coisas de guerra, são previsíveis. Por isso, eles têm de usar de uma violência muito maior e de contar com a instabilidade do soldado que se combate. Este facto é decisivo. A determinação do combatente da guerrilha é já muito conhecida, mas ela poderia não chegar, caso não tivesse como contrapartida a fraqueza da determinação do inimigo. Esta é, sem dúvida uma das razões do êxito da ofensiva a que temos assistido nestas últimas semanas. Outro factor importante é a capacidade de actuar em múltiplos pontos ao mesmo tempo que a Frente Nacional de Libertação tem demonstrado. Esses ataques múltiplos em regiões tão distantes como Quang Tri e An Loc evitam a concentração dos dispositivos de defesa de que o Governo de Saigão ainda dispõe. Nesse sentido, pode até pensar-se que o ataque dos guerrilheiros Khmer a Phnom Penh está ligado a uma tática global. Mesmo que não surta qualquer outro efeito, ele lembra aos americanos e às autoridades de Saigão que não podem dali tirar efectivos. Não nos espantáramos se o Laos regressasse súbitamente aos títulos dos jornais. Americanos e soldados de Saigão combatem no Vietname do Sul e no Camboja. Os aviões americanos bombardeiam o Vietname do Norte e o Laos. Os regimes de Saigão Phnom Penh e Vientiane dependem dessas forças conjugadas. Para tapar de um lado, sem destapar de outro, só há uma solução: o regresso dos combatentes americanos. Segundo alguns observadores mais tortuosos, é isso mesmo que os estrategos de Hanói desejam. Pensam esses observadores que Hanói quer deitar a perder Nixon. Não parece lógico que seja esse o objectivo da presente ofensiva generalizada. Trata-se de aproveitar uma determinada situação política e militar que se julga favorável para contribuir para a desagregação do inimigo, dando passos importantes no sentido de uma vitória final. Mas, na verdade, a reeleição de Nixon poderá constituir uma ameaça para os que agora se lançaram ao ataque. Nada garante que a «vietnamização» não será abandonada, assim que a actual administração de Washington tenha garantido mais quatro anos no poder. As mais recentes declarações de Nixon e dos seus auxiliares nada indicam que afaste esta eventualidade. Muito pelo contrário. Kissinger foi a Paris e insistiu nas propostas já anteriormente rejeitadas. Le Duc Tho disse-lhe que assim nada feito. Nixon dirigindo-se a milionários texanos, falou de patriotismo e prometeu que os EUA não seriam derrotados nem abandonariam os amigos. Mas os vietnamitas, se bem que tenham pressa, já mostraram que sabem esperar, defender e atacar.



preocupação quanto aos arranjos que a Comissão da CEE propõe estabelecer com eles. Portugal é um desses países. Algumas dificuldades muito importantes foram levantadas no que respeita aos produtos de origem agrícola. Para nós tem especial importância o facto de a CEE, devido à acção da Itália, pretender pôr restrições no comércio dos derivados de tomate, indústrias que floresceram devido às facilidades oferecidas dentro do quadro quase defuncta EFTA.

SEXTA-FEIRA

À meia-noite, terminou a campanha eleitoral em Itália para a primeira consulta antecipada desde que foi proclamada a República no país. Foi um período agitado, sobretudo devido a bem cronometradas descobertas dos mais diversos «complots». A lei e a ordem desempenhou um papel preponderante nos discursos de muitos candidatos. Os campeões, apesar da revelação de que homens seus teriam estado envolvidos no célebre atentado de Milão, foram os neo-fascistas do Movimento Social Italiano, agora unido aos monárquicos. Os democratas-cristãos, no poder, fizeram os possíveis por mostrar que eram bons administradores da ordem, movidos pelos recreios fundados de que a extrema direita lhe irá roubar muitos votos.

Em Inglaterra, os trabalhistas, após uma consulta eleitoral de que saíram vitoriosos, insistiram com o Governo para que mascasse novas eleições gerais. Aparentemente, a cisão de Roy Jenkins não afectou muito a força do partido de Wilson.

SÁBADO

Tropas indianas e paquistanesas enfrentaram-se na Caxemira. Ao que se sabe as vítimas são muito numerosas. Como de costume as culpas foram deitadas para cima do outro. Contudo, o incidente, mesmo sem ter continuação, pode vir a prejudicar as negociações que se começavam a travar entre os dois países, no sentido de normalizar as relações tão afectadas pela guerra que libertou o Bangla Desh. Vistos por esse ângulo, é provável que os combates tenham tido origem em militares colocados no local e preocupados com um eventual acordo entre Bhutto e Indira. Especulando com probabilidades de acertar, poder-se-á alvitrar que o fim a atingir é a perda de Bhutto.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por D. Maria do Carmo Barroso, Av. Major Joaquim José, Paiva, 10-3º-Dº. ALHAN-DRA

SEGUNDA-FEIRA

Os extremistas protestantes da Irlanda do Norte anunciaram estar a treinar um exército de dez mil homens para combater a minoria católica e impedir o domínio por parte do IRA de diversos bairros onde se entricheiraram. Os protestantes mais exaltados, que são muitos, mostram-se muito preocupados com a forma como o Governo britânico está a conduzir a questão irlandesa. Eles querem que o poder não lhes fuja das mãos e, com ele, os privilégios conquistados ao longo de séculos de lutas. Mas a excitada preocupação destes extremistas que também incendiaram e deitaram bombas pode ser um indicio de que a causa do IRA está a marcar pontos entre a população ou, pelo menos, que a unificação da ilha não é já uma questão tão longínqua que não perturbe o dia-a-dia.

TERÇA-FEIRA

Com 77 anos de vida e 48 à cabeça da maior organização policial do mundo, morreu J. Edgar Hoover, o director do Federal Bureau of Investigation (FBI). Segundo um inquérito conduzido há relativamente pouco tempo pela revista «Newsweek», os americanos, na sua maioria, eram a favor da reforma do velho polícia. Contudo, o obstinado Hoover dizia que, se a idade o não matasse, gostaria de ficar mais 50 anos à cabeça da organização que criou. Solteiro e recebeu-se das alternativas para o seu lugar, nunca nomeou um segundo homem dentro da organização. Tão pouco apontou para alguém que gostasse de

ver suceder-lhe no lugar. Ao longo dos anos, prendeu muitos criminosos célebres, mas, enquanto a Mafia continua a actuar com relativo à-vontade e as drogas proliferam, o FBI dedica-se, sobretudo à vigilância dos liberais. A psicose da subversão era tão arraigada em Hoover que até os manifestantes contra a poluição estavam sujeitos à mais apertada observação.

QUARTA-FEIRA

Apesar dos encontros entre Willy Brandt e Rainer Barzel, os dirigentes do governo e da oposição na Alemanha Federal, a questão da ratificação dos tratados entre aquele país e a URSS e a Polónia continua sem se resolver. Brandt tem, em princípio 248 votos no Bundestag. A oposição tem garantidos 247. Mas o mesmo barão que desertou das fileiras governamentais aquando do voto de confiança está indeciso. Um empate na votação significará que os tratados não serão ratificados, indo por água abaixo toda a política de abertura a leste do chanceler. A mesma que lhe deu o Nobel da Paz.

Hubert Humphrey venceu as eleições primárias no Indiana e no Ohio. Trata-se de duas excelentes vitórias para o antigo vice-presidente. Mas os votos obtidos por McGovern no Ohio surpreenderam pelo seu elevado número.

QUINTA-FEIRA

Em Genebra, a EFTA reuniu-se pela última vez com todos os seus membros. Os seis que não entram para o Mercado Comum manifestaram a sua

CARTA
DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

OS COGUMELOS MÁGICOS DO AMAZONAS

Ao entrar em casa, após chegar de Buenos Aires, encontro telegrama do meu amigo Alípio Jaborandi, recém-chegado da Amazônia, onde passou algumas semanas, de lá trazendo o que ele jura telegraficamente que me vai assombrar. Exige portanto a minha urgente presença no seu sítio de Jacarepaguá.

Alípio tem a paixão das plantas medicinais. Trabalha no Jardim Botânico mas vive acima de tudo para o seu horto particular onde cultiva as mais raras espécies que tem pesquisado por todos os estados do Brasil. Ervas, folhas, flores, raízes foram o laboratório a que eu chamo, rindo, o arsenal ultrapassado das suas artes de feiticeiro.

Sei que não é assim. Mas gosto de bancar o céptico o que o leva a gritar a minha crassa ignorância:

— Possa eu arrancar da química, dos vegetais e dos minerais, os genes necessários e juro que crio sozinho um ser humano...

— Com alma e tudo?

— Sim, com isso a que você chama a alma, porque não?

NÚMERO UM

Seu vício é falar-me de plantas que lhe são familiares e de que me conta maravilhas como o *Tinantus Facichulato* que tem poderes afrodisíacos...

— Esquece o latínio diz só os nomes populares...

— Mas é apenas o *cipó-cravo*. Olha, se o Brasil tem quase cem milhões de habitantes, isso se deve à *erytroxilom*, perdão, à catuaba, que se vende nas feiras populares a cinco cruzeiros o grama...

Ele pontifica e eu costumo rir. Mas na verdade foi a seu conselho que tomei uma poção de folhas de maracujá quando a insónia põe em risco as minhas noites...

— Olhe, quer saber? E nas plantas silvestres que a natureza esconde os seus melhores segredos. A jurujuba faz milagres no Brasil.

— Pó! Julguei que no Brasil só o ministro Delfim Neto podia fazer milagres...

— Deixa isso para lá. As venenosas folhas do comigo-ninguém-pode, usadas pelo povo para fechar-o-corpo são reedições do remédio mágico que tomou invulnerável o helênico Aquiles...

E depois, empolgado:

— Olhe este desenho aqui. Veja. Representa o iagê. Não se mostre desinteressado, não. O iagê, enquanto existiu, deu poderes sobrenaturais aos nossos índios. Hoje, sabe-se apenas 1 que deles escreveram os missionários: «é a erva do céu e do inferno».

— Pombas! Dessa, que eu gostava de experimentar, você só me mostra o desenho.

— Quer saber? Vou agora oficialmente, e durante algumas semanas, seguir a trilha da Transamazonia. Quem me diz que não encontrarei naquelas matas até hoje intocadas um pé só que seja desse iagê de tão perigosas tradições?

NÚMERO DOIS

Ora aí está, leitor, porque fiquei cheio de curiosidade ao receber o acima mencionado telegrama. Teria ele descoberto o iagê?

Mas não, não descobriu. Deu-me porém a oportunidade de uma viagem extraordinária. Mas vamos com calma. Tenho primeiro que contar como se deu o nosso encontro no segredo de uma noite sem lua, no velho e decrépito casarão de Jacarepaguá.

NÚMERO TRÊS

A casa é grande, asfixiada embora pelo intenso perfume da selva do seu herbário ressequido. Móveis antigos. Grosso volumoso em estantes. E do tecto pendem centenas de molhos de plantas, presas por fichas com nomes científicos. Outras, em vasos, espalham-se na enorme varanda, e que ele acalenta com um amor-de-mãe debruçada sobre o berço de recém-nascido. Pássaros em gaiolas. E num canto uma grossa gibóia enroscada.

— Tenho curiosidade para você.

— Já sei. Li no telegrama.

— Mas fica para mais tarde. Você já provou a graviola, taperabá, sapotilha, que eu trouxe lá do norte? Não? Pois tenho-as aqui. Colhi-as eu mesmo nas matas cerradas que cercam, na rota amazônica, as novas cidades de Marabá e Altamira...

E foi buscar um prato desses frutos tropicais que a geladeira, na cozinha, hibernara e enrugara.

— Não quero. Parecem cadáveres! A mim o que me interessa é o assunto nomeado no telegrama...

— Então deixa que eu me concentre. Me dá alguns minutos para eu reconstituir o que se passou...

A nossa jibóia deslisava agora, sinuosa e verde, na penumbra da varanda...

NÚMERO QUATRO

Foi então que começou a narrar o seu contacto com a floresta, os igarapés, as terras inundadas, o solo quente e húmido a que o sol chega descolorido e baço no esforço de atravessar o emaranhado das altas árvores, e onde, para dar um passo em frente, no desejo de colher algo, para ele, botanicamente desconhecido, tinha de usar com audácia um facão. Contou-me que trouxe espécimes raros. Sabia que tinha medo. Mas ia em frente. Como em estado de transe. Os pássaros assustavam-se com a sua presença, num esvoaçar pesado e lúgubre. Foi então que...

NÚMERO CINCO

Mas ouçam-no a ele mesmo:

— ...foi então que vi na minha frente um ser de aspecto milenario. Alto, forte, enrugado, a pele de um cinza avermelhado, mas sem as características dos índios. Não, não era índio. Teria sido o quê? Não sei. Não falava. Creio que era mudo. Por gestos quis o meu facão. Dei-lho. Vi-lhe nos olhos um jeito de sorriso. Depois vasculhou a minha bolsa onde eu tinha guardado a minha colheita de plantinhas sem nome. Pegou nuns livros, e olhou-os como quem sabe ler. Fitou-me de novo. Então tomou a minha mão e pelos labirintos de uma picada levou-me até uma pequena clareira onde uma fonte se despenhava sobre rochas roídas pelo musgo. Ali perto abria-se uma gruta. Era lá que ele habitava. Vi, então, com surpresa, além de armas de fogo antiquadas, peças rústicas de loiça, roupas em desuso,

e sobre uma pedra que parecia servir de mesa, um livro amarelado. Acerquei-me. Olhei para o estranho ser humano. Ele fez que sim com a cabeça. Pus os óculos. Estava escrito à mão. Em espanhol. E li, ao alto da primeira página...

NÚMERO SEIS

Venha conhecer comigo os cogumelos mágicos do Amazonas. Mas para comê-los é preciso crer. Comendo estes cogumelos, em estado de graça, eles nos levam ao reino onde tudo vive ao mesmo tempo: — o passado, o presente e o futuro. Está neles a vida e a morte. Vivemos mil vezes. Somos o bem e o mal. Mas a partir de agora a ninguém mais será concedida essa viagem no espaço. Durante anos vivi destes cogumelos.

Com eles conheci todas as épocas do mundo. Mas agora eles não nascem mais. Agora eu esperava alguém que usufruísse a meu lado a verdadeira encantação dos cogumelos da Amazônia. Porque eu sinto dentro de mim o apressado avançar das máquinas. Forasteiro, que aqui vieste e por quem eu esperava há séculos, senta-te e come a meu lado os últimos cogumelos portadores da eternidade das nossas almas...

NÚMERO SETE

— Aqui parava o manuscrito. Então o homem desenrolou uma folha de bananeira onde se aninhavam meia dúzia de estranhos cogumelos, roxos e secos. Estendeu-me um. Comeu o outro. Mas ainda restavam quatro. Eu comi o meu.

— E depois?

— Tudo aconteceu. Senti que o espírito se desgrudava do meu corpo voando para um mundo desconhecido. E vi o passado. Acredite. Assisti a tudo o que a história universal nos conta. Todas as guerras. Todas as calamidades. Todos os ódios. Atravessei todas as civilizações. Lembro-me de ter navegado nos barcos dos fenícios. Fui companheiro de Fídis na velha Grécia. E segui Jesus Cristo na Judeia. Fui marinheiro. Fui soldado. Fui bandido. Fui pirata e fui santo...

NÚMERO OITO

— Tudo isso em quanto tempo?

— Sei lá. Sei que quando despertei, o outro, a meu lado, não existia mais. Morrerá. Então recuperei o meu facão, guardei no fundo da minha bolsa os quatro derradeiros cogumelos mágicos do Amazonas... — e aqui estou.

— Onde estão eles, os cogumelos?

— Há três dias que esperava você. Comi um em cada noite. Aqui tem o último. Guardei para você. Coma-o e verá que todo o seu racionalismo morrerá para sempre...

NÚMERO NOVE

Leitor, comi o último cogumelo mágico do Amazonas. Alípio Jaborandi não mentira. Eu vi o passadão de Lisboa. Andei por lá desde a sua fundação. Assisti a tudo. Escutei Dom Dinis lendo os seus cantares de amigo. Estive com Gil Vicente quando ele escrevia o Monólogo do Vaqueiro. Andei em Sagres com o Infante. Assisti à morte de Camões. Fui condenado às fogueiras da Inquisição. Renasci na infância de Bocage e com ele aprendi a ler. E, quando mais uma vez, no terramoto de 1755, ia morrer sobre escombros fumegantes, então subitamente o Sol acordou-me. Era o sol vivo e alegre de Jacarepaguá. O sonho acabara. Os pássaros cantavam. Alípio Jaborandi, a rir, brincava com a jibóia num canto da varanda...

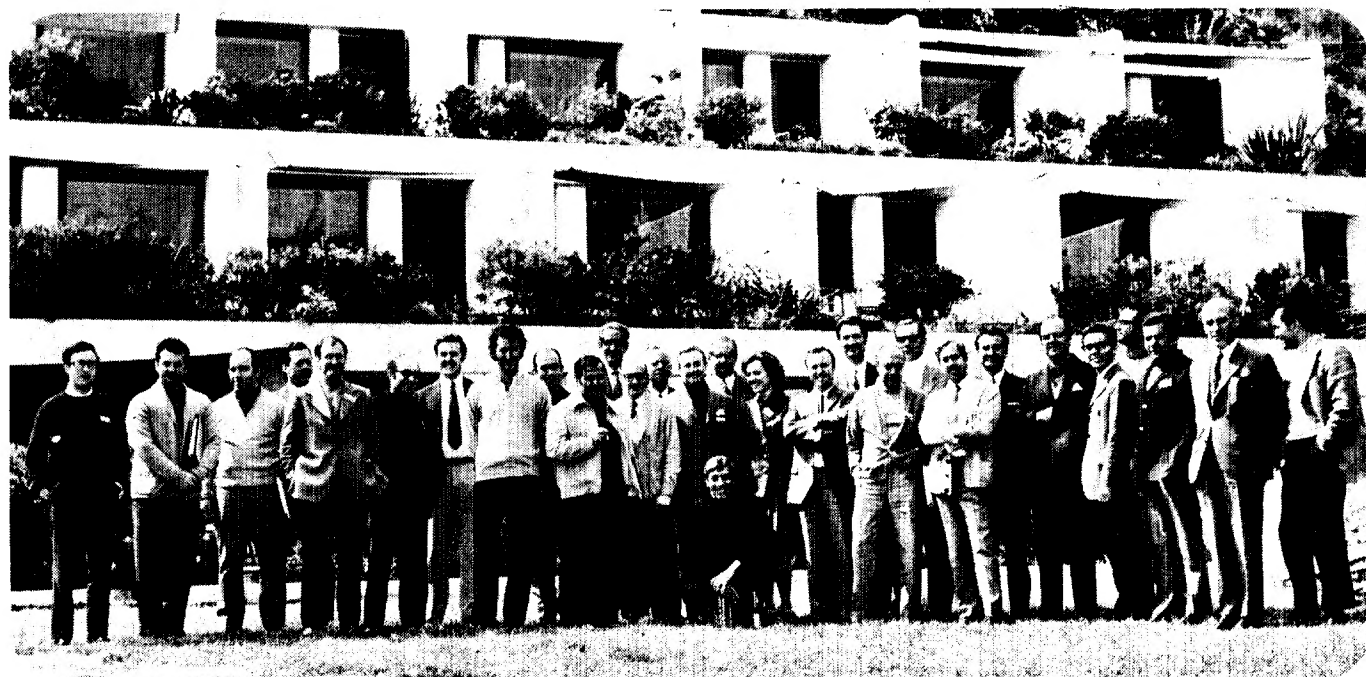
Copacabana, Abril de 72

OCASIONAL

Já depois de escrito o que aí fica chega às minhas mãos, com um rememorativo prefácio de José Gomes Ferreira, o belo álbum intitulado LISBOA NA MODERNA PINTURA PORTUGUESA. Para usar a expressão actualmente mais em voga no reino carioca: E UMA GLORIA! Para a nossa Lisboa (mais a minha, do que a vossa)...

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, ap. 908, Copacabana, G. B., Brasil.

A MELHORIA DA PRODUTIVIDADE



Participantes do seminário da CUF para gestores

A Companhia União Fabril, preocupada com a utilização prática das mais modernas técnicas de gestão e dentro de uma filosofia de desenvolvimento e especialização dos seus gestores, tem vindo a realizar uma série de seminários que incorporam dirigentes da empresa e das empresas sectoriais suas associadas. Desse modo, promoveu a C.U.F. de 1 a 6

do corrente mês, no Hotel do Mar, em Sesimbra, mais um seminário, este sobre a metodologia de análise da «Melhoria de Produtividade nas Várias Áreas Funcionais», em que participaram numerosos elementos dos seus quadros, directamente relacionados com o tema em debate.

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

«GALEONA»

esperada em 15 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

FADISTAS E BALADEIROS

O DESPIQUE QUE NÃO HOUE

«Esta canção tem a vantagem de ter uma parte que eu posso cantar enquanto as pessoas conversam, e um coro que as pessoas acompanham, se quiserem» — frisou irónicamente Carlos Alberto Moniz ao iniciar uma das suas intervenções no mano-a-mano que reuniu na «Adega Mesquita» os representantes da nova música portuguesa e do fado tradicional. Nessa altura já se tinham definido as posições: as fadistas estilando com arte as letras de saudade, amor e desenganos; os jovens, servindo com músicas de processos simples as palavras violentas actuantes, atiradas à cara de todos nós. De um lado, vedetas que fazem do nome a bandeira; do outro, compositores-intérpretes que querem um povo melhor — o mesmo povo que ainda lhes resiste.

Não se pode dizer que tenha falhado totalmente o encontro entre pessoas que perfilham formas tão distintas de expressão. Organizado por um homem para quem o fado não tem segredos e que cultiva nos seus aspectos mais positivos — o jornalista Fernando Peres —, que pensa existirem pontos comuns no bom fado e na boa nova música portuguesa, este mano-a-mano — expressão já por si limitativa — não foi afinal o pretexto para um entendimento que muitos ainda continuam a julgar possível.

Razões, muitas. A primeira, talvez decisiva: o «injectório» de fado «para americano» com que as fadistas ocuparam a primeira parte da noite, em homenagem forçada ao dilatado grupo de turistas, que olhavam em volta vagamente espantados com os barbudos de cabelos longos aqui e ali sobressaíam entre os engravados. Não percebiam, o que é natural; pois se até os engravados não percebem os barbudos...

Aparece-nos, pois, outra razão óbvia para o fracasso aparente do despique que prometia: a verdade é que fadistas e «baladeiros» (eles não gostam do rótulo, mas vamos supor que por agora é o melhor) cantaram somente, não chegaram nunca a encontrar-se — o que era, afinal, o que se pretendia. Olharam-se apenas e de longe...

«DICIONÁRIO»

E, no entanto, todos poderiam ter «agarrado» no momento de bom humor que foi a apresentação dos da nova música, após a desgarrada fadista a que não tinham aderido. Zé Jorge Letria explicou porquê: «Não foi por preconceitos ou escrúpulos de qualquer espécie. Apenas estávamos ocupados a elaborar um dicionário de termos fadistas». E logo o destio entre gargalhadas gerais... Assim «Anafado-fadista com mais de 100 quilos; estufado-fado com várias horas de forno; esfalfado-fado a correr para o eléctrico; engarrafado-fado cantado com o gargalo; esteriotifado-fado em estereofónico; safado-fado de moral duvidosa; fado-fado suspeito...»

Zé Jorge cantou depois em ritmo de tango a história de uma família e da criada («que família tão unida/tão escasso o ordenado (...) uma família tão unida/só pode viver em paz»). Carlos Alberto Moniz em seguida, uma bela voz e um óptimo poema. António Macedo que apesar de doente arrancou sor-



risos amarelos a muita gente bem instalada na sala... e na vida. («Feliz como os bois/são nos currais/ e são tão felizes os animais»), depois Samuel («Verdades ditas fora de tempo/ e o pregador vai para a prisão»), «Morremos pelo sonho que sonhámos/arranque-nos os olhos e tudo correrá bem/só tem licença de canteiro/quem for o bobo do rei»), finalmente Adriano Correia de Oliveira («Este parte, aquele parte/Galiza, ficas sem homens/que possam cortar teu pão»).

«PALAVRINHAS»

Havia quem aplaudisse sem limitações e quem arvorasse um ar de enfado; uns que sentiam com intensidade cada frase, cada palavra, outros que se declaravam incólumes à força dos poemas. E veio o fa-



Bia: «Eles são baladistas, eu sou fadista»



C. A. Moniz: «Posso cantar enquanto conversam...»

do, «aquele de que nós gostamos», na expressão de Fernando Peres.

Depois de Fernanda Pinto, a voz rouca de Beatriz da Con-

ceição, «a própria definição de fado»: poemas de Vasco de Lima Couto servidos por interpretação fortemente aplaudida pelas hostes fadistas e

contestadas pelos «adversários». Beatriz da Conceição que não tem papas na língua e não gosta de ser interrompida: «O sr. Adriano, deixe-me



QUARTETO INTRÓITO: «Há-de nascer uma rosa/dos espinhos do meu povo»



Fado «para americano»

dizer duas palavrinhas, que também só sei dizer duas...»

INTRÓITO

De novo os da nova música: o Quarteto Intróito («Há-de nascer uma rosa/ dos espinhos do meu povo/ há-de nascer uma rosa/ da terra que foi sangrada»). Zé Jorge («Estamos aqui, aqui ficamos/ desarmados até aos dentes / mas armados até à morte»), enquanto, na assistência, Margarida Mauperrin comentava: «O que vos falta apenas é a maturidade técnica que as fadistas têm, e que é a única coisa que as impõe».

«ALGUMA COISA»

Aqui e ali, ouviam-se comentários e opiniões. O escritor Manuel da Fonseca — que daí a pouco colaboraria no cantar alentejano que se ouviu na sua mesa — não se eximiu a afirmar:

— Alguma coisa está nascendo no País, e é bom que se saiba que isso acontece. Não é fácil propor uma canção-retrato de corpo inteiro de um povo. E a balada está a fazê-lo.

Intérpretes, os mais interessados. Zé Jorge Letria é categórico:

— Mais do que destronar o fado ou reduzi-lo ao espaço limitado (e economicamente definido) das casas típicas, é necessário compreender as suas fraquezas em confronto com as novas propostas da música portuguesa. Enquanto o fado tem na sua própria forma e «modo de estar» o destino marcado, a canção portuguesa dita nova tem a vida garantida desde que procure a rua e na abordagem directa das pessoas a sua razão de ser.

Talvez assim... acrescentou — se compreenda o carácter apenas «pitoresco e engraçado» deste encontro, que no essencial se assemelha aos tradicionais desfiles de solteiros contra casados. Quem não perceber que compre uma guitarra.

«AMBIENTE BELICOSO»

Natalina Bizarro, o fado como profissão-sentimento:

— Já os tinha ouvido no rádio, e acho que são letras para ouvir e pensar. São jovens, têm iniciativa, dizem mais abertamente o que sentem e de forma mais evoluída. Não há despique, cada um tem o seu lugar, a sua arte. Mas o ambiente está um bocadinho belicoso...

Beatriz da Conceição, a Bia, a irreverência de sempre:

— Para que foi isto? Eles são «baladistas», eu sou fadista. A verdade é que algumas coisas que eles cantaram não me disseram nada. Acho isto «giro», mas mais nada. É difícil haver pontos de contacto entre nós, o que não nos impede de sermos amigos.

A noite ia alta, arrastava-se já. Fadistas de um lado, «baladeiros» do outro — já nem se olhavam de soslaio. Adriano Correia de Oliveira arrumou a questão:

— Mais uma noite perdida... mais um... noite de fado!

agora a
alta fidelidade
ao seu alcance

KENWOOD

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS PROFISSIONAIS DO SOM VALENTIM DE CARVALHO & S.A. E SEUS AGENTES



FOGUETÕES NO PATIO DA Escola

A MORTE DO RATONAUTA

Dez-Nove-Oito-Sete-Seis-
Cinco-Quatro-Três-Dois-Um-
ZERO!

O menino carregou no botão, viu-se uma pequena faísca, e o foguetão com um rato branco, pequenino e bonito, partiu a toda a velocidade para o céu carregado de nuvens.

Mas a beleza e poesia daquele momento acabou em tragédia, pois o pára-quedas do foguetão não abriu e o primeiro ratonauta português morreu com o impacto brutal da cápsula no telhado da Escola Preparatória Pedro de Santarém, onde decorria a operação.

A alegria e vivacidade das centenas de meninos que assistiam ao lançamento desapareceu rapidamente quando outros meninos das equipas de recuperação trouxeram o ratonauta morto dentro do túmulo com forma de cápsula.

NA RAMPA

Num dos pátios da Escola Pedro de Santarém aconteceu uma sessão de autodela, com a colaboração de técnicos de uma casa especializada em vendas de artigos ligados a este campo. Com a presença de muitos alunos e professores - estavam lá representações das escolas Francisco Arruda, Luis Verney e Marquesa de Alorna - foram lançados oito foguetões de diversos tipos e tamanhos. Os dois primeiros só conseguiram ir para o «espaço» à segunda tentativa, enquanto que o terceiro, um bonito e enorme «bicho» com a conhecida sigla U.S.A., partiu sem demora quando um aluno da Francisco Arruda carregou no botão pela primeira vez. Nessa altura, nos terrenos adjacentes à rampa de lançamento os assistentes de palco e meio comemoraram o feito batendo palmas e gritando com alegria. Entretanto, muito senhor do seu papel, um jovem de onze anos, Pedro Gonçalves, andava de um lado para o outro com um aparelho transmissor - receptor dando ordens e contra-ordens. Ele era o chefe das três equipas de recuperação dos foguetões regressados e não se cansava de repetir:

Atenção grupo um,

atenção grupo um, «controle» a chamar!

E enquanto os foguetões subiam e desciam e os meninos tomavam contacto com miniaturas de uma realidade recente, fomos sabendo, pela boca do director da escola que estava em formação um núcleo de autodelaismo que já engloba cerca de 180 pequenos estudantes que se divertem aprendendo. Nesse núcleo estão compreendidas actividades de Língua Portuguesa (reporta-



O começo da aventura

gens dos lançamentos), Ciências Naturais (toda a aparelhagem necessária) e Trabalhos Manuais (construção dos aparelhos).

Porém, para que esta máquina didáctica fosse montada com êxito, muito contribuíram os homens de negócios, que escolheram o meio escolar para fazerem demonstrações que nada têm de gratuitas. Na verdade, de um modo inteligente quanto à promoção dos artigos que vendem, os responsáveis da firma que distribui estes mini-foguetões para toda a Península Ibérica puseram à disposição da Escola Pedro de Santarém estes aparelhos e os técnicos indispensáveis ao seu funcionamento. E como não podia deixar de ser, o negócio vai

de vento em popa, dado que os foguetões têm-se vendido bem, desde os mais baratos (80\$00) até aos mais caros (600\$00).

OS FOGUETÕES

O entusiasmo da miudagem e a sua participação efectiva nesta iniciativa são inegáveis. No pátio da escola os rapazes e as raparigas apareceram em número elevado não se limitando a assistir: uns premiam os botões fazendo subir os foguetões; outros tiravam fotografias; alguns faziam parte das equipas de recuperação, sempre atentos ao local onde os aparelhos iam cair; e para além daqueles que faziam parte de um programa radiofónico (Onda Juvenil) que estava a transmitir para toda a escola o que se passava na rampa de lançamento, havia a participação de todos os presentes que acompanhavam em coro as contagens decrescentes que Eurico da Fonseca fazia através dos microfones.



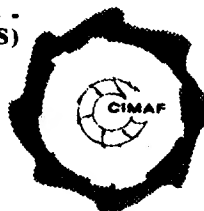
O ratonauta na cápsula

VISITE A EXPOMAFER-72

(MÁQUINAS -
FERRAMENTAS)

PALÁCIO
DE CRISTAL
PORTO

De 6 a 14 de Maio
das 10,30 às 20 h.,
Quintas, Sábados e
Domingos até às
23 h.



NOVO CASINO ESTORIL

**SLOT
MACHINES**
ACESSO LIVRE
MAIORES DE
21 ANOS

**SALA DE
JOGOS**
TODOS OS DIAS
DAS 15
AS 3 HORAS

EMOTION

Vedetas da
Rádio e da TV Inglesa

RUDI HORN FAMOSA
ATRACÇÃO
MUNDIAL

LIDIA RIBEIRO

COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

FASCINATION REVUE PRODUÇÃO DE
JOSÉ
MONTES

"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"

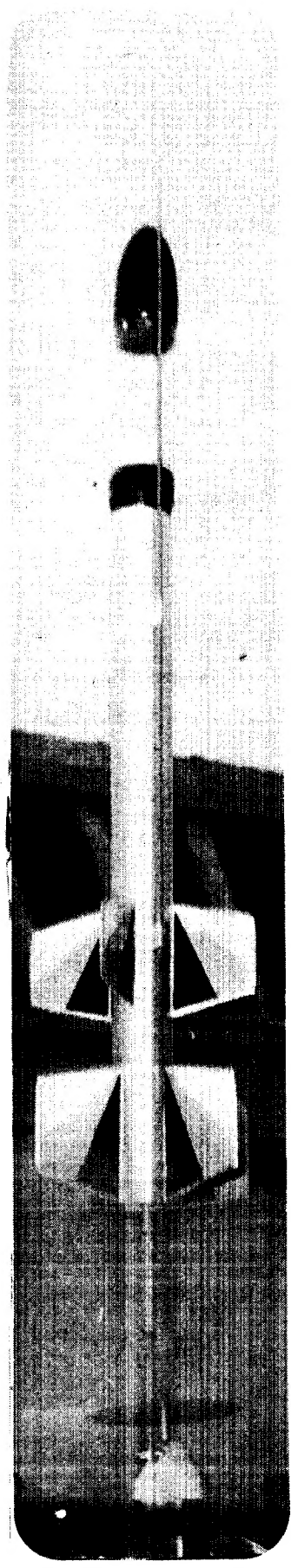
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DUNYA DI BORA SÓ NO
WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR A 1,0 H. Maiores de 21 anos

**Inspeccione periodicamente
os seus extintores**



O foguetão sobe

**CASA
COMÉDIA**

Todos os dias
às 22 h. Sáb. e
domingos, 16 h.
PLAY STRIND-
BERG. Dança da
Morte em 12 As-
saltos, de Friedrich Dürrenmatt.
C/ Carmen Dolores - Augusto de
Figueiredo e Alvaro Bel. mor.

Direcção de Jorge Listopad.
Subd. Gulbenkian e F. Teatro.
Tel. 677299-18-A-Grupo

50% DE DESCONTO
PARA ESTUDANTES
(Subsídio da Fundação Calouste
Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO

**TEATRO
VILLARET**

o mais moderno e confortável de Lisboa

DE TERÇA A SÁBADO
às 21 h. e às 23 h.

DOMINGO ÀS 16 H.
E ÀS 21.45 HORAS

Segundas-feiras
descanso da companhia

Carinho

RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEIRO
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"

DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037

VARIEDADES

9.º MÊS

VASCO MORGADO
apresenta

de RAY COONEY
e JOHN CHAPMAN

(Grupo D—Maiores 18 anos)

**EMPRESTA-ME
O TEU
APARTAMENTO**

com Henrique Santana, Maria
Dulce, Maria Helena Matos,
Carlos José Teixeira, Henri-
que Santos, Alina Vaz, Ma-
ria Laurent, Helena Isabel e
a colaboração especial de
Paulo Renato

Encenação de Varela Silva

HOJE — 2 SESSÕES, 2
às 20.45 e 23 horas

AMANHÃ — «MATINEE»
às 16 horas — Noite 21.45 horas

327493 **TEATRO
CAPITÓLIO**

D. M/18 anos
SÓ ATÉ AMANHÃ

HOJE, 2 SESSÕES
20.45 e 23 horas

**A CASA
DE
BERNARDA ALBA**

Sobre texto de
FREDERICO GARCIA
LORCA

UM DOS MAIORES
EXITOS
DA TEMPORADA

pela
COMPANHIA DO TEATRO
EXPERIMENTAL DO PORTO

AMANHÃ — «MATINEE»
às 16 horas
Noite, às 22 horas

Na «matinée» — 50 % de
desconto a ESTUDANTES



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

O JORNAL COM TODOS

A partir de hoje, o «Jornal dos Espectáculos» estará aberto a toda a redacção do «DL». Domínio exclusivo, até agora, do redactor que assina estas linhas, passará a reflectir as opiniões mais variadas e a tentar estar presente em todos os «fronts» do espectáculo. Creio que, assim, poderá desempenhar uma acção mais eficaz e mais viva. E se o leitor tiver o que dizer, não hesite: mande a sua notinha, devidamente assinada, que nós arranjaremos um lugar para ela.

ARMINDO BLANCO

OS FANTASMAS DA «ABELHA»

Existem ou não na vida portuguesa de hoje figuras como a D. Maria dos Prazeres e o Álvaro Silvestre? É admissível que alguns jovens lisboetas, que têm ido mais vezes a Paris e a Londres do que a Abrantes, a Viseu ou a Vila Real e que jamais puseram os pés em Mirandela, em Coja ou em Almodôvar, não aceitem, como reais, criaturas daquela espécie, alimentadas por orgulhos, pergaminhos, rancorosos, remorsos, ilusões, capazes de recusarem o presente e dele se evadirem em réditas amoradas ou em romances de cordeal. Fernando Lopes teve o mérito excepcional de, com a câmara cinematográfica captar o anacrónico destas figuras ainda hoje identificáveis, ainda presentes no mundo rural de 1972 em Portugal, onde sobrevivem, como fantasmas nas histórias que uns aos outros contamos, que lembramos, sonhamos — e até observamos por vezes de visu.

Depois «Uma Abelha na Chuva» é para mim um livro actual, pelo poder de representação do real, pela qualidade da sua reflexão crítica. E não esqueçamos em Fernando Lopes tentou, com a sua película, uma aproximação um paralelo da poesia de Carlos de Oliveira e talvez especialmente da escrita poética de «Entre duas Memórias» — e isso é evidente nas imagens de água, de luz, de floresta, de paisagens oníricas, que são também o contraponto do erotismo refratado de D. Maria dos Prazeres e da violência que se desencadeia na noite da sugeição e da alienação.

URBANO TAVARES RODRIGUES

O PORTO SEM VEZ

Concentrar em Lisboa todas as atenções é mau, não tenhamos dúvidas. É necessário, em todos os aspectos relacionados com espectáculos, saber o que se passa por todo esse país. Porque se formos a olhar os problemas e a querer ver, a verdade é que é muito mais fácil saber o que se passa com o «top-ten» em Londres ou Estocolmo, do que o que se passa com a venda e distribuição de discos ou filmes em Freixo de Espada à Cinta.

Pouca ou nenhuma atenção se tem prestado a esses problemas fundamentais e á correspondente responsabilidade que cabe á imprensa.

No Porto, caso por nós presenciado durante um lapso (?) de tempo bastante (para mim demasiado) grande, a imprensa local, com quatro jornais diários até há pouco tempo, não desempenhou uma função absolutamente indispensável: informar e formar o público.

O problema do Teatro naquela cidade é muito mais grave do que poderá pensar quem nunca lá tenha vivido. O Porto é uma cidade onde



SACRIFÍCIO DE «REI»

«É a terceira vez consecutiva que se realiza este concurso. A primeira em 1970, constituiu uma experiência que teve uma dupla finalidade, não só atendendo aos interesses do Mercado da Primavera e sua valorização para aqueles que o visitam mas também atendendo à promoção de todos os interessados em aproveitar a oportunidade para se revelarem. E quando chegarem as finais, a exemplo dos anos anteriores, os fadistas que estiverem presentes até merecem a atenção das editoras e, portanto, beneficiam de uma promoção que pode levá-los até uma eventual carreira profissional.» Estas palavras pertencem a Raul Durão organizador número um do Concurso de Fados que promovido pela SEIT decorre no Mercado da Primavera e cujas eliminatórias se realizam ás segundas, terças e quintas-feiras. Na última delas sentou-se na mesa do júri o homem que mais anos de fado tem, neste jardim à beira-fado plantado: Alfredo Marceneiro, o popular «Ti» Alfredo, «rei» da chamada canção nacional. Para já salientamos a presença de Marceneiro. Conseguiu fazer com que o «grande senhor» do fado se deslocasse ao Mercado da Primavera foi obra. Justificar-se-á o sacrifício do octogénario fadista? Esperemos pelas finais do certame.



Marceneiro é o juiz

quase não há espectáculos que ultrapassem a exibição cinematográfica e, ainda nesse campo, mal explorada (como, de resto, já tive oportunidade de focar).

Á Câmara da cidade cabe uma certa responsabilidade no facto: tivemos oportunidade de constatar que o problema do Teatro Municipal se continua a arrastar e a solução não se avista nem do alto da gávea.

Falou-se, não há muito, na hipótese de aquele edifício vir a ser construído nuns terrenos actualmente ocupados pela quantidade de eléctricos existentes na rotunda da Boavista, de tão boas e largas tradições burguesas mas nunca se passou da mera hipótese.

É evidente, ou parece que não poderão existir soluções como a que se adaptou em Lisboa, onde no fundo não existe só o problema de uma Câmara mas de todo um conjunto de factores a considerar. Será que se caminha por aqueles lados para o mesmo tipo de solução e de opções? Não sabemos.

O facto e aos factos nós cingimos, é que não sabemos nada de concreto. E se a edilidade portuense se congratula com os espectáculos executados pelo TEP, e por ela patrocinados direi que se congratula com demasiado pouco.

A obra a fazer é grande. E começam-se sempre as casas pelas fundações.

ROGÉRIO VIDIGAL

EM PROL DO COPO

Um novo ponto de encontro lisboeta, este agora em cenário «fin de siècle» — o Procópio. Bar-concerto, seguramente o primeiro entre nós, Procópio (pró-copo, por associação) abriu as portas a um ambiente original numa reunião

de convidados em que além de representantes do Turismo e da Indústria hoteleira tomaram parte personalidades conhecidas da sociedade e das artes, entre as quais Mário Cesariny, José Escada, Laura Soveral, José Cardoso Pires, Raul Solnado, arquitectos Carlos Duarte, Pedro Ruas e Pinto Coelho, Henrique Segurado, drs. José Maria Caetano e Reimão Nogueira e engenheiros Salazar Leite, Francisco Deslandes e Júlio Bandeira Bastos. O novo spot de Lisboa é na rua João Penha, a dois passos do tranquilo e alfacinha jardim das Amoreiras que Ramalho enalteceu como um cantinho incomparável da cidade. Lá dentro, os bibelots a condizer com a época, candieiros franjados e boxes de veludo na boa tradição queiroziana. Faltou o conselheiro Acácio mas a boa música da belle époque compensou a ausência, principalmente nos breves minutos em que Cesariny se sentou ao piano sem se fazer rogado. No mais, tudo impecável e a condizer. Até os gatos compareceram, lá pela madrugada, no terreiro íntimo onde está instalado o Procópio.

SANTIAGO CASAL

MARIA DEL MAR

Embora de forma um tanto irregular, temos dedicado sempre que possível nas páginas deste jornal alguma atenção à música mais importante que neste momento se produz em Espanha. Ultrapassando as referências aos produtos que em regra nos chegam pelas vias normais, tivemos oportunidade de falar dos excelentes cantores da Catalunha, geralmente segregados por razões de ordem linguística e não só. Maria del Mar Bonet, Raimon, Pi de la Serra, Ovidi Montllor, Teresa Rebull e Xavier Ribalta ocuparam por diversas vezes a nossa atenção: breves

notas, notícias discretas, pequenas alusões feitas por tabela em artigos de diferente teor, foram os processos utilizados para gradualmente chamar a atenção das pessoas para o significado e alcance de certas «vozes». Se resultou ou não, em termos de divulgação, ignoramos. O que sabemos é que neste momento a voz magnífica da maiorquina Maria del Mar Bonet é ouvida com regularidade nas emissões de «Tempo Zip» e esporadicamente noutros programas de menor audição. Chegará a vez dos outros?

De Maria del Mar dissemos já que era uma das melhores «cantantes» de Espanha, das poucas aliás, que mesmo sem falarem o castelhano «oficial» tinham conseguido impôr-se a nível nacional. Dissemos também que os seus temas eram directos e a sua linguagem clara e incisiva. Ouvi-la com regularidade na rádio é já saber compensado o nosso esforço de divulgação.

Posto isto advertimos: sendo Maria del Mar uma «voz» importante, ignorá-la é deixar o terreno livre aos mistificadores que dominam a nossa praça.

JOSÉ JORGE LETRIA

BERNARDA DE MUDANÇA

Bernarda Alba muda hoje de casa. Vai, com suas filhas, seus trapos negros, suas imposições e, principalmente, sua velhice, sucumbir perante os olhos de muita gente, que não estará de acordo com um tipo de visão estreita e deturpada dos problemas, como é o da personagem central da peça de Lorca.

«Por imposição do público», a reinvenção da peça de Lorca, da responsabilidade da Companhia de Teatro Experimental do Porto, ficou em Lisboa durante uma semana mais, que termina hoje. O sublinhado de «por imposição do público» põe em dúvida essa afirmação da promoção Morgadiana, não sei se com razão, mas tendo apenas como base a sessão da noite de domingo passado, na qual não estava, sequer, gente que enchesse meia sala.

De qualquer modo, tenha ou não o público imposto a permanência da peça em Lisboa por mais uma semana, o facto é que «A Casa de Bernarda Alba» é uma peça a ver. Uma peça que, contestando, pode ser contestada; que, tendo uma leitura muito própria da obra de Lorca, pode ser acusada (penso que sem razão de maior ou, se preferirem, sem mal que daí advenha) de um desenraizamento de certa monta, como já ouvimos dizer.

Seja como for, é importante vê-la. Importante porque representa um esforço, cujos resultados se me afiguram muito positivos, para pôr no palco uma obra que tem muito a ver com um certo ambiente que, infelizmente, nos rodeia.

E, para além disso tudo, porque o TEP conseguiu a invenção do Teatro, deu largas ao poder de imaginação que tão arredo tem andado destas bandas e, por fim, nós põe «de caras», perante um problema que (quase) todos tivemos, daquela maneira ou de outra, e que, para mal dos nossos pecados, ainda continuamos a ter...

NUNO GOMES DOS SANTOS

O OUTRO DACOSTA

Certo e pouco sabido: em meados de Junho teremos, no Canadá, uma nova casa típica portuguesa. Com vinho tinto e febras de porco, bacalhau à lasca ou servido em pataniscas, guitarra e viola a tangerem coisas bonitas como as que gostamos de ouvir no surdinho da noite: e meia dúzia detesta. O nome da casa? «Dacosta». O curioso é que nada tem a ver com o colega aqui do jornal com o Dacosta que (embora jogue no Fado) não pensa por hora em ir estabelecer-se ao norte dos Estados. O Dacosta que dá o nome ao futuro restaurante fadista é João Carlos, rapagão louro que Deolinda Rodrigues conquistou: exactamente á custa da sua voz fadista e daquele ar agorotado e travesso que tem desfilado em telas e em palcos com tal sublime simplicidade que não há intelectual que não se renda. Mais tarde ou mais cedo. Ao Fado, claro.

NEVES DE SOUSA

LEMBRETE: NÃO PERCAM O DUSTIN HOFFMAN NO «KELLERMAN».

A crónica de ROGÉRIO VIDIGAL

UM SARAMPO REDENTOR

«As crianças, nascidas numa aldeia alentejana bem do interior, nunca tinham visto o mar». Era assim que começava uma notícia do *Diário do Alentejo*.

Para os que nasceram perto da sardinha ainda com vida que significa isto? Sei, por experiência própria, como enche a menina dos olhos de quem vem do interior. Como para mim, que nasci alentejano como, um chaparro. Sempre andei longe de tanta água. Por vezes escutava o mar pela boca dum búzio. E, inclusivamente, vibrei com uma história creio que de Steinbeck, onde se falava de búzios e de mar. Mas, quando dessa leitura, até já tinha ido à praia.

Dor de não ver o mar era no Verão. As férias e a partida de dois meninos, filhos bem da terra. É curioso como estas duas crianças eram extremamente doentes e, depois, como para o mal só havia uma cura: mudanças de ares. Para determinada praia que era a fina da época.

— Como é o mar?, perguntavam-lhe na escola os de menor imaginação.

— O mar é mais água que o tanque da horta, e mais largo que a Ribeira da Prata.

Nem com a banheira comparávamos porque não havia. Eram palavras sem a medida exacta. Todos nós o sabíamos e queríamos.

Um dia, pequeno ainda, fui finalmente a Lisboa, pela mão de meu pai. A viagem não era longa, quem a fazia éramos nós. Chegamos à Moita do Ribatejo, mesmo os adultos aguçavam os olhos. Sentíamos um ruído diferente nos carris do comboio. O ar era fresco e cheirava a peixe (de que eu nem gostava). E viam-se pequenas toalhas de água, algures, por entre as casas. (Os meus cabelos, caracóis grandes, ficavam húmidos, dizia).

— Além já é o mar.

Um ah de espanto. Quanto tempo falta? Quando é Barreiro? Quando haverá algo de novo? No fundo era isso. Algo do não visto se tornava suspenso, para se seguir o regresso às longas horas vividas (sofridas) no Alentejo. E a pedra de sal na boca é mesmo indispensável? Falava-se sempre na pedra de sal. Afirmavam os mais viajados que, ao entrar no barco, era obrigatória a pedra de sal. O baptismo, a conquista.

Dessa vez, a primeira, frente ao rio, mãos nos bolsos de sargoca, para ali fiquei sem nada a funcionar. Criança demasiado para entender o meu pai: Não é o mar, é o rio.

Sim, ele era experimentado e distinguia. E conquistava Lisboa logo que desembarcava. A cidade era toda dele. O rio também. Ali ao lado os homens, nos barcos cheios de caruma, nos dias de pequenas viagens, o pensamento em grandes percursos. Para o meu pai parecia não haver segredos. Porém, também não havia magia, o que eu lamentava e lamento.

Magia, então, significava passar os limites que uma ri-

beira impõe. Estar ali, à beira duma espécie de liberdade, era o alargamento dos horizontes. Da imaginação e da certeza de que não havia sal para a minha ou outra inocência.

E aquelas dezanais de crianças de que falava o jornal bem do interior, não tiveram, de certeza, uma oportunidade de terem um sarampo redentor, para uma mudança de ares. O que significará o mar? Muitas crianças nascem, crescem e morrem-lhes no corpo a criança que foram, sem terem ido à praia.

Nem por iniciativa oficial. Nem privada.

(Privada ela, duma forma de crescer.)

VENDEDORES

Admite-se — para cidade de Lisboa — em empresa de grande projecção, para gama de produtos muito vendável.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

- Ordenado;
- comissões;
- prémios de vendas;
- subsídio para carro.

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

- Idade entre 25 e 35 anos;
- formação escolar mínima ao nível liceal ou ao ensino técnico;
- carro próprio;
- experiência profissional.

RESPOSTA A ESTE JORNAL
AO N.º 558

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ADMISSÃO DE CATALOGADORES

Nos Hospitais Civis de Lisboa (Secção de Pessoal — Hospital de S. José), aceitam-se inscrições até ao dia 15 de Maio corrente, respeitantes ao concurso documental para a admissão de catalogadores, categoria a que corresponde a remuneração mensal de 2.000\$00.

Os candidatos deverão obedecer às seguintes condições:

- a) Idade: compreendida entre os 18 e 30 anos;
- b) Habilitações literárias: aprovação no exame do 2.º Círculo Liceal, ou no Curso Comercial, completos.

A inscrição pode ser feita mediante o envio de carta, donde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b), sem prejuízo da indicação da morada completa, naturalidade e filiação.

A BEM DA NAÇÃO
O ADMINISTRADOR
Fernando Pimenta

IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ, SARL

RUA VICTOR CORDON, 37 - 1.º — LISBOA

5.º AUMENTO DE CAPITAL

Período de subscrição: 8, 9 e 10 de Maio

Elevação do capital social de 24 500 000\$00 para 74 500 000\$00, mediante a emissão de 100 000 acções de valor nominal de 500\$00 cada uma, nas seguintes condições:

- 16 332 acções por incorporação de reservas, destinadas aos actuais accionistas, na proporção de 1 acção nova por cada 3 das actuais, mediante o pagamento do imposto de mais valia de 25\$00 por acção;
- 16 332 acções com reserva de preferência para os actuais accionistas, na proporção de 1 acção nova por cada 3 das actuais, pelo valor nominal de 500\$00 acrescido do imposto de mais valia de 19\$40 por acção;
- 67 336 acções para subscrição pública pelo valor de 800\$00 por acção;
- As acções com reserva de preferência para os accionistas que não sejam por eles subscritas acrescerão às acções destinadas à subscrição pública;
- Os títulos podem ser nominativos ou ao portador e de 1, 5, 10 e 100 acções;
- As acções têm direito à totalidade do dividendo que vier a ser atribuído para o ano de 1972;
- O pagamento das acções e do imposto de mais valia, quando devido, será feito no acto da subscrição;
- A subscrição deve ser feita nas seguintes entidades bancárias, que tomaram firme a emissão:

- BANCO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL VISEENSE
- BANCO DA AGRICULTURA
- BANCO FERNANDES MAGALHÃES
- BANCO FONSECAS & BURNAY
- BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
- BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
- BANCO PINTO DE MAGALHÃES
- BANCO PINTO & SOTTO-MAYOR
- BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
- BANCO TOTTA & AÇORES
- CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
- MONTEPIO GERAL
- PANCADA, MORAES & C.ª

- No caso de ratelo as importâncias relativas às acções não atribuídas serão devolvidas no prazo de 2 semanas, após o termo da subscrição;
- Os títulos definitivos serão entregues no prazo de quatro meses, a contar do termo da subscrição;
- O prospecto com os elementos respeitantes à Sociedade e a esta emissão de acções pode ser obtido nos locais de subscrição.

Lisboa, 5 de Maio de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

- a) Fernanda Pires da Silva
- a) Manuel Cândido Sena Rego
- a) Abel Saturnino Pinheiro

no TIVOLI
às 18e30
GRUPO D - 18 ANOS

grupo 4
APRESENTA

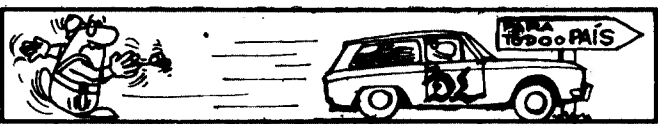
APENAS NOS DIAS 10, 11 E 12

UM EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO
AS PEÇAS DE DORST E MROZEK

**A CURVA
NO ALTO MAR**

encenação de
fernando gusmão

desconto de 50% a estudantes



SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO

E PESCA

Avenida Elias Garcia, n.º 123, 2.º
Telefone 76 50 23/24
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Extraordinária, para o próximo dia 12 do corrente, pelas 20.30 horas, no Centro Social do Sindicato — Rua da Palma n.º 278, 2.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de Trabalhos:

1.º — Apreciação e aprovação do Projecto de revisão do C. C. T. dos Armadores da Marinha Mercante.

Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionará, meia hora mais tarde, com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 1 de Maio de 1972

Pel'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
O 1.º Secretário

Fernando José Alves de Figueiredo

O produtor João Martins homenageado no Grémio Literário

O conhecido produtor João Martins é homenageado no dia 8 do corrente com um jantar

promovido por um grupo de amigos.

A reunião celebra a atri-

buição do prémio do melhor programa para a TV em 1971, com que um júri independente

em ALGÉS visite a sua lavandaria "ACTILAVA"

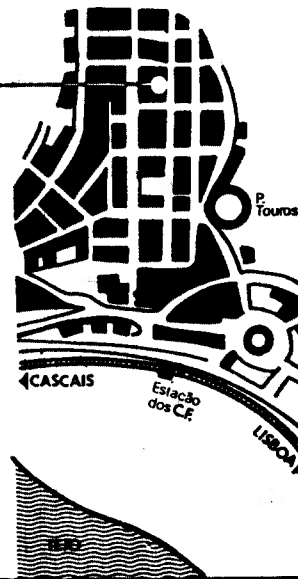
Uma lavandaria «self-service» que oferece aos seus clientes a possibilidade de lavar e secar a sua roupa com simplicidade e rapidez

As máquinas trabalham por si sem roubar em sua casa o espaço que elas ocupam

Ao seu dispor um serviço de limpeza a seco à peça e ao quilo

No seu bairro ACTILAVA significa: economia de tempo — economia de esforços!

Lavandaria ACTILAVA — Rua Luís de Camões, 91-B e C
Telef. 21 78 21



nomeado pela Casa da Imprensa quis distinguir o programa ENSAIO.

Note-se que Ensaio, não é a única das produções de João Martins a ser premiada: anteriormente o Prémio de Imprensa distinguira já a sua actividade como produtor de rádio, nos programas 23.ª Hora; no Rádio Renascença e Impacto no Rádio Clube Português.

O T.E.P. EM NANCY

NANCY, França — Entre os oito grupos de teatro que participam no Festival de Nancy, este ano anunciado como um minifestival e não como o Festival Mundial de Teatro Universitário, estará presente o Teatro Experimental do Porto, que representará obras de Frederico Garcia Lorca.

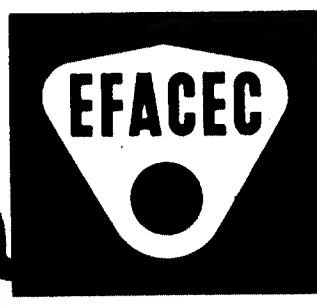
Colaboram também o espanhol «Teatro Campesino», os grupos «Blackbird» e «Cuadra», ambos de Sevilha, o teatro «Euh» de Quebec, eo grupo mexicano «Mascarones».

Eles escolheram um apartamento num prédio equipado com elevadores EFACEC Selectivos

UMA COMODIDADE PARA TODA A VIDA

factor
de valorização
dos modernos
edifícios
residenciais

EFACEC



A maior organização do país no ramo electrotécnico

PRECISAM-SE DISCÍPULAS MODELOS BAILARINAS

PARA A REVISTA

P'RA FRENTE LISBOA!

TRATA TEATRO MONUMENTAL

AMANHÃ das 15 às 18 e das 22 às 23 h.

Av. Praia da Vitória, 71- F — LISBOA

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

LA FIACCOLA SOTTO IL MOGGIO

(A Luz debaixo do Alqueire)

Tragédia pastoral em 4 actos de

GABRIELE D'ANNUNZIO

GRANDE AUDITÓRIO

3.ª-feira, 9 de Maio às 21.30 h.

Grupo C — M. 14 anos

DA PIRANDELLO AD OGGI

(Desde Pirandello até hoje)

Recital sobre o moderno teatro italiano

AUDITÓRIO DOIS

4.ª-feira, 10 de Maio às 18.30 h.

Grupo C — M. 14 anos

2 espectáculos pela

«PIOCOLA BRIGATA» DE L'AQUILA

Os lugares estão à venda na bilheteria da Fundação todos os dias das 13 às 20 horas. PREÇOS: Grande Auditório, 60\$00, 40\$00 e 20\$00. Auditório Dois, 20\$00. 50 % de desconto a ESTUDANTES

OS PORTUGUESES NO FESTIVAL DE ROYAN

«A Fundação Gulbenkian apresenta o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (Direcção: Jorge Peixinho)». Tal era o anúncio que figurava no programa, a inculcar que todas as despesas decorrentes da deslocação, incluindo «cachets», foram suportadas pela benemérita instituição.

A primeira verificação a fazer é que a Fundação, depois de ter posto numerosas dificuldades à existência do Grupo (constituído em parte por membros da Orquestra Gulbenkian) decidiu rever a sua posição e dar-lhe abertamente o merecido apoio. Deixou, pois, neste caso, de raciocinar como uma empresa capitalista ciosa do seu pessoal e temerosa da concorrência, para assumir o papel que legalmente e estatutariamente lhe compete: proteger e financiar, entre outras coisas, actividades ou entidades que desenvolvam ou pretendam desenvolver qualquer acção cultural de mérito. Já as circunstâncias em que a deslocação se efectuou não dispensam alguns reparos. Assim, foi «negociada» com o director artístico do Festival (Claude Samuel) apenas cerca de um mês antes da data prevista para o concerto, muito depois de ter sido divulgado o calendário completo: se a Fundação subsidia há tantos anos o Festival de Royan, sem qualquer contrapartida, seria lógico que tratasse deste assunto com mais tempo e segundo um plano a curto, médio e longo prazo. Além disso, o concerto foi «encaixado» precipitadamente num tempo livre, que sobrava, às onze da manhã, num dos dias mais exaustivos do Festival, o que podia diminuir bastante o seu significado. Quanto ao Grupo e ao seu director, eram postos perante o dilema de preparar a marchas forçadas uma estreia de responsabilidade fora do país ou de desistir para marcar posição, isto é, para não alinhar num esquema que podia pôr em risco o seu futuro artístico (pelo menos, a nível internacional). Tudo visto, jogou-se a cartada da improvisação.

O programa tinha de ser preenchido com obras da nova geração. Só música portuguesa? Ou também música de outros países? A este respeito, Jorge Peixinho teve o bom-senso de não se deixar fechar no «ghetto» e optou decididamente por um programa onde a música portuguesa compartilhasse apenas. E logo Claude Samuel convidou o Grupo a apresentar em primeira audição uma obra do romeno Cornel Taranu (n.1934), Tomás Marco (n.1942; Espanha) completou a representação estrangeira.

Quanto à música portuguesa da nova geração, a escolha recaiu sobre Filipe Pires (n.1934), Constança Capdeville (n.1937) e Jorge Peixinho (n.1940), representados respectivamente por «Figurações», «Momento I» e «Homenagem a Machaut».

Podemos adiantar desde já que era um programa bem elaborado, com sentido das pro-

Por MÁRIO VIEIRA
DE CARVALHO
Enviado especial do «DL»

porções, e inteiramente constituído por obras de qualidade. O primeiro passo para inverter a favor do Grupo o sinal da situação.

Além disso, o concerto suscitou grande interesse, a ponto de a sala de conferências, que deve ter capacidade para 600 a 800 pessoas, estar praticamente cheia.

Restava pedir ao Grupo que se comportasse, no plano interpretativo, pelo menos ao nível do seu habitual, que, como é do conhecimento generalizado, satisfaz uma craveira exigente. Aqui, torna-se necessário acentuar que, para realização deste programa, o Grupo sofreu um aumento substancial dos seus efectivos: de cinco ou seis elementos passou para doze. Não obstante, e certamente devido à competenti-ssima direcção de Jorge Peixi-

de Royan. Nunca antes o Grupo nos oferecera uma tal plenitude interpretativa.

A BASE

O concerto abriu com «Figurações» de Filipe Pires, obra que pode considerar-se «clássica», dentro do serialismo dodecafonico praticado em Portugal. Foi interpretada, numa das suas versões, por Carlos Franco (flauta), Clotilde Rosa (harpa) e Jorge Peixinho (piano). Filipe Pires, actualmente a frequentar um estágio de música electrónica em Paris, mercê duma bolsa da Fundação Gulbenkian, encontrava-se presente e foi chamado ao palco.

Seguiu-se «Rosa, rosae», de Tomás Marco. Independentemente das considerações expandidas pelo autor, sobre o seu significado e a sua génese, trata-se duma obra em que se procura extrair o máximo de consequências de um mínimo de material sonoro. Sobretudo na primeira e na quarta secções, onde predomina a mesma atmosfera, atinge-se um ascetismo extremo, que, pelo menos em nós, tem o efei-



Jorge Peixinho e Luisa Vasconcelos

(clarinete), Manuel João Afonso (violino) e Luisa Vasconcelos (violoncelo). «Momento I», de Constança Capdeville, foi para nós uma revelação. O que conhecíamos desta compositora não parecia significar mais do que um exemplo de assimilação académica de processos,

possível a diferenciação tímbrica e transformando cada executante, incluindo o barítono (Orlando Worm), numa multiplicidade de fontes sonoras, a obra chega a atingir proporções dramáticas, nomeadamente quando, no final, soam pesadamente os passos ritmados duma marcha opressiva, sugerida pelos executantes que batem com o pé no chão em «ordem unida». Força é o termo adequado para exprimir a impressão deixada por esta obra. A autora, também presente, foi saudada igualmente com entusiasmo. De resto, «Momento I» constituiu um óptimo fecho para a primeira parte do concerto, que foi premiada com uma das ovações mais significativas dispensadas no Festival deste ano a qualquer intérprete ou conjunto.

A obra de Cornel Taranu, onde Orlando Worm voltou a distinguir-se como solista vocal, pareceu-nos bem escrita, dentro do estilo convencional (ou mais convencional) das correntes seriais.

Finalmente, há que referir a peça de Jorge Peixinho, que concluiu o concerto. «Ma fin est mon commencement», assim se intitula ela, foi apresentada em 1.ª audição parcial no Teatro S. Luís, em Lisboa, pouco tempo antes do Festival de Royan. Baseia-se «no tratamento do material original do rondó do mesmo nome de Machaut, a partir dos seus elementos morfológicos e formais mais específicos». Como acontece com as obras mais significativas de Jorge Peixinho (refeçimo-nos às obras que ele



Emílio Coutinho



António Oliveira e Silva

nho, a unidade e coesão do conjunto não foram abaladas. Mais, fosse pelo número excepcionalmente elevado dos ensaios, fosse pelo grau de responsabilização sentido pelos músicos, fosse pelo próprio ambiente criado numa sala onde se encontrava, além dum público interessado, boa parte da «élite» dos meios musicais europeus, o certo é que o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa atingiu neste concerto, digamos assim, a perfeição. Em qualquer das obras apresentadas, em qualquer das formações instrumentais em que se subdividiu, excedeu os seus próprios parâmetros e aqueles em que decorreu este Festival

to de actuar a contrario, tornando-se apaixonante. O facto de existir uma terceira secção bastante contrastada e de, no final, se introduzirem fontes sonoras de percussão metálica, a quebrar o aspecto tímbrico até aí assumido pela obra (exteriormente, isso lembra, por exemplo, o final das Bodas de Stravinsky), introduz no rigor formal elementos de variedade expressiva. O todo produz a impressão de equilíbrio característico das verdadeiras obras de arte. A interpretação, considerada impecável pelo próprio Tomás Marco, que assistiu ao concerto e foi vivamente aplaudido, esteve a cargo de Carlos Franco (flauta), Artur Moreira

sem a centelha da criação autêntica. Neste caso, porém, em certa medida, de um princípio contrário ao de «Rosa, rosae», ou seja, explorando o mais

SENHORAS

Grande Companhia Portuguesa pretende em regime «Par-time» para interessante actividade de contacto c/ o público Resposta a este Jornal ao n.º 557

UM ÊXITO EDITORIAL
PROF. CHRISTIAAN BARNARD
"COMO DEFENDER
O NOSSO CORAÇÃO"

CUPÃO-ENCOMENDA

Preencha em letra de Imprensa e remeta ao Apartado 2224 — LISBOA 2

Desejo que me enviem contra-reembolso para o nome e endereço a seguir referidos o livro do prof. Barnard, «Como defender o nosso coração». Pagarei 60\$00 mais as despesas do correio.

Nome

Morada

Localidade Assinatura dl

C
ASA
DAS
LENTES
SOCU
LOSGRADUADO

SLENTESDECONTACTO
EOCULOSDESOLAVIAM-SER
ECEITASDASCAIXASDEPREVIDENC'A

CASA
DAS
LENTES

RUA LUCIANO CORDEIRO, 81-A
TELEF. 44340 LISBOA-1

**TRÊS REIS LHE ARRANCARAM A COROA:
SEU PAI, SEU MARIDO, SEU FILHO**

Joana a louca, louca de amor

Foi a trágica heroína de uma paixão desmedida, a vítima de muitas ambições encontradas, a protagonista de uma história cruel cujos contornos se perdem na névoa da loucura, segundo a lenda, onde se iluminam sob o raio da razão, segundo a crônica.

Na Flandres ainda se põe o sol. Enquanto brilha sobre as azinheiras, pinheiros, olmos e faias, dispostas com essas próximas perspectivas que entram pelas janelas dos pintores primitivos, a noiva avança, como uma Lua em pleno dia. É reservada, graciosa, doce e intensa. Herdou de sua mãe, Isabel de Castela, a resistência, a paixão e a marcha irrevogável. Esqueceu a energia e o controlo dos imperiosos sentimentos. Herdou de seu pai, Fernando de Aragão, a harmonia na expressão, o instinto do perigo e a faculdade de desconcertar. Esqueceu o despotismo e a inescrupulosidade. Herdará mais tarde duas coroas. Porém, agora, enquanto marcha ao encontro do seu prometido, por essa terra de frondes encantadas, não pensa nessa herança dourada nem no legado de trevas que lhe deixará sua avó, Isabel de Portugal, que envolve em branco luto por D. João de Castela a sua louca vividez, a sua louca solidão, a sua louca melancolia. Por agora, a menina só pensa no seu próximo casamento, assinalado já por tantos presságios aziagos: na sua viagem por mar, desde a Biscaia, o vento soprou constantemente de proa; houve grandes borrascas; os barcos que se afundaram levaram consigo grande parte do seu enxoval; nas águas flamengas emboscavam-se, como malfeteiros, traiçoeiros bancos de areia; na costa, não houve noivo a esperá-la, impaciente, à chegada. Que lhe deparará o destino que corre de bosquezinhos em bosquezinhos, que humedece os seus fugitivos pés em rios, em arroyos e em canais, ocultando-se mais à medida que a estrangeira avança? O coração receoso está a ponto de estalar; o coração inocente desfalece. Porém, a infanta prossegue a sua marcha irrevogável, à frente do cortejo. Montada numa mula, esbelta no seu soberbo aparato espanhol, de cabeleira ao vento qual escuro estandarte, domina a sua apreensão e sorri. Sorri a essas terras sem alecrim, sem alfazema, sem tomilho, sem louro, nem cipreste.

Sorri a essa abundância inquietante e desconhecida, sorri a esses entusiastas e enigmáticos povos que a aclamam. Esse sorriso ausente, esse sorriso fixo e desgostoso, esse sorriso que treme como uma flor, à beira das lágrimas, não tem as suas raízes nos escalarriantes domínios da avó, a rainha louca, Isabel de Portugal?

O ROSTO DO DESTINO

Da janela do convento de Lierre, a infanta Joana contempla ao longe as suaves sinuosidades do caminho. Ignora que o noivo, o filho do imperador Maximiliano de Habsburgo e soberano do ducado da Borgonha, retido em Lindau, junto ao lago Constança, para presidir à Dieta em representação de seu pai, voa ao seu encontro



com o coração agitado. Sob o céu luminoso coalhado de estrelas como numa miniatura, o jovem soberano e o seu luxuoso séquito são uma rajada de seda e veludos constelados contra o verde e o cobre da fronde outonal.

A noiva deixou-se adormecer. Baixou as pálpebras contra as fantasmagorias forjadas pelas sombras e pelo resplendor equívoco dos raios de luar. Um cavalo avança, invencível, pelos aterradores atalhos do sonho. Tem a aparência em branco do destino. E essa gruta, essas largas galerias enlutadas pelas quais vai caindo, caindo, a adormecida? Não. Não cai. Um tumulto de gentes, um choque de metais, um estrondo de passos precipitados detém-na. Abre os olhos. E ali estão, fixos nos seus olhos, os olhos que abrem e fecham o passado, o presente e o futuro.

Joana e Filipe contemplam-se. O tempo pára. O mundo inteiro flutua num silêncio de eternidade, numa fascinação de asas, numa vertigem cega. O príncipe arde num fogo insuportável. A princesa é uma labarela sobre-humana.

E CASARAM

Sim, casaram-se com ardor, com impaciência, sem poder esperar os dois dias fixados pelo cerimonial. Mandaram procurar um sacerdote qualquer, o primeiro que se pudesse encontrar. A boda solene pode celebrar-se amanhã ou depois de amanhã. A noite de núpcias tem que ser hoje, agora, neste instante em que o amor instan-

tâneo exige consumir-se.

Joana está embriagada. Esqueceu a reserva, a reflexão, a severidade que lhe inculcou a sua rigorosa e apaixonada mãe espanhola; esqueceu-as com aquela paixão muito espanhola. Os dias e as noites são um insensato torvelinho de felicidade que arrasta as cidades engalanadas, as justas, os torneios. Filipe está enamorado, prisioneiro de um desejo arrebatador. Intervém em desafios, em ruidosas festas de armas, em fogosos encontros, para depositar os galardões aos pés da sua amada. Serão, talvez, os heróis de um amor imortal? Não, não, apenas Joana: a vítima do poder e da ambição, a trágica heroína da clausura e da desdita.

Por agora, a soberana de dezasseis anos e o soberano de dezassete instalam-se nos seus castelos de Anvers e de Gand. São sólidos, húmidos e frios. Estão cobertos de alfombras e de tapetes com cenas de caça. Os móveis talhados, os utensílios de ouro e de prata, os espelhos e as porcelanas, os quadros e as esculturas, os parques e os jardins são amostras de refinamento e de ostentação. As cerimónias são fastuosas e a etiqueta é litúrgica, artificiosa, quase irreal. Os nobres, que se assemelham às personagens de uma ilusória mascarada, e o povo, que se entrega a buliçosas orgias em estalagens e hospedarias, têm a vontade relaxada pelos muitos prazeres. Tais eram as notícias que os membros do séquito espanhol enviavam aos sóbrios e moralizado-

res reis de Castela e de Aragão. Notícias alarmantes: Joana estava rodeada de dissolutos, Joana não cumpria com os seus deveres religiosos, Joana suspendia o salário aos seus servidores, Joana estava mal-humorada e taciturna; Filipe era galanteador, Filipe manejava o dinheiro de sua mulher, Filipe já não se comprazia em Joana, Filipe vive absorvido pelo jogo da pelota, pela caça, pelas mulheres e pela dança. Que podia fazer Joana? Acatar e padecer.

Felicidade, felicidade, que pés tão leves tens! Sim, para escapar melhor.

COROAS NO REGAÇO

Em 1498, dois anos depois do casamento, nasceu a primeira filha. Em Fevereiro de 1500, no meio de uma festa na corte de Gand, Joana deu à luz no banho, o seu segundo filho, Carlos, o futuro Carlos V, aquele em cujas terras jamais o Sol se punha. Outras três meninas e um menino nasceram nos seis anos seguintes. Cada filho, nascido de uma cintilação passional do inconstante Filipe e de uma labareda do inextinguível amor de Joana, susteve, com o andar dos anos, uma ou outra coroa: as de Portugal, França, Suécia, Noruega, Boémia e Hungria, Espanha.

Carlos recebeu de seu pai, Filipe, o Formoso, herdeiro da Casa de Áustria, próximo sucessor da coroa imperial, duque de Borgonha, conde de Flandres e Artois, o título de duque do Luxemburgo. Pouco depois do seu nascimento, em Julho de 1500, Joana ficou herdeira do trono de Espanha. Quatro mortes sucessivas foram necessárias — as de dois irmãos e de dois sobrinhos Castela e de Aragão — para que o seu regaço. Obstinada fatalidade, cega providência: coroas enlutadas, coroas de ferro negro para uma mulher que não ambicionava reinar!

Teve de deslocar-se por terra para receber o juramento de fidelidade das Cortes de Espanha. O séquito de Joana e Filipe, entre damas, senhores, escudeiros, lacaios, cozinheiros e ajudantes ultrapassava as duzentas pessoas. O luxuoso cortejo, que levava consigo magnífica baixela e os já célebres tapetes da Flandres, abriu passagem, laboriosamente, através dos Pirenéus. Os olhos flamengos assombravam-se, cena após cena, com a devoção, o recolhimento, a sobriedade e a singeleza das recepções. As terras pareciam-lhes ásperas; os costumes, rurais; as cerimónias, rústicas; os grandes espanhóis, dignos e nobres labregos.

Continua na pág. 15



Vendedores ambulantes: no inverno,

DEZ TO



Se eu pudesse, comia só ge

TEM ESTAS QUA

- Boa apresentação?
- Entusiasmo e perseverança?
- Facilidade de expressão?
- Gosto por relações humanas?
- Somos uma importante Editora
- Procuramos promotores/as am
- Proporcionamos apoio prom
- acesso nos quadros da empres
- Responda-nos indicando nome,
- de, habilitações e tempo dispon
- o Apartado n.º 21 199.

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais
alto preço.

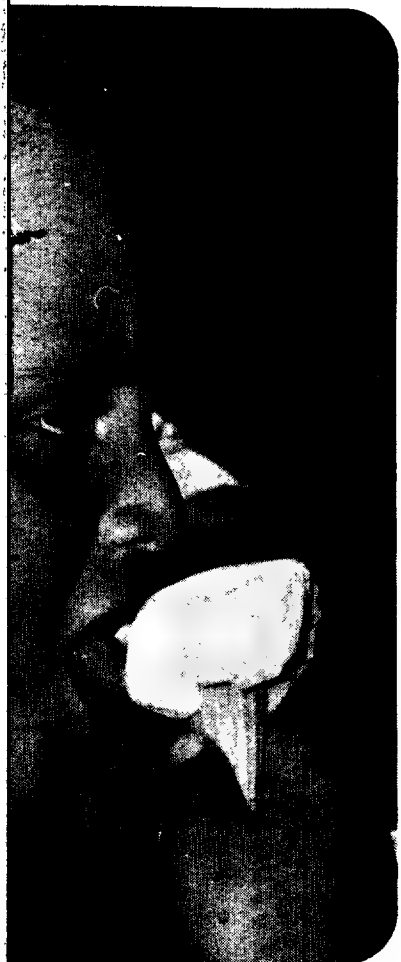
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 257



são as castanhas...

TOSTÕES DE FRIO PARA MATAR A SEDE



dos...

LIDADES?

com grande poten-
ciosos/as.
cional, formação e
porada, telefone, ida-
vel diariamente para

CHEGOU O TEMPO QUENTE. Anuncia-o o calendário e confirma-o ainda que timidamente o serviço meteorológico. Chegou o tempo quente que não é só perspectiva de férias, pretexto para banhos na praia, piqueniques na relva dos parques, «hot-pants» e camisas de meia manga. É também altura de ouvir o pregão do vendedor de gelados. Na rua. Na praia. À saída da escola. Em todos os pontos da cidade onde o movimento garanta o negócio.

Tempo quente é, pois, tempo de gelados. Quase paradoxalmente: a procura do frio que se detestou durante o Inverno e que, mal o mercúrio sobe uns graus no termómetro, se torna absolutamente necessário. Frio que se compra a partir de dez tostões, para engolir lentamente, se possível sem tocar nos dentes.

Gelado não é, porém, apenas o meio de refrescar procurado gulosamente pelas crianças e, mais sóbriamente, pelos adultos. É também pretexto para perguntas e para respostas.

O menino a quem a mãe compra todos os domingos um «sorvete», quando o leva a passear pelo Parque Eduardo VII, um dia lembra-se de perguntar: — «**O mãezinha, donde é que vêm os gelados?**». Como quem pergunta de onde vêm os meninos.

E a mãe, com aquela tranquilidade com que procura responder sempre à curiosidade impertinente (e inteligente) do filho, arranja esta saída: — «**Vêm da serra da Estrela. Então não ouviste dizer na escola que há lá muita neve?**»

O menino não descansará enquanto os pais não lhe prometerem umas férias na serra.

DO ARTESENATO À INDÚSTRIA

Durante muito tempo o fabrico de gelados em Portugal limitou-se ao tipo artesanal, estando distribuído por várias unidades de pequena dimensão espalhadas pelo país. A indústria respectiva é bastante recente entre nós e quase se concentra numa grande fábrica. Subsistem, no entanto, as pequenas unidades, muitas vezes associadas a estabelecimentos de outro tipo (principalmente cafés e pastelarias), única forma de permitir uma exploração ininterrupta e rentável. A produção do gelado é sazonal, e este carácter acarreta grandes dificuldades, ao nível de utilização de equipamentos e de pessoal.

Como garantir emprego permanente aos respectivos profissionais? Exactamente pela ligação a outras empresas. É o que acontece em relação à maior fábrica de gelados do país, a Olá. Fazendo parte de um grupo de empresas que se dedicam ao fabrico de outros produtos, asseguram emprego ao seu pessoal, através da deslocação para outros estabelecimentos. O período de laboração da fábrica de gelados não ultrapassa as 25 a 30 semanas anuais, exactamente por estar condicionada pelo consumo — e este, não só pela temperatura, como também pelos hábitos de alimentação.

O português é um fraco consumidor de gelados — afirma o respectivo director — **Ao passo que, nos Estados Unidos da América, o consumo per capita se eleva a alguns quilos, em Portugal não ul-**

trapassa os 300 gramas. Mesmo assim, com a tendência para a uniformização dos hábitos alimentares, é de esperar que este número aumente consideravelmente. Há 10 anos, não ia sequer além dos 50 gramas.

Quer o gelado industrial, quer o artesanal (de que faz parte o tradicional cone que os vendedores ambulantes apregoam na rua, são feitos, basicamente, a partir das mesmas matérias-primas, das quais o leite é a principal. Os outros componentes são, açúcar, glucose, baunilha, estabilizadores e concentrados de frutas. Não só a percentagem dos ingredientes, como o próprio processo de fabricação, permitem variações consideráveis no aspecto e, sobretudo, no sabor do produto apresentado ao público.

FABRICO

O leitor que entre numa pequena geladaria onde se vendam gelados ao balcão pode, facilmente, verificar com os seus próprios olhos o modo de preparação do produto. Operações fundamentais são a mistura e a homogeneização, feitas em muitos casos, ainda manualmente, tal como uma dona de casa bate a massa para um bolo.

Numa grande fábrica, o

processo é bastante mais complicado. A primeira fase consiste na mistura de todos os elementos, depois de devidamente analisados em laboratórios bacteriológicos que, nos ter-



Embalagem do «gelado de passeio»

mos de lei, servem obrigatoriamente de apoio à fábrica. A mistura realiza-se em grandes tanques, após o que a massa é conduzida a um recipiente onde é pasteurizada e homogeneizada, até obter uma textura agradável. Segue-se uma fase de maturação durante a qual a massa é conservada à temperatura de 4 graus. Passa depois às máquinas-mol-

Texto
de
REGINA LOURO
fotos de
NELSON DE VASCONCELOS

des onde sofre várias fases de arrefecimento e adquire a consistência final. O produto é apresentado ao público em copos ou sob a forma de «gelado de passeio», que mais não é do que o habitual gelado munido de pauzinho.

«Gelado de passeio» e cone (chamado generalizada e imprópriamente «sorvete») são os dois tipos mais consumidos. Esta preferência da procura é determinada por razões quer de comodismo, quer económicas. Aproximando-se no preço, divergem no entanto no processo de fabrico (o primeiro, de tipo industrial, e o segundo, artesanal), no sabor, na apresentação e — dirão os respectivos fabricantes — na qualidade...

CONCORRÊNCIA

A venda em cones exige condições higiénicas que normalmente não existem, até porque o gelado é manuseado no próprio local. O produto que sai da fábrica confeccionado tem, pelo contrário todas as garantias de higiene.

Este o ponto de vista do fabricante de gelados de passeio. O pequeno artesão do gelado em cone defende, por sua vez, o seu produto.

O facto de estarmos sujeitos a uma rigorosa fiscalização deve ser, só por si, garantia do respeito pelas regras de higiene no fabrico do gelado. É certo que o vendedor necessita pegar com as mãos do cone, mas terá o cuidado de apenas tocar na base, que depois se deita fora. De resto, os padeiros também agarram o pão com as mãos e parece que ainda ninguém morreu por causa disso...

Por sua vez, os vendedores estabelecidos ou ambulantes reconhecem que o gelado em cone é muito mais procurado.

Muitas vezes, o que

pas, desde o perturbar a digestão até ao fazer estalar os dentes. Ou então as queixas: «**Agora, não há dez tostões que parem lá em casa!**» Exigir às crianças que compreendam isso é que se torna excessivo.

— **O mamã, eu hoje não preciso almoçar: dá-me só gelados e já não gastas mais dinheiro comigo.**

DISTRIBUIÇÃO

A um nível económico e social modesto, o gelado é ainda considerado uma guloseima. É por isso que os principais consumidores são as crianças. Os directores da fábrica com quem contactámos acreditam, no entanto, que a utilização do «ice-cream» como sobremesa se generalizará entre nós, tal como acontece em tantos outros países. Daí depende o crescimento da respectiva indústria, cujo volume de produção tem sido, mesmo assim, consideravelmente incrementado.

Regista-se um aumento de 15 por cento por ano. Estamos a produzir um milhão e quinhentos mil litros de «ice-cream» por ano. Qualquer fábrica na Inglaterra ou na Alemanha produz muito mais — mas não podemos esquecer-nos de que, entre nós, a indústria é recente. Através de amplas campanhas de promoção (a que estamos a fazer actualmente custa-nos cerca de 800 contos) e da introdução de novos sabores e aromas (a novidade é um factor essencial) contamos incrementar bastante a procura. Mas não podemos esquecer-nos que ela depende, em boa parte, do poder de compra e dos hábitos alimentares do público.

A partir da fábrica, que abastece, além do Continente, os Açores e a Madeira, o gelado é distribuído por grandes depósitos, situados nas zonas estratégicas sob o ponto de vista de vendas — Lisboa, Porto, Coimbra, Évora e, brevemente, Lagos. Esses depósitos encarregam-se, por sua vez, de distribuir o produto por toda a área situada no respectivo raio de acção. Vendedores directos são os postos, os estabelecimentos que se dedicam à venda de outros produtos alimentares (cafés, em especial) e os vendedores ambulantes.

VENDA

A existência destes está ligada às próprias características dos grandes locais de venda — as praças. Eles permitem satisfazer comodamente a sede do comprador que, estendido na areia, apenas necessita levantar um braço para chegar ao gelado.

E há, também, os vendedores ambulantes que se deslocam através da cidade, e, ao mesmo tempo que apregoam gelados, exibem pacotes de amendoim, pipocas e bolacha baunilha. Estes vendem por contra própria. Os carros que utilizam para transporte e conservação custam, em média, 15 contos.

O negócio rende? — **Então, se não fosse rendendo, acha que a gente andava cá?**

São os mesmos que vendem castanhas, quando o Outono chega e o consumo de gelados começa a diminuir, até morrer no frio do Inverno.

ATLANTICA LINE

Serviço totalmente contentorizado

NEW YORK
BOSTON
NORFOLK
PHILADELPHIA

o porta-contentores «Atlantica Livorno»
em 13 do crte.

— recepção permanente de carga em contentores —

Os Agentes Gerais:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRACA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 TEL. 380058 382288
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE COIMBRA

Area de Jurisdição:

Distritos de Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu

Rua da Sofia, 139-4.º

COIMBRA

ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Usando da faculdade que me confere o artigo 39.º, n.º 1.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Organismo para o dia 12 de Maio de 1972, pelas 20.30 horas, no salão de festas da F. N. A. T. — Rua António Granjo, 6, em Coimbra — com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

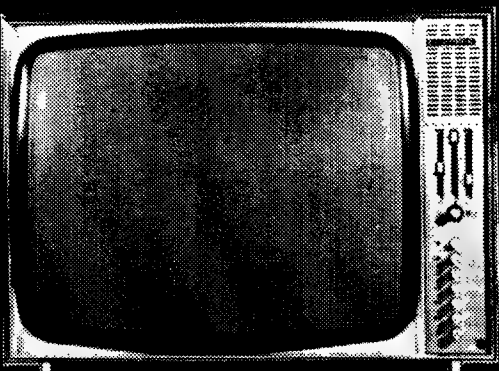
Leitura, apreciação e aprovação do relatório e contas da Direcção, referentes ao exercício de 1971.

Se à hora marcada não comparecer número legal de sócios, funcionará a Assembleia uma hora depois, com qualquer número

Coimbra, 28 de Abril de 1972.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Horácio Pinto**

OLIMPIADAS'72



GRUNDIG

1972

a qualidade... e a forma perfeita

ANGARIADOR-Tipografia

PRETENDE CASA PRESTIGIOSA DO NORTE.
DE PREFERÊNCIA COM EXPERIÊNCIA DO
RAMO. CARTA À N/ DELEGAÇÃO DESTA
JORNAL NO PORTO AO N.º 231.



Flores, aroma e pele aveludada com Magistral de Guerlain-Paris

Em frente do espelho para uma melhor limpeza da pele

A limpeza da pele é uma das chaves para que o rosto feminino conserve um aspecto fresco e jovem. Damos em seguida, algumas regras para a fazer correctamente partindo da escolha do produto que seja mais adequado a cada tipo de pele.

A pele respira numa proporção mínima, mas transpira abundantemente. Segrega, além disso, de dia e de noite, uma gordura protectora e eliminadora de impurezas, o sebo. Essas funções não podem efectuar-se completamente durante o dia, porque os poros se encontram obstruídos pela maquilhagem e pelas impurezas do ar. É indispensável, portanto, que os poros fiquem libertos durante a noite, para permitir a eliminação de gorduras e da água.

Tal não implica, no entanto, que se tenham de renunciar a cremes para a noite, de que sómente as peles gordurosas podem prescindir; as peles secas, pobres em água e gorduras, necessitam da aplicação nocturna de um creme nutritivo e hidratante, cujo excedente deve ser retirado decorridos vinte minutos, com um lenço de papel.

A escolha dos produtos para remoção da maquilhagem depende do tipo de pele e também das características da maquilhagem a tirar. As peles secas reclamam leites hidratantes à base de lanolina e de outras substâncias suavizantes.

As peles muito desidratadas podem substituir o leite de limpeza por óleo de amêndoas doces.

As peles gordurosas podem beneficiar da aplicação de produtos, à base de limão.

Para remover a maquilhagem muito «espessa», um creme gorduroso do tipo cold

cream, é mais eficaz do que um leite de beleza. Uma vez retirada a camada mais espessa, pode utilizar-se, o leite para refrescar a pele.

Sómente certas peles suportam a limpeza com água e sabonete. Porquê? Porque para se defender das impurezas do meio ambiente, quer dizer, para opôr uma barreira eficaz contra todo o tipo de possíveis infecções, a pele deve conservar a sua percentagem de acidez natural que a maioria dos sabonetes, muito alcalinos, destrói. Se a pele não é demasiado seca ou muito sensível, pode suportar sem problemas a aplicação de um sabonete bem escolhido: com lanolina para as peles normais e com ácido ou enxofre para as peles gordurosas.

Se, como acima referimos, o sabonete nem sempre se torna aconselhável, a água, pelo contrário, é uma perfeita aliada da nossa pele, desde que esteja liberta de impurezas e não seja calcária (água mineral por exemplo ou água boratada para as peles gordurosas). Utilizada de manhã ou à noite nas lavagens ou em vaporizações, fecha os poros.

Qualquer que seja o método escolhido para remover a maquilhagem é sempre necessário passar pelo rosto e pelo pescoço, um algodão embebido numa loção tonificante que cerrará os poros.

CONSELHOS

1) Lavar as mãos antes de retirar a maquilhagem.

2) Proteger os cabelos com um lenço para poder aplicar o produto escolhido até à raiz dos mesmos.

3) Aquecer o produto, mantendo-o por momentos na mão a fim de que se torne mais fluido.

4) Dois processos se impõem para a remoção da maquilhagem: a) um especial para peles delicadas e congestionadas em que se deve distribuir o produto com leves massagens no rosto e no pescoço. Deve-se fazer uma aplicação uniforme com algodão humedecido, realizando movimentos circulares e ascendentes; b) outro que consiste na aplicação do produto com um algodão.

5) Nunca ir para a cama sem remover a maquilhagem.

6) Nunca esquecer o pescoço.

7) Não esfregar a pele.

8) Não remover a maquilhagem com um algodão seco.

9) Não considerar o produto de remoção como um tratamento, tirando-o, portanto, sempre, antes de adormecer.

10) Nunca espremer os pontos negros, porque ao fazê-lo só se está a contribuir para o seu rápido reaparecimento.

11) Não utilizar a água quente para lavagens do rosto, uma vez que ela dilata os poros.



RECEITA VAQUEIRO

INGREDIENTES

250 gr. de carne de porco
250 gr. de carne de vaca
250 gr. de carne de carneiro
150 gr. de toucinho
2 colheres, das de sopa, de Vaqueiro
8 bolachas de água e sal
2 ovos
Sal, pimenta e pão ralado, q.b..

PREPARAÇÃO

Passam-se, pela máquina de moer, as carnes, o toucinho e

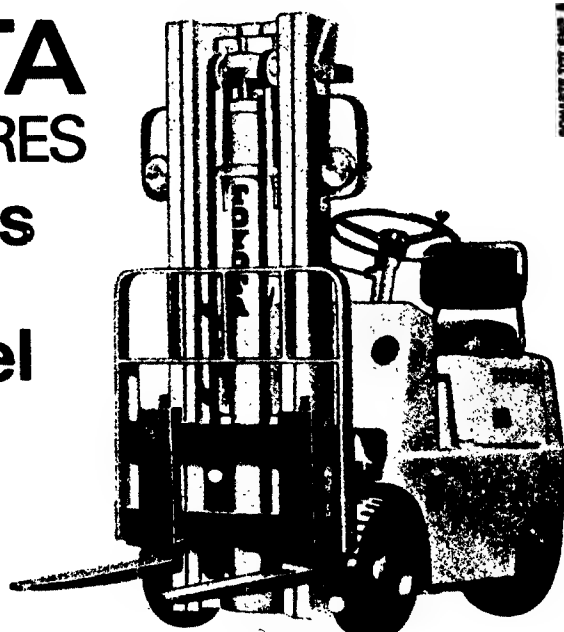


as bolachas. Juntam-se-lhes os ovos, a margarina, o sal e a pimenta. Mistura-se bem amassando com as mãos. Forma-se com a massa um rolo que se coloca num tabuleiro untado com margarina. Leva-se ao forno para cozer, em lume regular, durante 40 minutos. Em meio da cozedura tapa-se com um papel untado, para a crosta não ficar demasiadamente queimada.

Serve-se cortado em fatias rodeando montinhos de couve flor cozida e temperada com margarina derretida.

TOYOTA EMPILHADORES eléctricos a gás e a diesel

SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA—
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA—
Av. da República, 45, 7.º-Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88



TOYOTA uma força nova para a indústria

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António José Matos da Cruz, Vivenda Conceição-Baratã, ALBOA.

Aos quatro ventos

O MÉXICO E AS BALEIAS

O «Christian Science Monitor», que é o único diário realmente nacional nos Estados Unidos, publicou um editorial elogiando o presidente Echevarría Alvarez, do México, por ter contribuído para salvar 5 000 baleias cinzentas, protegendo-as nas baías mexicanas.

Quando os russos e os japoneses põem em perigo a existência desta espécie, o México, albergando nas suas águas 5 000 exemplares, dá ao mundo um exemplo digno de elogios. E o «Christian Science Monitor» termina, dizendo: É justo divulgar este triunfo. Mas, não podemos dar-nos por satisfeitos, visto que há 800 espécies de aves e de peixes em perigo».

COMO AS MULHERES

George Bernard Shaw lamentava-se um dia a um seu amigo porque o seu editor alemão lhe havia traduzido mal uma obra sua.

— Não há nada a fazer! — exclamou Bernard Shaw. — As traduções são como as mulheres!

— Que quer você dizer com isso? — perguntou-lhe o amigo.

— Que se são belas não são fieis; e se são fieis não são belas!

O HUMOR DE BALZAC

Honoré de Balzac, o grande romancista francês, gostava de vida regalada. Quando um velho tio que tinha, extraordinariamente tacanho, mor-



reu, deixando-lhe como herança uma soma apreciável, com a satisfação do dinheiro esqueceu-se de pôr luto. E assim, justificando-se, disse aos seus amigos:

— Ontem, às cinco da manhã, meu tio passou a ter uma vida melhor.

THEODORE ROOSEVELT

Um jornalista disse um dia ao então presidente Theodore Roosevelt que um senador, por sinal grande admirador do estadista norte-americano, lhe havia declarado:

— Teddy Roosevelt é o maior homem deste mundo.

Roosevelt mostrou os seus famosos dentes e piscando o olho, comentou:

— Nada tenho a acrescentar!

OS CHINESES E A GRAVATA

Os jogadores de ping-pong que recentemente estiveram nos Estados Unidos foram recebidos em Nova Iorque pelo respectivo governador, John Lindsay, que ofereceu a cada um deles uma gravata...

Mas, que vão eles fazer dela, se os chineses não usam gravata?

ROMPIMENTO

Arthur Johnson, de Chicago, deixou a noiva, Lizette Galland, horas antes da cerimónia nupcial. A conselho dos seus pais, Lizette processou o seu ex-noivo por quebra de promessa de casamento.

Interrogado pelo juiz, Johnson contestou:

— A última hora, compreendi que nunca poderia ser feliz com essa moça, porque é demasiado tímida.

— Tímida? — disse o juiz. — E parece-lhe que essa seja razão suficiente para a abandonar?

Ora dê-me um exemplo dessa timidez?

— Repare, Sr. Dr. Juiz: Nós devíamos casar às 11 da manhã e às 8 ela foi ao escritório onde está empregada para pedir ao chefe duas semanas de licença. «Porque» — perguntou-lhe o chefe. — «Porque vou casar hoje e o meu marido ficaria muito satisfeito em que eu o acompanhasse na viagem de núpcias» — respondeu Lizette.

TUDO EM ORDEM

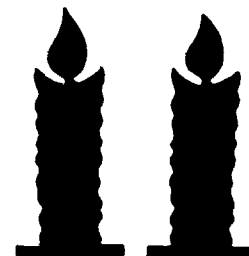
Em Sidney, na Austrália, detido pela polícia, conduzindo uma motocicleta, Alan Barlet, de 18 anos, pôs-se a gritar:

— Porque me manda parar? Ia com pressa. Tenho aqui a licença. Está tudo em ordem. Inclusivamente, tenho na cabeça o capacete a cujo uso a lei obriga.

Barlet foi preso, simplesmente porque estava completamente nu.

DESCONTO

20%



2.º ANIVERSÁRIO DOS

COLOSSAIS
Armazéns de
CASCAIS

RUA DO MERCADO, LOTE 7 — CASCAIS

UMA UNIDADE
DOS FAMOSOS

armazéns do
CONDE BARÃO

NAS SUAS COMPRAS DURANTE O DIA DE AMANHÃ

e ainda **UM BOLO GIGANTE** com dezenas de quilos e
CHAMPANHE SEM LIMITES

BRINDES, MUITOS BRINDES — COLABORAÇÃO ESPECIAL DOS PARODIANTES DE LISBOA — **DESCONTO de 20%**

EM TUDO, EXCEPTO
NA MERCEARIA
E COSMÉTICA



Chegou o Novo TRIUMPH DOLOMITE

Ele é um tratado de características invulgares,
um dos raros automóveis equilibrados, precisos
nas suas respostas e cheio de
acabamentos requintados.

Concebido para os entusiastas da condução
que desejam altas «performances» num carro
familiar de qualidade por preço acessível.
O poder de sugestão do novo Triumph Dolomite
é um convite às grandes deslocações de férias
e à descoberta de horizontes desconhecidos.

Cilindrada 1854 c.c.
Potência máxima: 95 HP (DIN) a 5.200 r.p.m.
Capacidade do depósito: 57 lts.



Em exposição e venda nos «stands» de:

J. J. GONÇALVES, SUCRS. AUTOMÓVEIS, LDA.
Lisboa — Rua Camilo Castelo Branco, 2-D
Porto — Rua da Constituição, 219
CAFER — Rua Júlio Diniz, 858—Porto

Joana a louca, louca de amor

Continuação da pág. 10

O encontro com os Reis Católicos tem o carácter de uma simples reunião de família. Mas os cordiais pais, vestidos quase com humildade, sondam gestos e olhares, tratando de descobrir que abismos se ocultam sob os veludos e a garrida da filha e sob as jóias e a frivolidade do genro. Não tardam a descobrir que Filipe, aliado da inimiga França, ambíguo e esquivo «em Espanha sente-se apenas como hóspede... um hóspede destinado a subir ao trono».

Joana é reconhecida como legítima herdeira de Castela e de Aragão, com todos os seus domínios; Filipe, também, só na qualidade de príncipe consorte. Mas Aragão impõe restrições: o príncipe formoso reinará se o seu matrimónio permanecer insólvel, se Joana não morrer, se Fernando não enviudar e contrair um novo matrimónio que proporcione um novo herdeiro à coroa.

Filipe sente-se enganado na sua ambição. Também ele é embusteiro em nome dos seus verdadeiros reinos: Borgonha e os Países Baixos. E é difícil nadar em águas contrárias. Impossível manter uma estratégia convincente, um equilíbrio sem compromissos entre a Espanha e a França, com a qual não lhe interessa malquistar-se. Decide partir. Obstina-se com esquivas teimosas. Porém, Joana está embaraçada. Isabel desenvolve um inumano plano político disfarçado de protecção materna: reter Joana, invocando o seu estado, para impedir a partida de Filipe. Porém, a decisão deste é inquebrantável: partirá, com a mulher ou sem ela.

Joana debate-se como um animal encurralado, entre o amor e a obediência, e como um animal encurralado dá golpes insensatos. Tenazes, ferozes zelos meio dominados ao longo de cinco anos, inconfessados desencantos, suspeitas de indiferenças e traições para com ela, seus pais e a sua pátria, estalam em reprovações, em injúrias, em borrascos cóleras e esgotante impotência; Joana, a dócil, a doce, a calada, a resistente, a passiva, não pôde deter a primeira pedra, incompreensivelmente movida pelos pais e marido, Empurrou-a com ira e com torpeza. A montanha inteira desmoronou-se-lhe sobre os seus débeis, desditos ombros.

AS PAREDES JUNTAM-SE

Agora já está só. Mas, que sucedeu? Repassa os factos, deteriora-os, gasta-os, sem conseguir compreendê-los. É possível que seu marido não a ame com a mesma ansiedade, com o desejo insaciável com que ela o ama? É possível que não sinta essa cutilada, essa mutilação que ela sente ao separar-se? Como pode seguir em frente sem se voltar? Mas não, ainda é tempo. Ainda pode arender-se e regressar. Neste momento, agora, neste mesmo instante em que Joana aspira com o pensamento, em que prende a brida do cavalo e o faz girar em direcção a Alcalá. Anda, corre, voa, já se o vê chegar! Mas não. Ninguem. O mundo está deserto, a terra é inútil e o horizonte sem Filipe é incompreensível. Só crueldade e silêncio. E seus pais, o sangue do seu sangue, atiraram-na para esta maldição! Não sabem acaso que pode morrer, que já lhe falta o ar e se converte em pedra? Quais são os seus propósitos? Dêx-la-ão partir alguma vez? Em quem pode confiar? Tudo foi um pretexto. Mas de quem? De Filipe, que ama outra e quer livrar-se dela? De seus pais que os querem separar? Onde está a verdade, onde, onde? Toda a palavra é suspeita. Todo o rosto é falaz. Todo o gesto equivale a matar.

Repartida entre dúvidas, desgarrada pelas desconfiças, as obsessões e o amor lastimado, precipita-se dos mais altos cumes do desespero na apatia mais inerte e doentia. Passa dias e noites imóvel, com o olhar fixo no vazio, sem tocar na comida. E logo se sobressalta, grita, chora, uiva como se lhe cravassem um punhal no meio das entranhas. A Corte, os médicos, Fernando e Isabel põem as suas esperanças no parto, no filho que deve nascer. Sobre tudo Isabel, a quem a sua rigidez não permite a complacência dos remorsos. Como sua filha, padeceria a tortura dos ciúmes ante os devaneios de Fernando, mas reprimiu-os e sublimou-os numa acção sem tréguas pela unidade da Espanha. O seu reino é a obra da sua vida e sua filha a continuará. A sua calma é o fruto da sua fé e sua filha a recuperará. Voltará aos seus deveres piedosos, afastar-se-á da corrupta Flandres; limitar-se-á a governar, ainda que tenha de se separar do seu consorte. Erro de uma rainha que punha os seus ideais de rainha acima dos ideais de qualquer mulher. E enganava-se.

Em 10 de Março de 1503 nasce Fernando. O seu nascimento não alivia as profundas atribuições de Joana que não passa de um impulso desencadeado para a Flandres. Porém, a Espanha e a França estão em guerra e a viagem por terra é uma empresa impossível. As alterações entre mãe e filha são quase diárias. Ambas estão doentes de doença e de obstinação. Para evitar males maiores, transferem Joana para o castelo de La Mota, junto a Medina del Campo. Uma vez ali, vê chegar o lento Verão e o interminável Outono, que lhe traz uma retardatária andorinha: uma mensagem de Filipe, chamando-a para o seu lado.

Já nada a detém. Ordena que se prepare imediatamente a sua equipagem, que a carreguem e ponham em marcha de baixo de escolta, e que o seu séquito se apresse: vão partir de seguida, sem esperar autorização da rainha Isabel. O bispo aconselha, discute, proíbe. Por sua ordem levanta-se a ponte levadiça, fecham-se as pesadas portas e chama-se a rainha-mãe.

Noites e dias passou Joana à intemperie, aferrada às grades, atirando para longe de si todo o abrigo, apertando os dentes em frente aos alimentos. Quando Isabel chega, encontra-a sacudindo os ferros, desgarrada, frenética, exausta, trémula. Leoa, corça, pombo, os seus uivos são como os da fera exasperada, os seus queixumes como os de animal ferido, os seus lamentos como os de pomba indecorosa. Isabel recorda sua mãe, a rainha louca, Isabel de Portugal. Sente piedade, espanto e vergonha. Também ela, Isabel de Castela, conheceu esse amor sem freios, esse desespero pelas possíveis aventuras amorosas do ausente, essa angústia doentia perante as amorosas privações. Mas teve pudor e teve conduta. Soube ser rainha.

Tranquiliza a filha, acalma-a com persuasões e promessas, instala-se junto dela para salvar a sua alma e o seu corpo. A resistência passiva, o grande poder de Joana ganha a batalha: em Março de 1504, a herdeira do trono, a dócil, a tímida, a susceptível, a angustiada Joana embarca em Laredo, quase como inimiga, quase como estrangeira.

PAPÉIS TRAIÇOEIROS

Enquanto navega até à sua nova pátria — os Países Baixos —, o mar é tempestuoso e, a viajante sabe que essas duras vagas que atravessa es-

tão a golpear sem cessar contra a sua infância, contra seus pais, contra a sua Igreja, contra a sua pátria. Eleger Fernando contra tudo, sem nenhuma reserva, é repudiar a estirpe e os deveres de uma infanta espanhola. Que lhe pode importar? O amor é a sua linhagem, a sua religião, o seu país natal. Sabe-o uma vez mais, comprova-o nesses braços que estão à sua espera no porto de Blankenberghe. Esquecimento, céu claro, desvario, fogueira e paraíso.

Ao chegar a Bruxelas, a segunda lua de mel já se desvanecia: Filipe é outro, distante e distraído. Joana averigua, indaga, espia, espreita. Há outra mulher. O seu instinto não tarda a identificá-la: é uma jovem dama da corte, de grande beleza e comprida cabeleira dourada.

Descobre a sua rival quando esta esconde uma mensagem entre as suas roupas. Lança-se sobre ela, morde, arranha, golpeia. A flamenga rasga o papel e devora os fragmentos. Joana agarra-a pelo cabelo e corta-lhe as sedutoras tranças. Com a mesma tesoura corta-lhe a cara desavergonhada. A crónica relata o que se segue: «Quando o príncipe D. Filipe teve conhecimento do sucedido, não o pôde suportar, e, correndo para junto de sua esposa, cobriu-a de censuras e impropérios, e há quem diga que chegou a pôr-lhe as mãos em cima». «E como a princesa D. Joana era uma mulher muito sensível, educada com grande delicadeza por sua mãe, sentiu-se tão profundamente ferida pelos maus tratos, que teve de recolher ao leito e pouco faltou para que perdesse a razão».

Joana está desconcertada: apostou toda a sua vida num vil engano. A realidade torna-se-lhe intolerável. A realidade ultrapassa-a. Decidida a actuar, a dominar essa realidade, atribui-a a bruxaria e luta com as mesmas armas. Para isso, tem ajudantes no seu séquito, mulheres mours, escravas peritas em feitiços de amor, na arte de atrair. Durante o tempo em que a deixam livre os seus ferozes acessos de ciúmes e as suas desesperadas exaltações, entrega-se às sábias mãos. As donzelas banham-na, lavam-lhe a cabeça várias vezes ao dia, ungem-na, perfumam-na, arranjam-lhe os vestidos, adornam-na, depositam-na sobre almofadas. O milagre parece produzir-se. Filipe, às vezes, cede, como que embriagado, mas exige o despedimento das escravas. Cada encontro é um abraço, uma disputa, uma despedida, uma carta de amor datada da «terrível» Joana.

Um dia Filipe impõe a sua vontade à viva força, expulsa as servas e encerra Joana nos seus aposentos. A resposta é bastante clamorosa. São noites de vigília matizadas por pancadas nas paredes e no chão, e dias de inanición total animados com alaridos, greves de fome e maldições. O amor de Joana enriqueceu os matizes do seu apertado, asfixiante drama: vivificou-se com os violentos contrastes do ódio.

Filipe, cujas amantes se multiplicaram, necessita justificar-se perante seus sogros, por causa dos boatos, dos mexericos e das famas que circulam de corte em corte. Ganhou a confiança do tesoureiro de sua mulher, designado pela própria soberana de Espanha, e consegue induzi-lo a apontar num diário, prolixamente, a conduta pormenorizada da infanta. Quando o volume atinge bastante espessura, envia-o, como um belo presente, a Fernando e a Isabel.

Apressou este diário o desenlace da enfermidade de Isabel? Enfrentou-o com culpas e

remorsos? Talvez que a este golpe moral se tenha juntado outro de índole política: Filipe, o imperador Maximiliano e o rei Luís XII, de França, ante a gravidade da rainha-mãe, firmaram um tratado. Estabelece este que, desaparecida Isabel, Fernando não será considerado rei de Espanha, mas apenas de Aragão. Este põe Castela nas mãos de Joana e, por conseguinte, de Filipe, e divide, assim, o reino unificado em tantos anos de lutas e sacrifícios.

Por um lado, Isabel não pode desapossar sua filha, e, por outro, não pode destruir a obra de toda a sua vida, abandonando-a aos caprichos de uma possível doente. Encontra uma conciliação: dispõe no seu testamento que Fernando seja regente de Castela até que seu neto Carlos atinja a maioridade, no caso de Joana estar ausente, ou de não querer ou poder reinar, e faz jurar a Fernando que não anularia os direitos de sua filha nem por um segundo matrimónio nem por nenhum outro motivo.

Em 26 de Novembro de 1504 morreu a grande rainha castelhana, Isabel, a Católica, beijando um pedaço de pedra procedente do sepulcro de Jerusalém.

A RAINHA MORTA...

«Castela, Castela, pela rainha D. Joana, nossa senhora!», gritam os chefes de armas em redor do estandarte, na praça de Medina del Campo. Fernando depõe o título de rei de Castela por sua própria vontade. Reune as Cortes, lê-lhes a cláusula adicional e, como Joana está ausente, jura na qualidade de regente. Porém, para ter o desempenho efectivo do seu cargo e evitar as oposições que começam a surgir entre os seus súbditos, dá a ler aquele diário que ilustra oprobiosamente o estado mental de D. Joana, e que Filipe assinou, com seu punho e letra, voltando, neste caso, a sua arma contra si mesmo.

«Essa comprida escritura em que se relatavam os acidentes e paixões e impedimentos que sobrevieram à rainha e a tinham fora do seu livre arbitrio», serviu já para duas traições: a do próprio marido e a do próprio pai.

Não contente com isto, Fernando pretende a cessão declarada do reino por parte de Joana. Para evitar esta perda, pela qual advoga a obediência e o respeito filial, Filipe isola-a de todos os compatriotas, de todos os possíveis amigos e emissários. A rainha prisioneira vê em cada flamengo um conspirador, um traidor usurpador dos seus domínios, um perigoso inimigo pago pelo seu próprio marido. O seu ódio cresce na mesma proporção do seu amor.

Entretanto, Fernando, pensando que ainda pode ter um filho varão que defina de uma vez por todas tão confusas situações, trata o seu casamento com Germaine de Foix, sobrinha do rei de França, cujo importante apoio procura atrair, de passagem.

Filipe decide deslocar-se a Espanha. Sua mulher exige que não tenha comitiva feminina para evitar a angústia de futuras rivais. Fazem-se ao mar. O acordo exterior é perfeito, mas os fins são opostos: o objectivo de Filipe é apropriar-se do reino de Joana; o desta, é evitar a todo o custo que Filipe, um estrangeiro, tenha poder sobre Castela.

A partir do próprio momento do desembarque, essa mulher, a única entre dois mil homens, vestida de negro e com o rosto impenetrável, anuncia firmemente a sua inflexível decisão: foi ali para se avistar com seu pai, para lhe pedir conselho, e não para lhe arrebatá-lo o domínio dessas terras.

Filipe e Fernando avançam

cada um ao encontro do outro: o primeiro, quase como um invasor, com o seu exército armado, disfarçado de escolta; o outro, colocando guardas avançadas para o ataque e defesa nos pontos mais estratégicos. A única que joga limpo é Joana, encerrada entre dois fogos: não assinou nenhum documento nem contra nem a favor de seu pai, não participou de actos oficiais, não quis receber homenagens. Esta atitude acarretou-lhe vigilâncias cada vez mais estreitas; tanto que por toda a Espanha corre o boato de que a rainha viaja prisioneira.

O encontro real tem lugar, mas ambos os homens prescindem totalmente de Joana. Um ponto comum sela esse acordo, no qual Filipe exige Castela e Fernando condescende: Joana está louca, Joana é incapaz de reinar devido às «suas enfermidades e paixões, que não se expressam com oprobiedade», e pai e marido estão decididos a aliar-se e a colaborar contra qualquer pessoa que queira opor-se a esta «voluntária» capitulação. O pai, que teme perder o reino pela adesão que o povo demonstra a Joana, e Filipe, que teme perdê-lo por espontânea renúncia de Joana ou por oposição às suas pretensões de estrangeiro, uniram-se numa abjecta deslealdade: daqui por diante, como até agora, Joana será declarada alternativamente louca ou cordata, de acordo com as necessidades do pai ou do marido. O velho e astuto rei de Aragão, a quem, mais tarde, Maquiavel tomará por modelo para o seu Príncipe, renuncia a Castela sem muita pena: sabe que será chamado pelos seus antigos súbditos ao primeiro deslize do seu genro. Deslize e chamada são inevitáveis. É um cálculo a curto prazo e qualquer pateta o sabe.

NAS TREVAS

Enquanto a razão arde entre múltiplas contradições, o instinto de Joana mantém-se à espreita. Aguçada a vista e o olfacto à medida que se condensam as trevas e a ressaca empestia. Está alerta e entrega-se a averiguações entre a abundância de intrigas e intenções contrárias. De qualquer maneira, sabe que Filipe aguarda apenas que o povo a reconheça como rainha e a ele como consorte para lhe arrebatá-la coroa (não pode tirar-lhe o que ela ainda não tem), e para a sepultar definitivamente nalgum recolhimento fortificado. Dilata esse momento, resistindo a entrar em toda a cidade que tenha torres, muralhas, fortalezas. Chega até a fugir desenfreadamente, cavalcando através dos campos. Reage perante os enganos e as intimidações com dignidade de rainha, com ardis de estratega, com teimosia inquebrantável. Porém, acaba por ceder ao que legitimamente lhe corresponde. A cerimónia tem lugar em Valladolid. Ao entrar na cidade, os estandartes reais aguardam-nos. A nova soberana ordena que retirem um deles: só ela é a rainha, só diante dela deve ondear o pendão de Castela. Sobre um cavalo branco com xairéis de veludo negro, vai vestida de negro, com coifa negra e espesso véu negro caído sobre a alva face, como a funesta emissária de um tempo de trevas.

Terminado o juramento, Filipe pede às Cortes que o autorizem a internar a rainha. A petição é recusada: a rainha expressa-se com coerência, às vezes com alguma extravagância, as suas atitudes são algo desconcertantes, mas ninguém acredita na sua demência.

Retomam novamente a marcha, um pugnando por alcançar as torres, a outra negando-se a chegar a elas e fugindo

obstinadamente pelos campos. Ao chegar a Burgos, Filipe sente-se mal. Tem calafrios, depois febre; a seguir aparecem vômitos, inchaço no pescoço e manchas negras, como se se tratasse de varíola. O ódio de Joana desaparece. Dos dois terríveis sentimentos que desgarraram a sua vida nos últimos anos, fica só o incomensurável, desesperado amor. Começam as longas vigílias e a luta denodada contra a morte.

Seis dias depois, em 25 de Setembro de 1506, Filipe, o inconstante, Filipe, o implacável, Filipe, o cruel, Filipe, o intransigente, Filipe, coração de pedra, fugia definitivamente dos braços de Joana, deixando somente uns restos roídos pela peste.

ALTAS TORRES

Os testemunhos da reacção da enamorada perante a tragédia são contraditórios. Uns falam na sua total indiferença; outros mencionam os olhos sem lágrimas e a expressão petrificada; a maior parte alude aos alaridos e às alienadas efusões.

Conta a lenda que se vestiu de luto, e até de monja, e que transbordou durante muito tempo, coberta de pó e andrajosa, o ataúde de seu marido por todos os caminhos de Castela, em companhia de quatro bispos e clérigos e monges de diversas ordens. Acrescenta a lenda que a comitiva caminhava durante a noite e que, durante o dia, Joana ordenava que se abrisse o «féretro e abraçava-se aos joelhos do cadáver «com os mesmos extremos de carinho como se estivesse com vida». A crónica histórica, que não admite a sua loucura, assegura que só duas vezes abriu o ataúde, na Cartuja de Miraflores, aonde se encontrava: a primeira para comprovar se, com o coração de Filipe, que fora levado para a Flandres, não tinha também desaparecido o resto dos despojos; a segunda para comprovar se, realmente, aquele corpo, irreconhecível por baixo do sudário, era, na verdade, o corpo do seu Filipe, e levá-lo para Granada, lugar que ele próprio havia escolhido para sepultura. E, a partir de então, intenta levá-lo, como dever sagrado, em longa e nocturna travessia.

Tem vinte e seis anos e sente que a sua vida terminou.

E terminou. Seu próprio pai assim o determina: encerra-a, sem atender seja ao que for, no castelo de Tordesillas, perto de Valladolid. Ali fica definitivamente sepultada. Essas duras torres, essas distantes torres, esses baluartes inexpugnáveis que tanto havia temido na sua alienada peregrinação com Filipe, o Formoso, são a fachada da sua morada. Lá dentro há apenas frio, gélidas ressonâncias, solidão insondável.

Quarenta e seis anos de interminável vida passou Joana, prisioneira patética, dedicada a jejuns, a meditações, a insónias, a torpores, dormindo no chão e comendo sobre ele. De vez em quando lava a cara, muda de camisa e, às vezes, disfarça-se de rainha.

Os seus carcereiros sucedem-se, depois de Fernando, seu pai, Carlos V, seu próprio filho. Dinastia do seu sangue, dinastia das suas correntes. Em contrapartida, os seus companheiros são os mesmos, os mortos que ainda crê estejam vivos, os poucos dias de felicidade que todos os dias desenterra, as muitas noites de desdita que se confundem em anos monótonos, em séculos, até onde a recordação alcança e até onde chega o porvir.

Morreu em 22 de Abril de 1555, aos setenta e cinco anos de idade. A sua única testemunha solitária, o castelo de Tordesillas, desapareceu da Terra. O coração da rainha repousa em Granada junto ao incombustível coração de seus pais e junto ao rei que não tem coração: Filipe, o Formoso, o rei drápico do seu coração.

O ÚLTIMO

RALLY DE MONTE-CARLO e PISTA DE ENSAIO DE MIRAMAS

em cinema na Sala de Projeções da Feira Internacional de Lisboa (F. I. L.), na próxima 3.ª-feira, dia 9, pelas 18H00.

com a colaboração dos pneus «KLEBER»

—ENTRADA GRATUITA—

PERDIZES E FAISÕES

PARA CRIAÇÃO
COMPRO QUALQUER QUANTIDADE

Júlio Campos

VIVENDA FERNANDA

Travessa do Norte — Alcabideche — Cascais

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEE

A CONFIDENTE

RE A LEO OIRO, 292, 1.ª Esquina com o Rio
TEL. 369.384.5.6

AOS EXPORTADORES DE FRUTAS E VEGETAIS

NEGOCEIE COM UMA ORGANIZAÇÃO
ENTRANDO NO MERCADO COMUM

THE METRO EXPRESS LAB.º GROUP
FRUIT — VEGETABLES — IMPORTERS

ESCRITÓRIO:

8. Victor House, Barlhouregh Garden

London, N. 20 England

Tel. 01-368-7484. 5 linhas

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 7 A 13 DE MAIO



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Acontecimentos imprevistos no domínio afectivo exigirão uma revisão dos seus projectos neste capítulo; seja objectivo. Um pouco de solidão é por vezes necessária para encontrar a solução dos problemas a resolver; aproveite este momento para fazê-lo.

DINHEIRO: Mantenha os seus projectos tais como foram estabelecidos, sem exigir deles mais do que eles podem dar-lhe. Por outro lado, renuncie a satisfazer certas ambições, demasiado supérfluas e inúteis.

PROFISSÃO: Será aconselhável que procure manter um certo equilíbrio nas suas actividades profissionais, pois de contrário estas poderiam desorganizar-se, com manifesto prejuízo para si, e para aqueles que estão na sua dependência.

SAUDE: Período de nervosismo, irritação ou mau humor; indisposição física e febril.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Os astros lhe prometem esta semana alegrias em amor; tudo coincide, a fim de lhe proporcionar «chances» inesperadas e o fim de obstáculos. Satisfações sentimentais no quadro da vida familiar.

DINHEIRO: Continue os seus esforços no sentido de equilibrar a sua situação pecuniária e profissional. Tudo quanto se refira a dinheiro ou bens alheios pode merecer a sua atenção. Se for cauteloso poderá encontrar-se em condições de tirar proveitos financeiros dos seus próprios esforços.

PROFISSÃO: Dedique-se de preferência aquilo que deseja realizar bem e depressa, porque na rapidez com que reside o seu sucesso. Isto diz respeito particularmente às actividades profissionais quotidianas.

SAUDE: Terá necessidade de uma grande actividade física, sábia e repouso; consagre seus lares a passeios e a desportos vigiçantes.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Sucesso parcial num assunto sentimental, porque lhe falta paciência e adaptação às ideias da pessoa amada; em todo o caso seja paciente. Procure ser compreensivo no quadro familiar e afectivo.

DINHEIRO: A mediocridade dum companheiro de trabalho decepciona-o; evite comprometer-se ainda mais com ele, num empreendimento cujos maus resultados não deixam dúvidas.

PROFISSÃO: Evite as decisões bruscas, súbitas. O atraso numa deslocação projectada não é desfavorável, visto que lhe permitirá rever os seus planos e modificá-los se isso se tornar necessário.

SAUDE: Não são de reear preocupações de saúde durante a semana em curso.

horoscopo

pelo
astrologo
HORUS



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: A vida amorosa e familiar não será muito prazenteira. Haverá sem dúvida um afrouxamento no plano sentimental. A tensão poderá ser muito grande. Possibilidade de divergências de opiniões quanto ao que deve ser feito. Procure ser mais compreensivo do que é costume, pois só terá a ganhar com isso.

DINHEIRO: Seria conveniente não se envolver em problemas financeiros alheios. Não empreste dinheiro nem assine títulos de favor. Se o fizer, ver-se-á em apuros. A sorte não o favorece em matéria de finanças. Deste modo, é de toda a conveniência examinar as despesas e não assumir encargos monetários sejam eles de que espécie forem.

PROFISSÃO: As influências astrológicas indicam que terá uma actividade profissional sem dúvida bastante desenvolvida e sob certos aspectos enervante. Se usar de calma e ponderação poderá obter alguns resultados consideráveis. Observe os detalhes. Seja prático. Faça uma coisa de cada vez, e bem feito.

SAUDE: A semana em curso apresenta perigos no que diz respeito à saúde, pelo que será aconselhável tomar as precauções aconselháveis pelas circunstâncias.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: A semana será um pouco difícil, mas isso não impedirá que atinja os seus fins, se souber mostrar tenacidade. Entretanto, mostre-se mais compreensivo em relação a uma pessoa que o estima e cuja sinceridade não deve ser posta em dúvida.

DINHEIRO: Satisfações devidas a uma organização racional dos assuntos pecuniários e profissionais. Conte consigo próprio, porque o êxito depende principalmente da sua habilidade pessoal.

PROFISSÃO: Não deixe atrasar a sua correspondência porque se arrisca a atrair a inimizade de um parente que aguarda notícias suas. Conceda toda a atenção aos seus afazeres profissionais.

SAUDE: Possibilidades do seu estado de saúde registar durante esta semana algumas pequenas indisposições sem importância de maior.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: E no ambiente familiar que encontrará, principalmente, neste período, mais satisfações. Procure inteirar-se dos problemas que com ele se relacionam; possui a compreensão necessária para isso. Uma atitude compreensiva no quadro familiar valer-lhe-á uma amizade.

DINHEIRO: Pode conseguir, no quadro material a feliz conclusão dum negócio ou empreendimento. Agradáveis deslocações em perspectiva.

PROFISSÃO: Período calmo no trabalho profissional. Tendência profissional um pouco frouxa, mas regular no seu desenvolvimento. Tirará partido dos contactos humanos que adquiriu durante a sua actividade profissional recente. Boas perspectivas de êxito para o futuro material e profissional.

SAUDE: Se viver racionalmente estará livre das enfermidades, durante esta semana.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Propício às boas harmonias, bem como para resolver os assuntos relacionados com os interesses familiares. Benéfico para efectuar matrimónios. As amizades podem contribuir para o seu bem-estar e segurança.

DINHEIRO: Todas as diligências que fizer serão correspondidas financeiramente. Não seja sentimentalista e defenda os seus interesses, pois pode tirar partido da posição favorável que se aproxima.

PROFISSÃO: Optimo para pôr em prática os seus conhecimentos. Não hesite e proceda de maneira a não deixar em dúvida os seus méritos profissionais. Indicado para atingir maior desenvolvimento. Aja com energia e não deixe passar despercebida a oportunidade deste bom aspecto semanal.

SAUDE: Passará por um período auspicioso em relação à saúde. Os nativos desta influência zodiacal que se encontram doentes terão sensíveis melhoras repentinas.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: As influências astrais referentes aos assuntos amorosos são magníficas. Boas perspectivas familiares, alegria e boa disposição. Haverá entusiasmo no prosseguimento do seu objectivo. A espiritualidade deixará boa impressão no meio das suas relações sociais.

DINHEIRO: Altura propícia aos assuntos financeiros. No círculo científico ou mental haverá boas compreensões, e compensações. Das viagens empreendidas neste período de tempo adquirirá bons interesses.

PROFISSÃO: Favorável para alargar o seu âmbito de actividade. Os problemas profissionais terão neste período aceitáveis e interessantes resoluções. Tudo o que tentar dará resultado e satisfação.

SAUDE: Nada de contrário se passará neste campo. Melhoraria no seu estado físico.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: O período é de romance. Os seus sentimentos serão demonstrados e afectuosos, boas expressões de amor. Porém, uma vez ferida a sua dignidade, responderá de uma forma arrebatada, deixando transparecer a sua cólera.

DINHEIRO: Podem surgir interesses monetários inesperados. As despesas durante esta semana serão motivadas especialmente pelo capricho e sómente algumas delas pela necessidade.

PROFISSÃO: Na actividade profissional há possibilidades de receber pequenas ajudas e de beneficiar de protecções ocultas. Não arranje complicações, pelo contrário, deixe que tudo passe calmamente.

SAUDE: A neurastenia será a causa das suas indisposições de saúde, aliás o reumatismo poderá fazer sentir os seus efeitos.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Tente usar de compreensão para com os seus. Não insista demasiado em presença de dificuldades e admita a possibilidade de que nem sempre tem a razão a seu favor.

DINHEIRO: Período flutuante. Alternativas de altos e baixos. Alguns empreendimentos frustrados. Não se deixe ultrapassar pelos acontecimentos. Todas as hesitações lhe serão prejudiciais.

PROFISSÃO: E conveniente não fazer alterações sejam de que espécie forem. Continue firme nos seus propósitos profissionais e não pretenda introduzir um grande desenvolvimento nos seus empreendimentos, nem crie novas responsabilidades, pois o momento não lhe traz garantias nem resultados.

SAUDE: Irritações nervosas serão a principal causa da sua falta de saúde. Na verdade, se não levar tanto a peito os seus problemas não terá grande motivo de queixa.



AQUARIUS

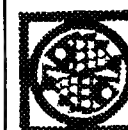
(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Semana de amizades e notáveis intuições que serão causa de sucesso e bem-estar na sociedade e em relações com amigos. Altura de maior popularidade, harmonia doméstica e amizade que serão de longa duração. Disposição amável e espírito maleável.

DINHEIRO: E favorável aos bons apoios financeiros. Poderá obter protecção de pessoas superiores e progredir nos negócios ou empreendimentos, e para tirar partido de assuntos originais relacionados com o psiquismo e metafísica.

PROFISSÃO: As coisas caminham melhor. Andará com melhor disposição e terá maior interesse nas suas ocupações. Êxito nos empreendimentos e benéficos resultados no tratamento com pessoas do comércio para activar os assuntos destinados a melhorar a sua posição social.

SAUDE: As preocupações durante o presente período são os incómodos habituais. Isto é, os antigos males que podem voltar à actividade.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Bons entendimentos familiares e harmonia nos casos amorosos e na vida conjugal. As boas influências magnéticas de que beneficia proporcionarão-lhe alegria e compensações no seu meio amistos.

DINHEIRO: Alcançará alguns lucros e adiantamentos por conta de projectos e negócios em perspectiva. Vantagens na proposição das suas ideias.

PROFISSÃO: Os negócios em projecto terão boa realização se forem tratados debaixo de boa intenção e, sobretudo, se tiverem o cunho da sinceridade. A profissão que tiver presentemente caminha sob um aspecto progressivo.

SAUDE: Pode sofrer de abalos causados pela satisfação de sensacionais notícias recebidas.



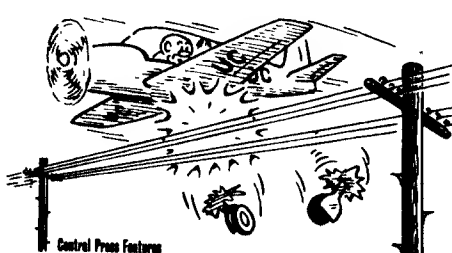
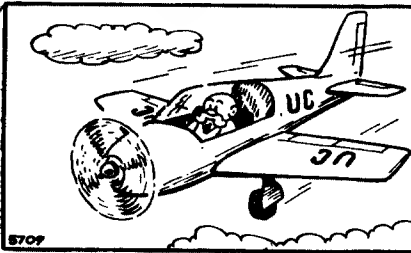
CASANOVA

O feliz cavalheiro chama-se Valentine Palmer, actor desconhecido que de repente se tornou muito popular na Inglaterra: é o intérprete de «Casanova», peça que está a ser representada em Liverpool e que dentro em pouco estará em Londres, para uma temporada que se prevê das mais rendosas. Com Valentine Palmer aparecem cinco das encantadoras actrizes que com ele colaboram para o brilho do sensacional espectáculo. (Exclusivo «SUN»/«DL»)



CAROL DAY — Emergency!

by David Wright



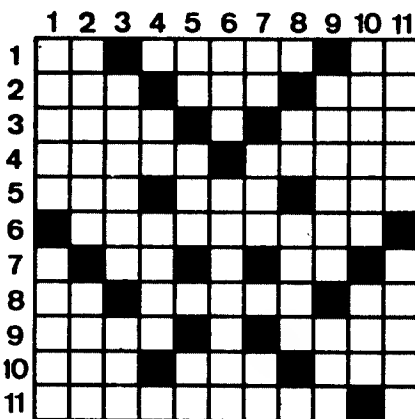
palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 10 081

COM PROVÉRBO

HORIZONTAIS:

- 1 Falsa. Tempo do verbo ser Brisa.
- 2 Ave também chamada nandu. Nome de vários papas. Novecentos e um em romano.
- 3 Variedade de figos redondos e pardos (Algarv.). Feminino de dois.
- 4 Desertos. Tablado.
- 5 Senhora. Fútil. Bigorna de aço sem hastes.
- 6 Dilataremos.
- 7 Campeão. Pertences.
- 8 Mulher criminosa. Gostais muito de. Letra grega.
- 9 Levantar. Pássaros.
- 10 Estilo (fig.). Fedor (Bras.). Tempo do verbo ir.
- 11 Irritaria.



VERTICAIS:

- 1 Ocasões. O mesmo que bir-mã.
- 2 Apoio. Pronome pessoal (pl.).
- 3 Esquadra. Preposição e artigo definido. (pl.).
- 4 O sono das crianças. Rio da Alemanha, que nasce no Tirol.
- 5 Abreviatura que se usa em música. Ecoa. Amónio (sq.).
- 6 Miadela. Pessoa de pouco juízo, ingénua (fig.).
- 7 Acto de dormir (T. infant). Nome de um espírito na macumba (Bras.). Abreviatura de Alentejo Real.
- 8 Oferece. Planalto vulcânico no México.
- 9 Instruídos. Caminho.
- 10 Dás mensagens a. Preposição.
- 11 Zombarias. Aponiam a arma contra.

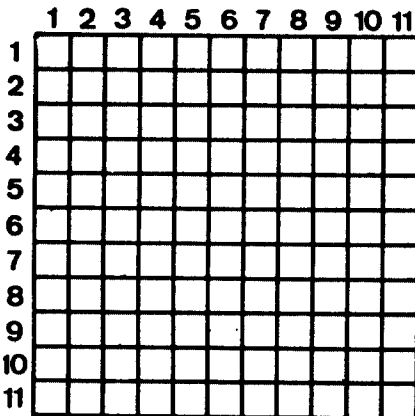
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6239

HORIZONTAIS:

- 1 Nome de frutos. Resmungar (Prov.).
- 2 No Malabar, chefe de pescadores, piloto ou capitão de porto. Cabo, que sustenta a verga no gupép.
- 3 Auxílio moral (fig.). Lá. Rio de França e da Bélgica.
- 4 Freguesia do concelho de Sernancelhe. Acarinha.
- 5 Prefixo que designa ar. Joeria.
- 6 Magoado.
- 7 Artigo definido. Soltara gritos de dor (Bras.). Frei (Abrev.).
- 8 Forno (fig.). Aldeia da Itália.
- 9 Rio dos Estados Unidos. O mesmo que alime.
- 10 Irmã da mãe. Dá mios. Sufixo que designa pequenez.
- 11 Daquela modo. Bater.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Celorico da Beira. Pássaro dentirrosto, da América.
- 2 Rogara. Ecoais.
- 3 Antigo povo da Ásia Menor. Concilia.
- 4 Alumínio (sq.). Amalucado (pop.).
- 5 Carta de jogar. Ninho. Dois mil em romano.
- 6 Centilitro (abrev.). Fruto da azeit. Partes iguais (abrev. med.).
- 7 Tempo do verbo ir. Variedade de abelha do Brasil que faz ninho no chão. Alentejo Serenissima.
- 8 Obra (abrev.). Remove.
- 9 Lascivo (bras). Quinhentos e cinquenta e quatro em romano.
- 10 No alto. Ver.
- 11 Antiga ilha do Rio de Janeiro. Maquinaria (fig.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 080

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. SABE.
- 2 Uri. DAR. Mac.
- 3 Erada. Acanã.
- 4 Ra.
- 5 Ovo. Fia. Aue.
- 6 Agar. SABE.
- 7 Olivado.
- 8 Op. Ia. Só. Se.
- 9 Musa. Real.
- 10 Alava. Carga.
- 11 Rolbar. Croas.

VERTICAIS:

- 1 Quero. TOMAR.
- 2 Urrava. Pulo.
- 3 Eia! Ogó. Sal.
- 4 Do. Aliava.
- 5 Da. Fria. Ar.
- 6 Já. Bi.
- 7 Rã. Ases. CC.
- 8 Co. Adorar.
- 9 Ama. Abo. Ero.
- 10 Banguê. Saga.
- 11 Eça. Velas.

Provérbio: QUEM SABE DAR, SABE TOMA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6238

HORIZONTAIS:

- 1 Arc. Cod. P.M.O.
- 2 Sura. Fias.
- 3 Io. Tom. Lé.
- 4 Morraça.
- 5 Adora. Terão.
- 6 De. Aquam. Fl.
- 7 Rio. Arm. Cal.
- 8 Alua. Pega.
- 9 Etna. Cera.
- 10 Pais. Carro.
- 11 Asola. Croas.

VERTICAIS:

- 1 As. Tadia. Pa.
- 2 Rui. Delteis.
- 3 Cromo. Outão.
- 4 Ora. Anil.
- 5 Traga. Asa.
- 6 Odor. Uru.
- 7 Matam. CCC.
- 8 Cem. Pear.
- 9 Pilar. Cerro.
- 10 Mãe. Atagara.
- 11 Asola. Croas.



— Olha, hoje vamos ter pão e pingos para o jantar.



— Disseste que eram só mais cinco minutos às onze e meia de ontem.

EXCURSÕES CP

ALMOÇO DE REI EM... VILA DE REI

23 DE ABRIL

Viagem no comboio Ter de Lisboa e Abrantes, e circuito de autocarro: Chão de Codes, Amêndoa, Vila de Rei, Sardão,...

★ Almoço em Restaurante típico, dedicado aos bons apreciadores da gastronomia.

PREÇO (tudo incluído) ... 270\$00

CRIANÇAS: de 4 a 8 anos — 50 por cento redução de 8 a 12 anos — 20 por cento redução

Informações e distribuição de programas: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa

Organização: Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

A C. P. INFORMA:

Desguarnecimento de estações

Na sequência das medidas de racionalização da nossa exploração ferroviária, deixam de estar guarnecidas, a partir do dia 1 de Junho de 1972, as estações de Garvão e de Penedo Gordo, situadas na Linha do Sul.

A venda de bilhetes aos passageiros passará, a partir daquela data, a ser feita pelo receptor em trânsito, sem qualquer aumento.

Pelo mesmo motivo, estas estações deixam de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe, continuando, porém, a receber e expedir vagões completos.

Para o efeito, os interessados devem dirigir-se, respectivamente, às estações de Funcheira e Beja.



SURDOS

CASA SONOTONE

Não vá para fora a ouvir mal. Podemos remediar o seu problema. Faça um exame audiométrico que é gratuito, sem compromisso algum, e verá os resultados que obtém, ouvindo perfeitamente. Temos as últimas novidades em aparelhos de bolso, atrás da orelha, brinços auditivos, Laringes Electronicas, pilhas de todas as voltagens. Facilitamos o pagamento. Assistência permanente em Lisboa e na Província a todos os aparelhos, sejam vendidos por nós ou não, de qualquer marca. Visitem-nos sem hesitar, e desde já os nossos agradecimentos.

MODELO 685 U

Em Lisboa, Poço do Borratim, 33, s/l. Telf. 868352

No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º. Telf. 02-35602

Em Luanda, R. Ant.º Enes, 42-2.º. Apartamento 26

A FIRMA

ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA.

TEM PARA VENDA

MERCEDES 230 S	110 000\$00
PEUGEOT 404 FAMILIAR último modelo	100 000\$00
PEUGEOT 304 novo	98 000\$00
PEUGEOT 404 último modelo	95 000\$00
MERCEDES 220 S	85 000\$00
MERCEDES 220 SE	85 000\$00
ALFA ROMEO GIULIETA 1600 SPRINT VELOCE	85 000\$00
PEUGEOT 404 INJECCAO último modelo	85 000\$00
MERCEDES 220 S	77 000\$00
GIANNINI SPORT	70 000\$00
FURGONETA CAIXA ABERTA DATSUN DE 1972	70 000\$00
VOLKSWAGEN 411-L	67 000\$00
FIAT 124-R UTILITARIA último modelo	65 000\$00
TAUNUS 17-M último modelo	65 000\$00
VAUXHALL VICTOR 2000	56 000\$00
TRIUMPH 1300 TC último modelo	62 000\$00
FORD 20-M TC ARCTOP	60 000\$00
PEUGEOT 404 COUPE COM INJECCAO	60 000\$00
VAUXHALL VICTOR	55 000\$00
MERCEDES 220 S	55 000\$00
CORTINA PRAT. NOVO	55 000\$00
PEUGEOT 404	55 000\$00
VAUXHALL 1600	51 000\$00
CORTINA 1300 de luxo 4 portas	50 000\$00
TRIUMPH 1300 TC	50 000\$00
TAUNUS 12-M 4 portas último modelo	48 000\$00
CORTINA 1600 GT	48 000\$00
N. S. U. TT 1200	47 000\$00
OPFL KADITT 2 portas	46 000\$00
CITROEN AMI-8 último modelo	46 000\$00
CORTINA 1300 4 portas	44 000\$00
AUSTIN COOPER 1000	45 000\$00
VAUXHALL VIVA recente	45 000\$00
AUSTIN 1800	45 000\$00
TAUNUS 17-M 4 portas	45 000\$00
WOLFSLEY 1100	45 000\$00
VAUXHALL VIVA muito recente	45 000\$00
VOLKSWAGEN 1600	42 000\$00
CITROEN DIANNE-6	42 000\$00
CORTINA 1300 2 portas	42 000\$00
N. S. U. TT 1000	39 000\$00
VAUXHALL VX-490	39 000\$00
N. S. U. 1200	38 000\$00
VOLKSWAGEN 1300	36 000\$00
VOLKSWAGEN 1500	35 000\$00
CORTINA 4 portas	35 000\$00
ALFA ROMEO GIULIETA 1300	35 000\$00
CITROEN ID	35 000\$00
OPFL 1700	35 000\$00
CITROEN AMI-6	35 000\$00
SIMCA 1000 GLS	33 000\$00
FIAT 850	28 000\$00
TAUNUS 12-M 1500	28 000\$00
OPFL 1700	28 000\$00
RENAULT R-8	28 000\$00
KARMANN GHIA	28 000\$00
CITROEN 2 CV último modelo	25 000\$00
VOLKSWAGEN recente	20 000\$00

Esta Firma além destes carros tem mais para venda e está sempre compradora de carros de boas marcas, a pronto pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda sem nos consultar.

Ganhará tempo e dinheiro.

RUA DO GARRIDO, 73 - A

televisão

HOJE

1.º Programa (23.00)

Fados

A rubrica «Fados e guitarradas» desta noite é preenchida com a actuação de António dos Santos que será acompanhado à viola por António de Sousa.

2.º Programa (22.00)

Monumento à Glória do Sonho

HOJE

1.º Programa

12.30 Missa de domingo

13.10 Dia do Senhor

13.35 Nos bastidores da aventura

13.45 Telejornal — 1.ª edição

14.00 «Robin dos Bosques»

14.25 Hoje pode ver

14.40 TV educativa

15.05 Desenhos animados

15.20 Tarde de cinema «Pipi e os piratas»

17.00 TV infantil

17.30 TV Rural

18.00 Futebol jogo Belenenses-Barcelense a contar para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.

19.55 O Coração e a vida.

20.10 «Os Mausões de Chicago»

20.35 TV 7

21.30 Telejornal — 3.ª edição

22.00 «Longstreet»

23.00 Fados — com António dos Santos

23.50 Domingo desportivo

23.50 Telejornal — últimas notícias

24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Dó lá si

21.00 «Amor e Mau Génio»

21.30 Telejornal — 3.ª edição

22.00 Monumento à Glória do Sonho

22.30 Auditório musical

23.00 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados — «Linus»

13.00 Feminino singular

13.15 «Uma Mãe Para Eddie»

13.45 Telejornal — 1.ª edição

14.00 Um dia com...

14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV

19.00 TV educativa

19.25 Filme infantil — «O Circo Kiri»

19.30 Telejornal — 2.ª edição

19.45 Cartaz TV

20.00 Porta aberta

20.30 Ao serviço da nação

21.00 «Na Terra do Arco-Íris»

21.30 Telejornal — 3.ª edição

22.05 Concurso «O Jogo do Galo»

22.45 Civilização

23.45 Telejornal — últimas notícias

23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Um dia com...

21.00 «Uma Mãe Para Eddie»

21.30 Telejornal — 3.ª edição

22.00 Noite de cinema «Cinco Semanas em Balão» e fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combos	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H.

PORTO	123
PENHAS DOUR.	63
COIMBRA	123
PORTALEGRE	83
LISBOA	123
FARO	143
FUNCHAL	153

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua Máxima13,43

Montalegre Mínima13,53

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar13,43

Atmosfera.....13,53

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.53 3,1	4.17 1,4 m
23.15 3,4 m	16.43 1,5 m

Dia 8

11.59 3,3 m	5.25 1,2 m
	17.49 1,3 m

Dia 9

0.19 3,6 m	6.23 1,0 m
12.57 3,5 m	18.46 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; períodos de chuva fraca; vento moderado de Oeste; melhoria do estado do tempo para o dia de amanhã.

AMANHÃ

Nascer às 6.32

Ocaso às 20.35

HOJE Dia 13 Dia 20 Dia 28



EMISSION 1.º Programa

15.30 Tarde desportiva — radio desporto — futebol — relato e informações dos jogos da 27.ª Jornada do Campeonato Nacional de 1.ª Divisão

18.30 Música sem palavras

19.10 Música da Europa

20.00 Diário sonoro

20.20 Ex tos em parada

21.00 Rad. o desporto

21.30 Variedades no estúdio

22.00 Teatro das comédias «A Curva do Céu», de Branquinho da Fonseca, numa adaptação de Eduardo Jacques

22.35 Música portuguesa

23.05 Sol e torres

23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia

00.30 Diário sonoro

00.45 De um dia para o outro (cont.)

02.00 Fecho

2.º Programa

15.30 Onda musical

18.00 Concerto de domingo — 1.ª PARTE — intercâmbio musical Intervalo: canções de Schubert pelo tenor Hughes Cue-nol

19.07 Concerto de domingo — 2.ª PARTE

19.45 Quarteto n.º 4, em si bemol maior, para flauta, clarinete, trompa e fagote (Rossini)

20.00 Diário sonoro

20.20 A orquestra «Musica», em concerto grosso op. 7 n.º 3 em dó maior (Geminiani)

20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais

21.00 Recital de piano, por Maria Teresa Paiva

21.30 Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão

23.00 Em ssão em línguas estrangeiras

01.15 Fecho

MF 2

15.30 Perspectivas da obra de Benjamin Britten

16.30 2.º acto da ópera «O Príncipe Igor» (Borodine)

17.45 Concerto para harpa e orquestra (Boreldeu)

18.00 Junção

Estereofónica - MF 2

21.00 Música ligeira variada

22.00 Duas obras para solos, cântico e orquestra

23.00 Música de tecla

01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

15.55 Tarde desportiva

18.03 Projectão

18.30 Meia hora depois

18.30 Ritos em desfile

19.02 Revista desportiva

20.00 Nota de abertura

20.07 Selecção para o seu jantar

20.30 De sete em sete dias

21.02 Lettura

21.30 Impacto

22.30 Quando o telefone toca

23.05 Mensagens bíblicas

23.20 Grande rca

24.00 PBX

02.00 A noite é nossa

06.00 Diário rural

07.00 Talismã

MF

16.00 Pêndulo

18.00 O nosso programa

19.00 Vértice

21.00 Boa noite em FM

22.00 Programa à go-go

24.00 Em órbita dois

00.02 Em órbita dois

01.02 Banda sonora

02.00 Perspectiva

03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva

18.00 Automobilismo

18.30 Terço e missa

20.00 Zona verde — espaço ocupado pela família

20.35 Variedades

21.00 Meditando

21.03 Suplemento especial

22.00 Quando o telefone toca

22.30 Na hora do regresso

23.00 A 23.ª hora

24.00 Tempo Zip

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR

Das 6.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 17.00 às 19.30

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA

Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

ALCANTARA:

Dilema, R. Aliança Operária, 49-B (Tel. 636620); Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704); Vieira da Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187)

ALTO DO PINA:

Ibérica, Rua Barão de Sabrosa, 253-A (Tel. 728277)

ALVALADE:

Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (Tel. 722384); Sanes, Avenida da Igreja, 31-C (Tel. 717505); Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (Tel. 721409)

AMEIXOEIRA:

S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 970969)

ARCO DO CEGO:

S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (Tel. 534027)

AREIRO:

Algarve, Avenida de Roma, 7-B (Tel. 731478)

ARROIOS:

Pancada, R. Rebelo da Silva, 11 (Tel. 43340); Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A (Tel. 821973)

AVENIDA DA LIBERDADE

AVENIDAS NOVAS:

Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (Tel. 44995); Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Tel. 41845)

BAIRRO ALTO:

Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Tel. 322798)

BAIRRO DA ENCARNACÃO:

Ascesso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216 e 310172)

BAIXA:

Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (Tel. 326575)

BELÉM:

Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (Tel. 611454)

BENFICA:

Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-B (Tel. 704828)

CAMÕES:

Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Tel. 322798)

CAMPOLIDE:

Oliveira, Rua de Campolide 54-A (Tel. 684424)

CAMPO DE OURIQUE:

Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (Tel. 686176); Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 5 (Tel. 662838); Tagus, Praça da Rua Possidónio da Silva, 162-A (Tel. 689485); Pírrho, R. de Campolide, 131 (Tel. 686640)

CARNIDE:

Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)

JANELAS VERDES:

Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (Tel. 662327)

LAPA:

Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-B (Tel. 660720)

LUMIAR:

Central, Rua do Lumiar, 75 (Tel. 790480)

MARQUÊS DE POMBAL:

Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (Tel. 43641)

MOURARIA:

Silva, Calçada de Santo André, 16 (Tel. 862074)

OLIVAIS:

Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivaissul) (Tel. 313610); Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilero Ruas, 7-C (Olivaissul) (Tel. 315539)

PICHELEIRA:

Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 720703-728395)

RATO:

Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (Tel. 681947)

RESTELO:

Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Tel. 612248)

SANTO AMARO:

Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193); Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704)

S. BENTO:

Fénix, R. da Cruz dos Poais, 52 (Tel. 678531)

S. MIGUEL:

S. Miguel, Praça Francisco de Moraes, 1 (Tel. 771469)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:

Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (Tel. 44324)

SETE RIOS:

Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Tel. 778439); Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035)

SOCORRO:

Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829)

XABREGAS:

Conceição, Calçada de D. Gasão, 30 (Tel. 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS

Novas, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PARADE

Aisir, B.º das Caixas de Previdência - Bloco A (Tel. 2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL

Suiza, Cruzeiro (Tel. 260087)

CASCAIS

Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); Nova, Est. de Alvide - Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ

Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS

Quimã, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. Pedro de Sintra

Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES

Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA

Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO

Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2273035)

COVA DA PIEDADE

Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA

União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO

Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL

Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488)

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; Contumil, Rua de Contumil, 540; Guerra, Rua Costa Cabral, 43; Guimarães, Rua de Francos, 37; Lemos e Filhos, Lda., Pr. de Carlos Alberto, 31; Liga Ass. Soc. Mútuos, Rua do Bonjardim, 298

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A; Moreno, Lda., Largo de S. Domingos, 44; Sanil, Rua do Paraíso, 214; Serpa Pinto, Rua de Serpa Pinto, 645; Vasques, Rua das Condomínhas, 794

COIMBRA

Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (tel. 24410); Miranda, Pr.º do Comércio, 41 (tel. 23261); Batista Pr.º da República, 9-10 (tel. 23747)

A C. P. INFORMA:

Supressão de comboios por motivo das obras de renovação da via

Nos dias úteis de segunda-feira a sábado

A partir de 4 de Maio e até aviso em contrário, os trabalhos de renovação da via em curso na Linha do Norte obrigam-nos a suprimir, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), os seguintes comboios nos troços a seguir indicados:

Comboio n.º 127 — (Partida de Lisboa (St.ª Apolónia), às 8-55). Entre Azambuja e Santarém.

Comboio n.º 131 — (Partida de Lisboa (St.ª Apolónia), às 12-25). Entre Azambuja e Santarém.

Comboio n.º 135 — (Partida de Lisboa (St.ª Apolónia), às 14-50). Entre Azambuja e Setil.

Comboio n.º 128 — (Chegada a Lisboa (St.ª Apolónia), às 12-15). Entre Santarém e Azambuja.

Comboio n.º 130 — (Chegada a Lisboa (St.ª Apolónia), às 15-35). Entre Santarém e Azambuja.

Comboio n.º 134 — (Chegada a Lisboa (St.ª Apolónia), às 17-50). Entre Setil e Azambuja.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

cinemas

cinemas

cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)

15.15-18.15-21.30 (Grupo C-14 anos) 2.ª semana «SIGA AQUELE CAMELO!» A comédia da Árabias, com os cómicos ingleses ao ataque

CONDES (Tel. 322523)

14.15-16.30-18.45-21.45 Grupo D (18 anos) 2.ª Semana «O QUINTO DEDO» com Franco Nero e Poluella Silva

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00-21.00 (Grupo D-18 anos) «Caça ao homem» e «Viúvo... mas elegante»

VOX (Tel. 720808)

18.30 e 21.45 (M. 18 anos) Peter Fonda, Vuna Blom e Warren Bates. «O REGRESSO» Este sim! Mesmo colorido. Av.ª Frei Miguel Contreras 0.30 (18 anos) «Os crimes de Jack, o es-tripador»

BERNA (Tel. 776098)

15.15-18.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Gene Hackman e Roy Scheider em «THE FRENCH CONNECTION» (Os incorruptíveis contra a droga) Amanhã às 11 h. (M. 6 anos) o divertidíssimo filme «MEMÓRIAS DE CHARLOT»

ESTÚDIO (Tel. 585134/5)

15.00-17.00-19.00 e 21.45 (Grupo C - 14 anos) 12.ª Semana «UMA ABELHA NA CHUVA» com Laura Soveral, João Guedes e Zita Duarte

LYZ (Tel. 48560)

15.00 e 21.00 (Grupo D 18 anos) MORRER DE AMAR um filme de André Cayatte e O AVÓZINHO CONGELADO

ROYAL (Tel. 885037)

15.00 - 21.00 (Grupo B (10 anos) 2.ª Semana «A Conquista do Oeste» com Gregory Peck

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30 - 18.30 - 21.45 Grupo D (18 anos) O JARDIM ONDE VIVEMOS Com Dominiue Sanda e Helmut Berger, em 3.ª semana

EDEN (Tel. 320768)

15.30-18.30 e 21.45 2.ª semana (Grupo D-18 anos) «QUANDO ELAS TINHAM CAUDA» com Montgomery Wood. Caçaram uma mulher e julgavam que era um bicho...

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15-18.15 e 21.45 Estreia OS HOMENS DE AMANHÃ Um notável filme de Stanley Kramer

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)

15.30 - 18.30 e 21.30 (Grupo B - M. 10 anos) TEMPOS MODERNOS

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 e 18.15 (Grupo D - 18 anos) «QUEM É HARRY KELLERMAIN» com Dustin Hoffman

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15-18.15-21.45 (Grupo D - 18 anos) 11.ª Semana de êxito Com Renato Rascel, G. Granata e G. Guiffre «A TRANSPLANTAÇÃO»

ODEON (Tel. 326283)

15.15-18.15 e 21.30 (Grupo C (14 anos) 12.ª Semana NAO DESEJARAS O DELICIA DINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15-18.30 e 21.45 (Grupo D (18 anos) 2.ª Semana «A LONGA JORNADA» com Marcello Mastroianni e Catherine Deneuve

SATÉLITE (Tel. 562632)

15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45 ?Grupo D (18 anos) 2.ª Semana «A REGRA DO JOGO»

TIVOLI (Tel. 50595)

15.15-18.30 e 21.45 OS IMPOSTORES com Anna Moffo e Olívia de Havilland

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 e 21.30 TRAFICANTES DE SONHOS As 18.30 (6 anos) «O Rato aventureiro»

ROMA (Tel. 727778)

2.ª semana 15.30-18.30 e 21.45 (Grupo B-10 anos) «O MURO DO ATLÂNTICO» com Bouvil, Peter McEnery e Terry-Thomas

LIDO

21.30 Grupo D (18 anos) VEJO TUDO NU com Nino Manfredi

AVIZ (Tel. 47173)

15.30 e 18.30 (Grupo B - 10 anos) 13.ª Semana O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer, em Color Scope

LONDRES (Tel. 730579)

14.15-16.30 18.45-21.45 «TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUNUEL Cinema-Snack-bar Pub «Tne Flag» Faça três coisas num sítio só

APOLLO 70 (Tel. 763319)

14.30-16.45-19.00-21.45 (Grupo D-18 anos) 4.ª semana O último filme de Mito Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente) Hoje às 24.30 clássico da meia-noite (M. 18 anos) «Macabro» Amanhã às 11.00 (6 anos) «A lenda da planta mágica»

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15-18.30 e 21.30 VIDA CRUZADAS com Rod Taylor e Carol White 18.30 PERDIDOS NO ESPAÇO

outros espaços culturais

LISBOA/Teatros

VARIEDADES 21.45 (M. 18 anos) «Empresta-me o teu apartamento»

VILLARET 21.00 - 23.00 (18 anos) «O Tarluto»

LAURA ALVES 21.45 (18 anos) «Uma cama pra toda a gente»

MARIA VITÓRIA 20.45 - 23.00 (18 anos) «Pronto a despir»

CASA DA COMÉDIA 22.00 (18 anos) «Dança da morte em 12 assaltos»

CAPITÓLIO 20.45 e 23.00 (18 anos) «A casa de Bernarda Alba»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

For
MARY K. DORIS
The Washington Post
DL

SAVE
THE
BELLE

O mais amado comboio de Inglaterra

LONDRES — Era o mais amado comboio de Inglaterra e o único eléctrico no mundo, num perfeito conjunto Pullman. Quando as dez carruagens do «Brighton Belle» deixaram a estação de Victoria, em Londres, para a sua última viagem «Champagne Special», mais de 350 admiradores pagaram 26 dólares cada para ocuparem os seus lugares no interior e dúzias de outros pagaram também para dizer o último adeus da plataforma. Muitos dos convidados envergavam fatos de cerimónia, e a todos foram oferecidas rosas à medida que entravam. Como que para assegurar um longo adeus, os caminhos-de-ferro ingleses fizeram com que a viagem normal de 50,5 milhas em 56 minutos, de Londres a Brighton, durasse 82 minutos. Tocaram charangas e iluminaram-se feéricamente ambas as estações. Ao longo do percurso, houve pessoas que saíram de suas casas para lhe dizer um triste adeus, à sua última passagem.

Laurence Olivier, que tinha assinatura, viajava diariamente no comboio e, no seu primeiro discurso na Câmara dos Lordes, disse: «Acredito no Mercado Comum, no «Concorde»... e no Brighton Belle».

Porém, não fez a derradeira viagem porque, disse ele, «na-dá havia para celebrar». Todavia, muitos outros a fizeram, engolindo tristemente a última requintada refeição que o Belle serviu, pois era o fim de uma era de viagens de luxo por caminho-de-ferro que começou nos fins do século XIX.

O Belle descendia do luxuoso Southern Belle, a vapor, de 1908. Por seu turno, este tinha sucedido a um serviço Pullman que fazia a costa sul desde 1881. O Belle foi construído em 1933, quando a linha foi eléctrica, mas manteve um aspecto eduardiano. Evoca imagens de gentes palacianas em casacos desportivos e chapéu de palha, dirigindo-se para a praia na companhia de damas vestidas com gravidade. O Belle não era nem «Expresso do Oriente» nem tranvia ronco, mas uma destilação peculiarmente britânica de ambos. Seguindo o encantador e gracioso padrão do Southern Belle, cada carruagem de primeira classe tinha o nome de uma rapariga, e os passageiros viajavam alternadamente Audrey, Mona, Doris, Hazel, Vera ou Gwen.

Com as paredes revestidas de painéis de madeira, escabelos forrados a veludo, completamente alcatifado e com largas coxias na primeira classe e conforto semelhante na se-



O pessoal de bordo estava habituado a servir celebridades

gunda, o Belle tornou-se um dever para quem quer que visitasse Brighton. Fazia quatro viagens completas diariamente, cobrando um extra de cerca de vinte por cento sobre o

preço dos comboios regulares. Eram servidas refeições quentes e vinhos de qualidade, e nele se fizeram transportar os nomes mais famosos em todas as profissões. Para os habi-

tuais, tornou-se um clube e chamaram-lhe, por graça, o «Expresso do Espectáculo» porque muitos dos seus assinantes estavam no teatro. E não o abandonaram, mes-

mo durante os seus últimos anos, quando a viagem se tornou mais maçadora. Muitos copos de vinho entornados decoravam as suas toalhas de mesa de linho à medida que o Belle envelhecia. Porém, tal como acontecia com uma senhora de idade, o respeito era essencial e o seu pessoal tratava o Belle com o cuidado protector que deviam mostrar para com uma tia que estivesse a ficar com as pernas cada vez mais trémulas. «Os eixos já estão fracos», explicavam aos passageiros curiosos.

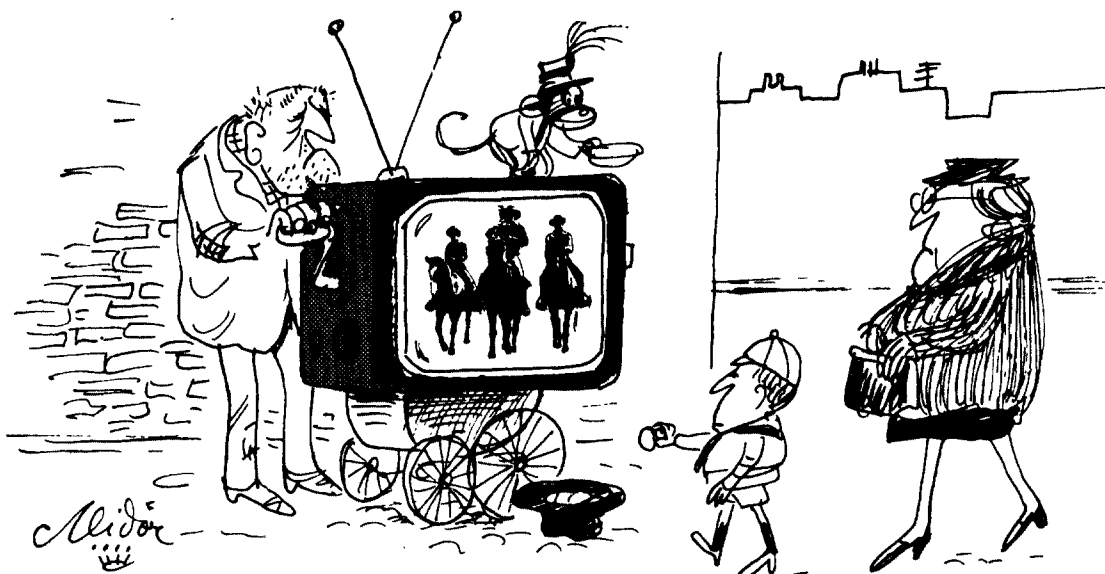
As suas histórias e lendas aumentaram. Um jornalista britânico do género efusivo escreveu que houve quem saltasse para a morte, fizesse amor e maquinasse crimes no Belle. Às vezes, empregados que o haviam deixado por outros serviços, voltavam porque sentiam a sua falta. O orgulho do seu pessoal atingiu novas alturas no fim da década de 60, quando a rainha Isabel viajou para Brighton na carruagem Audrey, uma das raras vezes em que o monarca havia viajado por caminhos-de-ferro sem ser no seu comboio real.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Belle foi bombardeado antes de ter sido evacuado de Londres por questões de segurança. Uma vez, durante uma viagem, quebrou-se em dois, e de outra vez incendiou-se. Em 1949, fugiu fugazmente na guerra de classes. Alguns ferroviários britânicos pediram a retirada do Belle porque as suas passagens, de custo mais elevado, eram considerados más para as massas trabalhadoras. Porém, ele continuou a sobreviver.

Lentamente, contudo, o aumento dos custos tornou difícil manter os seus padrões. Os seus passageiros, por exemplo, já não podiam permitir-se escolher as suas fatias de carne servidas numa travessa de prata.

Os custos crescentes da complexa operação de serviços de mesa e outros, durante uma curta viagem, e o estado precário do conjunto rolante do Belle, acabaram por convencer os caminhos-de-ferro ingleses de que tinham de o retirar da circulação.

O RISO DOMINICAL





MARÍLIA:
A metro e meio
do chão



Vinte milhões
por um
TOSTÃO



ERRO DO CAMPEÃO

INDESCULPÁVEL!
O grande campeão
foi correr
em estrada
sem capacete
protector.
E o inevitável
aconteceu.

Os maiores ciclistas não esquecem a norma: correr com capacete em todas as provas de estrada. Mas, Joaquim Agostinho, que só gosta de o usar em competições na pista, deixou-o na mala antes de abalar para Tarragona. Favorito da «Vuelta», o ídolo do Sporting abandonou os sonhos naquele principio de tarde em que a estrada ficou a um palmo dos seus olhos. Agora vem o período de repouso e recuperação: com toda a gente à espera do «milagre» de Agostinho poder ainda terçar armas com Ocaña e Merckx no «Tour» - 72.



ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE OEIRAS: DE CHAPÉU NA MÃO PELO PAVILHÃO

«O atleta terá de convencer-se de que é para ele que, em situações tantas vezes angustiosas, trabalham directores e seccionistas, e não o Clube que requer a presença do atleta para ele o representar. O Clube proporcionará os meios, na medida do possível. Mas os benefícios sejam de que natureza forem, é o atleta que os vai colher.»

Assim reza o parágrafo 21.º do último relatório da direcção da Associação Desportiva de Oeiras, uma colectividade verdadeiramente popular: a única que serve a povoação-sede do terceiro concelho mais habitado do país. Cerca de 2000 associados, oito centenas de desportistas em actividade e 600 contos em movimento no penoso equilíbrio do dever e do haver, são números que bem identificam uma agremiação: popular porque ao serviço do povo.

Poucos serão os clubes desportivos deste canteiro que se possam gabar daquilo que constitui, afinal, um dos grandes trunfos da Associação de Oeiras: uma fileira de dirigentes como nunca vi. Estou até a lembrar-me dum clube que anda a precisar de. Bem, mas estes são de Oeiras, não saiem de lá (nem os deixam!) e têm um grande objectivo a atingir: dotar os jovens da sua terra com os meios de desenvolvimento que lhes assistem pela simples condição de existirem, de serem força. E viva. E entusiasta. E numerosa. Ténhamos em conta o número de alunos do Liceu de Oeiras, o segundo mais frequentado da terra portuguesa: 3300! Alguns de paragens mais para além. A maioria do sítio e arredores. Eram 11 (pasmem: onze!) os directores reunidos na noite da visita da reportagem «DL». O que nos disseram:

«Quase todas as noites é isto. São tantos os problemas que não temos mãos a medir. E, além de nós, existem mais pessoas a trabalhar nas diversas secções. Só é pena a falta do pavilhão. É uma lástima ver tanta juventude desperdiçada. Andamos sempre em aflições com a falta de espaço.»

A grande meta a alcançar neste momento é, na realidade, o pavilhão gimnodesportivo. Nesse sentido se dirigem os esforços (melhor: bom quinhão deles) da directoria da Associação Desportiva de Oeiras. E o mais sacrificado, nestas alturas, é sempre o tesoureiro. Que o diga o sr. Joaquim Cotas que alia o nome ao cargo: dinheiro é com ele. (Olhe meu amigo: peço desculpa de brincar com a sua graça. Deve estar mais farto da piada do que o Ernesto de falhar golos. Mas eu vou mais longe, que a palpitantes nunca me furto: o sr. Cotas ainda há-de ser presidente! E, desde já, muita sortezinha...). Pois passemos a palavra ao homem das quotas:

«O pavilhão inicialmente previsto numa adaptação do actual ringue de patinagem deverá vir a ser construído num terreno anexo ao campo do hípismo. Está em estudo o projecto definitivo para, em seguida, se proceder à abertura do concurso.»

A Câmara Municipal de Oeiras (a que preside o eng. Armando Subtil) já nos concedeu para o efeito um subsídio de 1000 contos que esperamos ver aumentado caso se confirme a construção do pavilhão junto ao campo de obstáculos. Vamos a ver se conseguimos ter a obra concluída no final do ano.»

As instalações da sede da Associação de Oeiras, reservadas futuramente a simples ponto de encontro e convívio dos sócios da colectividade, custam 1200 escudos mensais. Para pagar aos técnicos de judo,

ginástica e hóquei em patins, saiem 20 contos todos os trinta dias. E de caminho, apontemos as outras modalidades que se praticam em Oeiras: andebol, ténis de mesa, campismo e futebol. E, que mais, sr. Cotas?

«O basquetebol, que tivemos de abandonar por falta de disponibilidades materiais, voltará a praticar-se quando dispusermos do pavilhão. Registe-se ainda que o clube mantém em actividade classes de dança e uma secção de cinema.»

O judo, onde a Associação marca posição de especial relevo com cerca de 150 praticantes orientados por Fernando Almada e José Branco é, conjuntamente com a ginástica e a dança, uma das especialidades que beneficia de quotização especial:

«Os associados que queiram praticar judo terão de pagar um suplemento mensal de 60 escudos. E, mesmo assim, é um privilégio, pois no Estoril essa mensalidade atinge precisamente o dobro: 120 escudos. É preciso notar que as salas que nos vemos forçados a alugar nos ficam caríssimas, ainda que não sejam grande coisa. E, mesmo essas, não as

Clube e o Sporting Clube de Oeiras. O seu património artístico, é a prova indelmentável de grandeza e de eclectismo, mais de 600 troféus! E um deles constitui motivo de particular orgulho. A placa que aponta a equipa de hóquei patinado da Associação de Oeiras como a mais disciplinada cá do sítio. E não foi por mais nada: apenas 174 jogos sem sofrer qualquer castigo. Que tal? Aliás, o exemplo já começou a produzir efeito. Os atletas do futebol juvenil afinaram também pelo diapasão da ordem e do civismo. Pois amigo Cotas, e como vamos das ditas?

«Embora a mensalidade varie entre os 2550 e os 20500 a maioria dos associados paga dez escudos por mês. Anualmente, o rendimento da quotização ronda os 130 contos o que, como se compreende, é muito pouco para as necessidades do clube. Temos, depois o subsídio da Câmara que ordinariamente é de 44 mil escudos mas que ainda no último ano ultrapassou a centena de contos. Conseguimos não ter dívidas e apresentar, de momento, um saldo positivo da or-

ras. Outro problema: os transportes, melhor as deslocações. Como se processam?

«A Câmara ofereceu-nos uma carrinha que, se bem que ajude, não resolve. São as viaturas dos directores que têm de se revezar para acorrer aos diferentes pontos onde os nossos atletas vão actuar.»

E num desabafo de despedida:

«Estamos muito gratos pela compreensão e boa vontade manifestadas pelo sr. reitor do Liceu de Oeiras. Temos em conta a boa vizinhança da Sociedade União Musical e Escolar de Oeiras. Encaramos o desporto como o grande meio de afastar a juventude dos «cabarets». Juventude que nos interessa servir, pelo que não temos problemas de «campionete». Lamentamos que não exista no parque de Oeiras uma piscina que forneceria (e disso ninguém tem dúvidas) óptima rentabilidade.»

A conversa com os dirigentes da Associação Desportiva de Oeiras entrava pela noite dentro. E, após uma referência a um certo pavilhão «contruído a troco de tremoços, onde se empilham sacas de castanhas»

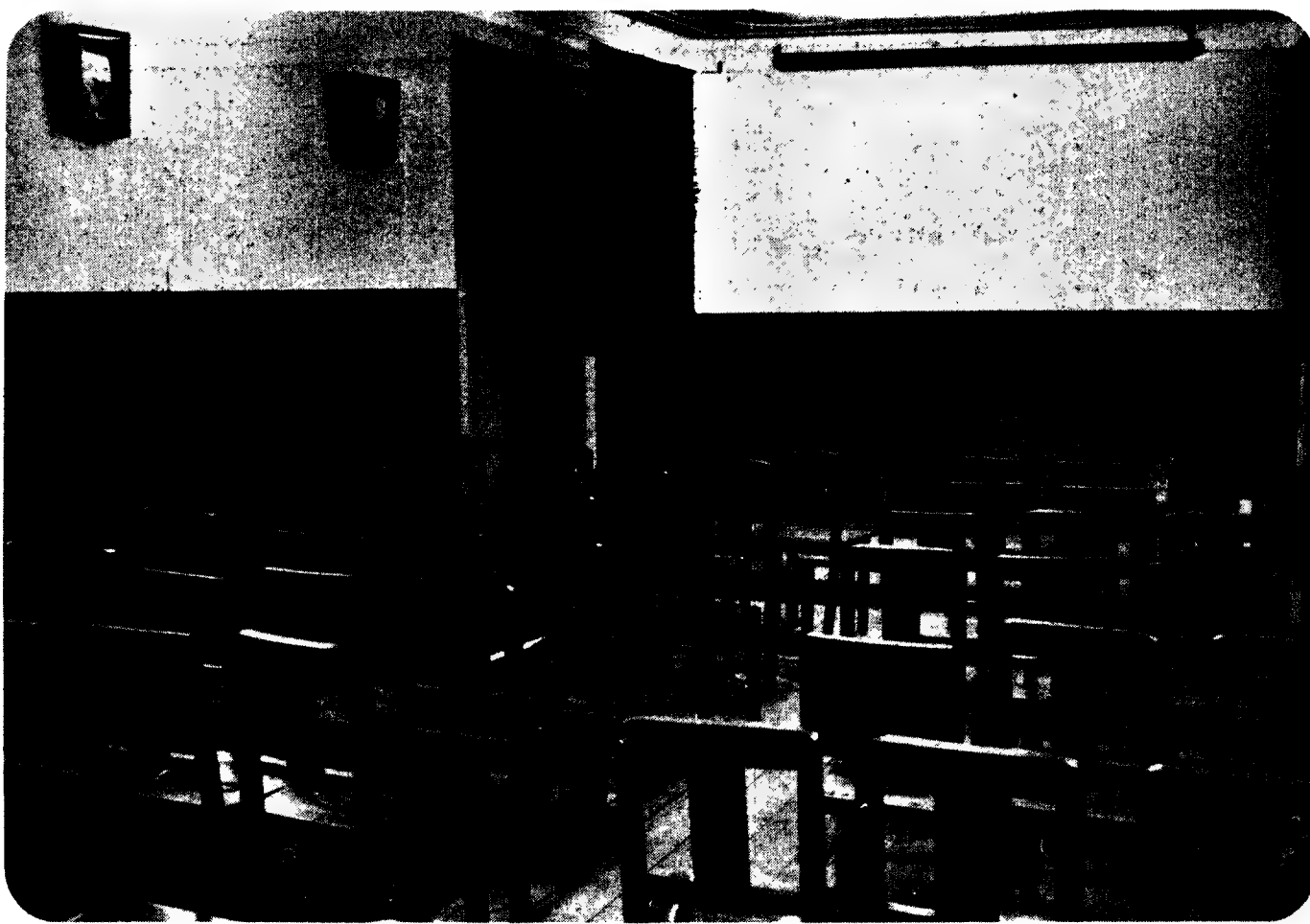
combina com a Televisão a transmissão de um jogo em que intervém a turma de Oeiras, pretende que esta retire a publicidade das camisolas, esquecendo o contrato já firmado com a referida firma. De-

arranque com essa equipa que o escolheu para «comandante» e só pare quando o garoto mais humilde da terra que o senhor serve, se possa queixar de tudo menos de falta de pista onde correr, de pavilhão onde brincar com a bola, de piscina onde aprenda o que basta para ir e voltar. Só aí, terminará (talvez sem uma palavra de agradecimento, vão pensando) a missão a que vocês se propuseram e que o diabo recusaria. Antes porém, hoje mesmo, já, uma vitória da turma directiva da Associação de Oeiras se impõe mencionar: a admiração de quantos, sentindo os problemas de agora e de aqui, não conseguem fugir ao gesto de indiferença pelo sacrifício daqueles, que servindo a juventude da sua região, são afinal, autênticos e exemplares «homens-vivos» deste país.

ESFORÇO E COMPENSAÇÃO

«Seria um crime de lesa-juventude se os homens se deixassem vencer pelo egoísmo ou pelo comodismo e não procurassem lutar pelos magníficos jovens da nossa terra, de modo a proporcionar-lhes um mundo melhor do que o nosso, mais são, mais alegre, mais saudável, quer física quer espiritualmente, tem suma: um mundo onde haja, efectivamente, lugar para uma vida que valha a pena ser vivida. E, por estarmos absolutamente convencidos que ao Desporto cabe desempenhar um papel muito importante na edificação do Mundo Novo a que a nossa Juventude tem pleno direito, nos sentimos compensados de todo o esforço desenvolvido.»

Joaquim Cotas



As precárias condições duma sala para dois mil.

há... Andamos por aí, de chapéu na mão, a pedir e a procurar não reparar na incompreensão de certos indivíduos. Alguns fazem o especial favor de nos arrendar as salas onde os próprios filhos vão praticar ginástica...»

Fundada aos 21 dias do mês de Abril de 1956, a Associação Desportiva de Oeiras nasceu da fusão de dois clubes bem mais antigos: o Oeiras Futebol

dem dos 20 mil escudos.»

Claro que a modalidade mais cara é o hóquei em patins: 80 atletas inscritos, sendo metade das «escolas». Se tivermos em conta que o equipamento de um hoquista anda à volta de mil escudos (o triplo, se for guarda-redes) e, que um simples «stik» custa 200 escudos, poderemos ver em que preço fica a secção de hóquei em patins à Associação de Oe-

chegaríamos ao tema com que poderíamos fechar esta reportagem: a publicidade nas camisolas da equipa de hóquei e a incrível atitude da Associação de Patinagem de Lisboa. Mais ou menos isto: o clube de Oeiras solicita autorização para anunciar nas camisolas uma determinada firma que, evidentemente, lhe paga. A Associação de Patinagem sanciona e, mais tarde quando

pois, ao receber as cartas de protesto da Associação Desportiva de Oeiras devolve-as porque «é melhor não tomar conhecimento». Disto, que r. os contaram e que em grande parte confirmámos lendo o preto no branco, muitas conclusões se poderiam tirar. Mas, para quê melindrar a susceptibilidade de pessoas a quem na verdade, não podemos responsabilizar? Olhe, dr. Rui Bastos:

Reportagem de
ALEXANDRE PAIS



Dr. Rui Bastos: um presidente como poucos.

CUIDADO: ESTES HOMENS SÃO PERIGOSOS

Texto de
ANTÓNIO TADEU
JUNIOR

Fotos de
LOBO PIMENTEL

Transcrições do decreto-lei n.º 105/72 de 30 de Março último:

— «O Decreto-Lei n.º 48462, de 2 de Junho de 1968, considerou a necessidade de controlar a prática das artes marciais. O incremento que a sua prática está a alcançar e a necessidade de atender às conveniências da segurança interna impõem a criação de um organismo para superintender nessas actividades.»

— «Artigo 1.º — 1. Dependem de prévia autorização, nos termos do presente diploma:

a) O ensino, a aprendizagem e a prática de artes marciais;»

— «Art. 5.º — 1. É criada no Departamento da Defesa Nacional a Comissão Directiva das Artes Marciais, à qual incumbem superintender nas actividades respeitantes ao exercício das mesmas artes.»

— «Art. 20.º — 1. Os centros onde esteja a ser praticada qualquer das actividades previstas na alínea a) do n.º 1 do artigo 1.º devem comunicar o facto à Comissão Directiva das Artes Marciais, no prazo de trinta dias...»

«2. Consideram-se transitóriamente autorizados:

a) O funcionamento dos centros de que seja feita a comunicação prevista no número anterior;

b) As actividades dos instrutores, instruendos e praticantes identificados nas comunicações dos respectivos centros.

3. As autorizações definitivas deverão ser requeridas nos termos e prazos a fixar nas normas regulamentares deste diploma.»

«Transitóriamente» autorizada e na expectativa das «normas regulamentares deste diploma» está, por exemplo, a Academia de Budo, centro onde se ensinam, se aprendem e se praticam artes marciais. Entre elas, também por exemplo, o «Karaté», arte marcial japonesa. Karaté: etimologicamente, de Kara (que significa

vazio) e te (em japonês: mão). Ginástica de autodomínio, arte de se vencer a si próprio, disciplina participante da filosofia Zen que promete ao homem o regresso à sua natureza original, assim entendem o Karaté os praticantes mais avisados na sabedoria oriental. Muito ocidental e prosaicamente, julga-se o «Karate» em função

das calosidades da mão, capaz de golpes mortais, e, de um modo geral em função de uma misteriosa habilidade, susceptível de destruir o mais prevenido adversário, num mínimo de tempo, com golpes secretos que atingem os pontos vitais do corpo humano. Claro que em termos desportivos — se é que eles são para ali chamados — o «Karaté» não passa de esgrima (mais ou menos cortês) de pés e mãos.

Do «Karaté» há praticantes... e praticantes. Soubemos pelo dr. Pires Martins, sub-director da Academia de Budo, que a maior parte dos alunos que passaram ou passam pela agremiação pretendem, sobretudo, conhecer os segredos da «arte» para se defenderem. Ora, como bem se sabe, para certos estrategos defesa é o ataque!

Mas demos a palavra aos aprendizes (quase dizíamos de feiticeiro). Falámos na Academia de Budo com um jovem advogado, dois estudantes e uma desenhadora-fotógrafa. (A propósito e antes de mais, novas declarações do dr. Pires Martins: «Realmente são sobretudo os estudantes e, de um modo geral, pessoas sem grandes problemas económicos que frequentam a Academia. Ainda assim, veja a última inscrição: é de um transmontano, bate-chapas de profissão. Aliás, tende a alargar o número das classes sociais aqui representadas por mais de uma centena e meia de alunos, incluindo 15 senhoras»).

Uma senhora — menina de 13 anos — aprendiz de «Karaté», de seu nome Isabel Pinto Correia: «Vim para aqui por curiosidade. Já fazia ginástica no Clube de Alvalade. Depois, conversei com pessoas sobre isto, e vim até cá. Vim e fiquei. E gosto. Ainda hoje, quando saí de casa, vinha aborrecida.

Problemas, não é! Pois não imagina como a lição de hoje me faz bem. Deixou-me calma, tranquila!»

Um estudante de medicina — José de Carvalho Mineiro: «Não vim para aqui, nem para me saber defender, nem para saber atacar. Li coisas sobre o Oriente, interessei-me pelo budismo, pela filosofia Zen, e quis saber o que é que haveria em Portugal que correspondesse realmente à teoria. E encontrei a Academia de Budo. Aprendo «Karaté» desde Novembro passado. Além do mais, trata-se de uma terapêutica maravilhosa para o próprio equilíbrio neuro-vegetativo. Melhor que qualquer calmante... até porque não intoxica...»

Dr. José Alves Pereira (advogado): «Pois não há dúvida que, originalmente, o «karaté» é uma arte guerreira. Mas o aspecto belicoso do «karaté», entendido como arte de combater sem armas, é sublimado pelo conceito de autodomínio sempre presente na sabedoria oriental. Assim é que a mão do «karateka», embora pronta a agredir e capaz de matar, se fica sempre a milímetros de um ponto vital do adversário. E quanto mais consciência da própria força, mais responsabilidade na utilização dela!»

Adriana Cabral, desenhadora de profissão: «Um dia, fui atacada na rua. Reagi, furiosa. Não estou arrependida. Só tenho pena de ter perdido a calma, o domínio de mim própria. Essa calma, esse autodomínio é que eu venho procurar aqui, após nove horas e meia de trabalho diário».

O «karaté» exige uma grande maturidade intelectual e psíquica. Como disciplina, não tem nada a ver com as suas aplicações militares — assim uma espécie de regresso às



Ginástica cortês de pés e mãos

suas guerreiras origens Sem aquela maturidade, sem a plena consciência de si mesmo, pois claro que o «karateka» (ou, melhor: o praticante de «truques» do «karatá») é um homem perigoso. Afirma-o uma pessoa autorizada — José Alexandre Gueifão (1.º «Kiu» pela Federação Portuguesa de Judo, 1.º «dan budo-judo» pela União Portuguesa de Budo). Ele é o primeiro a reconhecer os vícios que o «ocidental» introduziu na prática do «Karaté» e disciplinas congêneres. A ambição de trepar e mudar

as cores do cinto; a presença, a própria presença do árbitro; o carácter competitivo de torneios e campeonatos; até a criação de hierarquias e burocracias, federadas ou não, tudo isso não o ultrapassa. Alexandre Gueifão, «karakata», preocupa-se com o próprio aperfeiçoamento, sem pensar numa meta a atingir, para depois descansar... «Renova-te a ti mesmo cada dia» — Confúcio dixit. Confúcio dixit, mas a lei é a lei. Voltamos ao decreto-lei n.º 105/72 de 30 de Março:

«Art. 15.º - 1. São punidos:

a) Com prisão de três meses a um ano e multa correspondente, os que ensinam, aprendem ou pratiquem qualquer modalidade de artes marciais sem a autorização legalmente exigida, ou fora das instalações dos centros devidamente autorizados para esses fins;

b) Com prisão de seis meses a dois anos e multa correspondente, os que exploram, dirigem ou por qualquer forma mantêm instalações não autorizadas, onde se pratiquem artes marciais, ou nelas ministrem o seu ensino.»

Em conclusão breve: estes homens são perigosos.



Segundo certas opiniões, a melhor defesa é o ataque.



«Karaté»: fora das instalações dos centros devidamente autorizados, pode dar prisão.

VINTE MILHÕES POR UM TOSTÃO

Estreia hoje o "Mineirinho de Ouro"

RIO DE JANEIRO — O futebolista mais caro do mundo, Eduardo Gonçalves Andrade de seu nome completo, estreia hoje com a camisola do seu novo clube. Na hora dos milhões do futebol brasileiro, Tostão é bem o símbolo da popularidade: a sua simples presença na turma do Vasco é suficiente para justificar enchente no Maracanã, que é (só) o maior estádio de futebol do mundo. Capacidade: 250 mil lugares...

Vinte e um mil duzentos e cinquenta contos, foi a verba oficial da transferência de Tostão para o Vasco: financiou-a o Banco Português do Brasil, sendo 17.500 contos para o seu antigo clube (o Cruzeiro)

e 3.750 para o jogador. A sua estreia está marcada para esta noite, no início do segundo turno do campeonato carioca, quando o Vasco defrontar o Flamengo, vencedor invicto do primeiro turno e da «Taça Guanabara».

Tostão, o futebolista mais caro do mundo, é também um homem simples que espera vir a ser útil ao seu novo clube:

«Sei que o Vasco da Gama fez um grande sacrifício para me comprar. Embora não tenha levado a bem o critério do Cruzeiro para vender o meu «passo», acabo por ficar satisfeito por ter sido o Vasco a ter a preferência. A minha carreira no Cruzeiro estava um tanto ou quanto embargada: os desentendimentos com Yustrich eram constantes, e a única solução era sair. Agora, o que mais pretendo é ser útil ao futebol da Guanabara, com a camisola do clube português do Rio de Janeiro. Tive muita pena de não ter podido jogar no encontro promovido para a minha apresentação. A lesão contrada no jogo contra o Paraguai agravou-se de tal maneira que apenas me foi possível entrar em campo para receber aquela grandiosa manifestação de entusiasmo. Estou com esperança de, em jogo já a sério, mostrar a todos que posso valer os milhões dispendidos. E o Flamengo que conte comigo: talvez a sua invencibilidade não passe de história passada.»

acrescentar toda a alegria que me invade cada vez que entro em campo, pois quando estou dentro das quatro linhas não penso apenas na profissão que é preciso honrar: gosto (realmente) de jogar futebol, independentemente do dinheiro que ele me dá».

Assistimos com Tostão (ou Eduardo Gonçalves Andrade) ao Vasco-Botafogo. Era o primeiro domingo que vivia debaixo da protecção do Vasco da Gama, com o presidente Agradino Silva Gomes espiando todos os seus movimentos. Tostão, parecia despreocupado: analisava os seus novos companheiros dentro do relvado, adivinhando-se já entre eles. Não reagiu, nem deixou transparecer qualquer pensamento. Esteve frio como ninguém naquele estádio. Durante os 90 minutos, sorriu apenas uma vez: quando o guarda-redes da sua nova turma defendeu um «penalty».

AO SERVIÇO DE UM GRANDE CLUBE

«Estou satisfeito por ter ingressado no Vasco. É um grande clube, com uma grande projecção internacional. E ninguém se esqueça: desde há muito é o Vasco que fornece o maior número de jogadores para a selecção «canarinha». Sinto-me muito feliz por me ser possível vestir a camisola do clube mais português da Guanabara. E desde já prometo fazer tudo quanto estiver ao meu alcance para prestigiar ainda mais o clube que teve a coragem de satisfazer as exigências do Cruzeiro».

Tostão teve recepção condigna no Rio, quando viajou de Belo Horizonte para ultimar todos os pormenores da sua transferência: no Aeroporto Santos Dumont juntou-se uma autêntica multidão, que levou o jogador em triunfo até S. Januário. O cortejo foi de tal maneira grandioso, que mereceu honras de primeira página em todos os jornais do Rio. Tostão — o homem dos milhões — era a figura principal de um acontecimento que parou o trânsito na parte central da cidade.

«Tive, até hoje, dois momentos bem tristes na minha carreira».



Apenas um jornal no mundo publicou esta fotografia: o órgão oficial do Vasco da Gama. O jogador fez questão neste pormenor, tendo aberto uma excepção para o «DL», por amável alvitre do director do jornal do clube: Valentim Pereira de Almeida, um bom amigo e um excelente camarada.

ra de futebolista: a operação a que me submeti meses antes do campeonato do México e a lesão que me privou de participar na festa organizada especialmente para mim. Vou tentar pagar essa falta, ajudando os meus novos companheiros a derrotarem o «invicto» Flamengo».

TOSTÃO E O FUTEBOL PORTUGUÊS

«Já tive oportunidade de jogar contra a selecção portuguesa. Aconteceu em Lourenço Marques, aquando da inauguração do «Estádio Salazar». E fiquei surpreendido com o valor do futebol lusitano. Pareceu-me que Portugal é dono de um futebol de primeira qualidade, não se compreendendo como ficou arredado do último Campeonato do Mundo. Tem excelentes jogadores, alguns deles de reputação internacional, formando um conjunto com muito valor.»

Tostão (ou Eduardo Gonçalves de Andrade) é solteiro... e bom rapaz. Em conferência de imprensa (realizada depois do jogo contra o Botafogo) respondeu a todas as perguntas dos reporteres brasileiros: mesmo às mais pessoais e imprevisíveis. (Exemplos: só casará com mulher virgem, pois acha que só assim o casamento tem razão de ser; a vida sexual de um jogador não lhe faz perder as faculdades de atleta — antes pelo contrário; os 3.750 contos que ganhou com a transferência — e na verba não estão incluídos ordenados e prémios de jogos — não constituem a sua independência total.) Tudo isto foi «em directo» para o ar, ou surgiu em corpo 16 em páginas que lhe foram inteiramente dedicadas. Resumindo: a vida para Tostão é uma autêntica maravilha, sem problemas de maior. Mas, fora do futebol quem é Tostão?

«Sou um cidadão pacato. Radicado no Rio, vou aproveitar a praia, o cinema, e muitas horas para ler e ouvir música. Jorge Amado é escritor que aprecio; Chico Buarque da Holanda um valor que admiro».

Tostão — o homem mais caro do mundo em matéria de futebol — promete tudo ao Vasco. Porque o Vasco lhe garantiu aquilo que o Cruzeiro nunca lhe deu: tranquilidade absoluta.

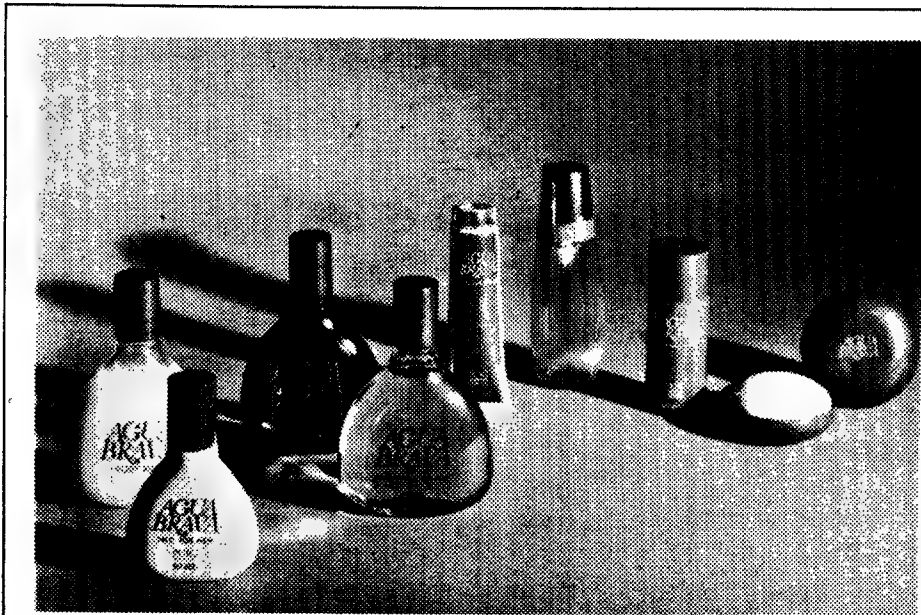
Reportagem de
MILTON SEQUEIRA

«O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Matos da Cruz, Rua Joaquim Guilherme Costa Caldas, 10 AGUALVA — Cacém



Tostão é apresentado aos dirigentes do Clube de Regatas Vasco da Gama.

AGUA BRAVA



BRAVAMENTE MASCULINA
PUIG
BARCELONA PARIS NEW YORK



polimaia · sociedade industrial química, s.a.r.l.
preparador e distribuidor em Portugal

MINEIRINHO DE OIRO

«Mineirinho de ouro» — como agora lhe chamam — nasceu em Belo Horizonte, tendo começado a jogar nos «dentes-de-leite» do Cruzeiro. Foi ali que aprendeu a técnica individual que o transformou num dos maiores jogadores do mundo, um autêntico perigo dentro da grande área adversária:

«Tinha apenas 9 anos quando calcei botas pela primeira vez. Era um sonho que se transformava em realidade. Mas, confesso: nunca imaginei poder chegar onde cheguei. O futebol para mim, hoje, é qualquer coisa difícil de explicar: dizer que é a minha profissão não chega. Será necessário



Gostaria de participar nos benefícios dos melhores Restaurantes, Bares, Hotéis, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, etc.?

Eles estão ao seu alcance, proporcionados por importante Companhia Internacional com larga projecção e experiência, num dos campos mais rendáveis do mundo.

Se dispõe de 20 000\$00 ou mais e está interessado em investir o seu capital num negócio de RENDIMENTO ASSEGURADO, dirija-se por escrito a:

SHARVEN-FRANCE
PORTUGUESA, LDA.

Campo Grande, 1 D, 2.º Esq. Lisboa - 5
(escritórios em 11 capitais europeias)

MARÍLIA:

A metro e meio do chão



Atletismo em Alvalade: Marília de Carvalho triunfa no salto em altura. Em posição estratégica, o nosso repórter fotográfico António Capela coloca a objectiva «olho de peixe»; e até ele fica na imagem a constatar o feito da pequena belenense.

Georgete Duarte, uma das maiores atletas portuguesas de todos os tempos, tem, nas pistas do estádio do clube que serviu, sucessoras condignas e capazes de, a breve trecho repetir as suas proezas. Para isso se preparam no Restelo algumas das mais prometedoras moças do atletismo e que são, para já, orgulho do Belenenses: Maria José Sobral, Conceição Pernes, Céu Ferreira e Marília de Carvalho. Da primeira, diz maravilhas o consagrado Mário Moniz Pereira. Da última, vai falar ela própria:

«Comecei a praticar atletismo quando era aluna da Escola Paula Vicente. Realizaram lá um torneio, eu concorri: e gostei tanto, que quis continuar. O meu padrinho (que é sócio do Belenenses) ao saber que iam efectuar provas no Restelo para captação de novos valores levou-me ao estádio. Corri (os 60 metros) e saltei em altura e comprimento. Ganhei as três provas. Ainda me lembro do dia. Quer saber? Foi a 3 de Agosto de 1969.»

Nesse mesmo ano, bateu a melhor marca do salto em altura no «Torneio do Primeiro Passo» organizado pelo Sporting: 1,41. Depois, foi fazendo progressos:

«Neste momento tenho 4,78 no salto em comprimento, 8,44 no peso e 30,38 no dardo. Na época passada bati o máximo nacional do salto em altura com 1,49. Mas, ainda posso progredir muito. O prof. Eduardo Cunha pensa que eu tenho possibilidades de chegar ao 1,60.»

Mas para isso, Marília, é necessário muito trabalho. Ora acontece que o Rui Mingas diz que você não aparece aos treinos... Que até á deixou de se preocupar com a sua preparação...

«É verdade que treino pouco: mas quem deixou de se preparar com o prof. Mingas fui eu. Estava um pouco saturada e resolvi experimentar um novo técnico. Isto não quer dizer que eu tenha má impressão do Rui Mingas...»

Na opinião do prof. Eduardo Cunha a melhor especialidade para Marília de Carvalho (pelo menos aquela onde as suas qualidades serão mais bem aproveitadas) é o salto em comprimento. Mas, lá voltamos ao mesmo: e os treinos?

«Eu estudava de dia, mas agora vou-me preparar e passar a estudar à noite. No intervalo de uma coisa e outra arranjaréi tempo para treinar atletismo. Até aqui não cuidava da minha preparação apenas por preguiça. Mas tudo se modificará com a nova orientação que vou dar à minha vida.»

Na freguesia de Santa Maria de Belém da

ALEXANDRE PAIS



cidade de Lisboa, nasceu em 11 de Junho de 1955 a Marília Maria Sousa de Carvalho. Que é hoje, ao que parece uma atleta com grandes possibilidades de progresso. Que se vai atirar ao trabalho para assegurar a promessa de bom futuro. Que quer melhorar a marca nacional do salto em altura. Que não acabará certamente por ir para casa coser as meias. Mais do que um novo símbolo do Belenenses, Marília de Carvalho é um exemplo do digno contrariar de ideias ancestral: a mulher que vive no lar existindo apenas para servir o bem-amado. Continua, continua que esta é a corrida que não podes perder. Porquê? Tu verás, Marília...

Temas

FUTEBOL DE ONTEM, FUTEBOL DE HOJE

Por
CORREIA BRANCO

Futebol é estratégia. As táticas e a estratégia são o plano do jogo, sem o qual este seria forçosamente indisciplinado.

Simultaneamente à popularidade e ao impacto financeiro do futebol por meio do profissionalismo (momento a partir do qual se torna mais importante vencer do que competir) também a estratégia e as táticas se têm modificado, de tal modo que o futebol (contrariamente ao que foi idealizado) é hoje um jogo ostensivamente defensivo. Práticas inicialmente delineadas (através dos conhecidos «ferrolho suíço» e «catenaccio italiano», com todas as suas variantes) rapidamente se propagaram ao futebol de outros países, fazendo com que o «GOLO» seja hoje uma raridade nos encontros de futebol.

Com o desenvolvimento das competições a nível interacio-

nal e os consequentes investimentos dos clubes (elevados a grandes montantes, para constituírem e manterem uma equipa) chegou-se a um ponto em que o afastamento de uma dessas competições quase equivale à ruína.

Por todos estes motivos, torna-se difícil uma comparação real e efectiva entre o futebol de ontem e de hoje, pois facilmente se conclui que hoje se pratica um futebol diferente, talvez menos espectacular mas muito mais incisivo.

Não é nossa intenção dissecar as definições técnicas do jogo, mas apenas fazer uma breve análise comparativa das táticas antecedentes às que hoje em dia, estão mais divulgadas: especificamente ao 4x2x4, sistema muito em voga no chamado «futebol moderno».

Quer parecer-nos que este sistema não é mais do que uma

adaptação do primitivo WM, em que apenas prevalece uma maior tendência defensiva, contrariamente ao que seria de esperar segundo os moldes em que está concebido. Ou seja: o apoio dos dois jogadores do meio-campo, tanto ao sector defensivo como atacante, o que na prática raramente se verifica já que as equipas perdem a sua rede. E procuram antes (de qualquer modo) defender a sua rede.

Lembramo-nos, ao acaso da famosa equipa leonina dos cinco «violinos», dos anos cinquenta, cuja capacidade realizadora é ainda por muitos adeptos do futebol recordada com saudade; e em cuja maleabilidade dos dois médios (Canário e Veríssimo) se encontrava precisamente a afinidade dos dois sistemas referidos.

A Canário estava distribuída a função essencialmente ata-

cante, enquanto Veríssimo (sempre que as circunstâncias o exigiam) actuava como um quarto defesa, sendo o seu desvio do meio campo compensado pelo recuo de Travassos, equilibrando assim o binário do meio campo: o que efectivamente, apresentava a mesma geometria perconizada pelo actual 4x2x4.

Esta simplificação não é mais do que um sinónimo dos dois processos, cuja diferença fundamental (no futebol actual) é que o 4x2x4 nos apresenta um futebol mais lento, mais frio e (sobretudo) muito mais calculista.

Será que o futebol evoluiu? Quanto a nós a verdade irrefutável é que tanto os técnicos como as táticas carecem de novos conceitos, que deveriam orientar o futebol em direcção aos processos estratégicos para que este foi inicialmente concebido: o GOLO.

A BOLA MÁGICA

LIVRE E DIRECTO

a colaboração de CAGICA



Por altura do Carnaval, mais precisamente na 2.ª feira, levei à cena nestas colunas uma peça em quatro actos, cuja mensagem visava a ingratidão dos dirigentes pelo trabalho dos treinadores portugueses e a sua vocação para a aventura de contratar estrangeiros mais ou menos conhecidos.

Algumas pessoas pensaram que eu pretendia, nessa satírica composição, defender o treinador Vaz, o que é absolutamente errado. Quando defendo eu ataco, faço-o sempre de forma clara e objectiva. Trata-se apenas de uma tirada humorística como tantas outras que aqui tenho trazido, com maior ou menor merecimento. No fundo, porém, (ao bom e ingénio estilo das fábulas) havia uma moralidade, aquela mensagem de que falei no princípio. O lado curioso da questão (e o que me faz voltar

ao caso) é que eu previa no último acto a contratação de um treinador inglês. Tal como acaba de acontecer no Sporting. Não quero precipitar-me em prematuros juízos de valor sobre o técnico britânico, mas não irá acontecer no Sporting o que tem vindo a suceder no Benfica com a dupla técnica anglo-portuguesa?

Já agora, uma vez que a minha profecia bateu certa, quem quiser saber o que vai acontecer no futebol português, não terá mais que escrever ou telefonar (nem é preciso dizer a frase) e a minha bola (de trapos) mágica revelará os segredos do futuro. É limpinho! De certo modo, esta coisa das previsões a longo prazo é um exclusivo do meu amigo Joaquim Meirim, mas ele não se importa que eu vá dando um ou outro palpite...



Dr. João Havelange, presidente da C.B.D.: "JOGOS LUSO-BRASILEIROS NÃO SÃO FOGO DE VISTA"



«Ninguém segura este país» é tema que se lê constantemente nas montras dos estabelecimentos do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras, nos vidros de quase todos os automóveis oficiais e particulares, como nas esquinas entaipadas onde breve nascerá outro monstro de cimento. O Brasil está inteira e devotadamente voltado ao futuro. E, para que a integração seja total, recorre ao desporto, a mola real que entusiasma uma multidão de 90 milhões.

Ninguém segura este país» como ninguém conseguiu travar o entusiasmo que levantou uma organização de 150 mil contos a «Taça Independência».

«No ano do Sesquicentário, indispensável se tornava uma organização grandiosa que empolgasse um povo que ama o futebol como nenhum outro no mundo inteiro. Numa festa que é de todos nós, tentámos a colaboração de outros países amigos, as maiores potências mundiais do desporto-rei»

E a iniciativa está prestes a tomar a forma de «Taça de Ouro-1972» vai nascer já no dia 11 de Junho, com a presença de 20 selecções. Em vésperas da jornada inaugural, estamos contentes e confiantes. Porque de alegria de termos entre nós representações tão importantes, resulta a garantia do sucesso absoluto. Pois não é o futebol a própria alegria do povo brasileiro?»

São palavras do dr. João Havelange, há 18 anos presidente da Confederação Brasileira dos Desportos e grande impulsionador da «Taça Independência». Ao fim de alguns dias de espera paciente, algumas horas queimando cigarros no gabinete de acesso ao seu teatro de labor, conseguimos finalmente alguns minutos para a desejada entrevista. A nossa frente, mais dois jornalistas (um sul-americano e um soviético) testemunhos vivos do entusiasmo e expectativa que reinam no mundo, por este autêntico campeonato do mundo de futebol, de índole particular.

Dr. João Havelange: o eterno sorriso compreensivo, em rosto endurecido pela responsabilidade do lugar.

«Dezoito anos na direcção desta Confederação, ensinaram-nos do modo entusiasta como o povo brasileiro recebe qualquer iniciativa relacionada com o futebol. A conquista de três títulos mundiais, e a posse definitiva da «Jules Rimet», justificam agora todo esse entusiasmo popular. Além disso, estamos agora, mais do que nunca, interessados em captar e conquistar a juventude alegre deste país: pois construímos para ela 12 estádios com capacidades entre os 50 mil e os 200 mil lugares. Por isso, a fase primeira deste torneio (que visa a comemoração condigna dos 150 anos da nossa independência) será disputada nos estádios já construídos neste grande país, e localizados fora dos grandes centros, nas zonas que estão em pleno desenvolvimento: o Norte e o Nordeste, nas cidades de Salvador, Aracaju, Alagoas, Recife, Natal, Manaus, Campo Grande e Curitiba. Nesta primeira fase, que denominámos de apuramento para as semi-finais, participam 15 selecções, divididas em três grupos, de onde sairão três vencedores. A estes, juntar-se-ão mais cinco selecções previamente escolhidas, que disputarão a fase final.»

Falou-se muito das selecções especialmente convidadas para as semi-finais, bem como daquelas que, depois de

darem o seu acordo, acabaram por desistir. O dr. João Havelange explicou-nos todos os pormenores relacionados com estes pormenores:

«O primeiro país a ser convidado tinha de ser Portugal. Não apenas pelos laços de amizade que sempre nos uniram, mas também porque os nossos irmãos não poderiam faltar na festa do nosso sesquicente-

nar as selecções com títulos mundiais para as semi-finais: estariam (portanto) apuradas as representações do Brasil, da Itália, da Alemanha, da Inglaterra e do Uruguai. Cinco selecções que se juntariam às três vencedoras de cada um dos grupos. Foi bastante penalizado que recebemos a notícia da impossibilidade de presença de algumas delas.

a vitrina de honra da Federação proclamada vencedora através da sua selecção. Um troféu que não terá similar, pois será peça única: a «Taça Independência» será disputada apenas este ano.»

JOGOS LUSO-BRASILEIROS

A sede da Confederação Brasileira dos Desportos ocupa

tiva que mais mostra ao mundo a verdadeira dimensão da amizade entre o Brasil e Portugal. Sobre o evento, disse-nos o dr. João Havelange:

«Desde 1960 que os Jogos Luso-Brasileiros constituem uma grandiosa manifestação desportiva entre estes dois países tão amigos e tão unidos. Nesse ano, foi a cidade do Porto cenário da cerimónia

Entrevista por ORLANDO DIAS AGUDO

nário. Desde o primeiro minuto recebemos a certeza da sua participação, pois a presença da selecção portuguesa era tão indispensável como a brasileira. Enviámos depois convites à França, país que é igualmente da nossa latitudes, à Itália, à Alemanha e à Inglaterra: selecções com brilhantes tradições nos Campeonatos do Mundo. Infelizmente estas três últimas representações não puderam confirmar as suas presenças, pelo que dirigimos convites às selecções que mais se aproximavam delas em valor e características: em vez da Alemanha virá a União Soviética, enquanto a Checoslováquia substituirá a Itália e a Escócia ocupará o lugar da Inglaterra. Temos, depois, a grata satisfação de ter entre nós as nove selecções sul-americanas de maior prestígio: Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia, Perú, Equador, Colômbia, Venezuela, bem como a selecção da Concacaf, que é a Confederação Norte-Centro Americana. Para completar o lote das vinte selecções do torneio, teremos as da África e da Ásia.»

OS SEMI-FINALISTAS

«Quando dos arranjos do calendário, pensamos esca-

Por isso, as que vêm substituir, ocupam naturalmente o seu lugar. A partir de 11 de Junho, o Brasil vai entrar em festa, uma festa desportiva integrada no programa do Sesquicentário e que se prolongará até ao dia 9 de Julho, data da final, que terá o Maracanã como cenário e que esperamos, registará a sua maior enchente depois da célebre final com o Uruguai, para um não menos célebre Campeonato do Mundo. Esperamos ver correspondidos, por parte da população deste enorme Brasil, todos os esforços levados a cabo para erguer o torneio. Temos sobre os ombros uma grande responsabilidade: a organização da Mini-Copa custou-nos qualquer coisa como 150 mil contos.»

TAÇA INDEPENDÊNCIA: 750 CONTOS DE VALOR

«Para o vencedor deste torneio, destinámos um troféu de bastante valor histórico e material. Todo em ouro e opalina, é encimado pela coroa de D. Pedro I, o Imperador que nos deu a independência unindo-nos mais ainda a Portugal. É uma autêntica obra de arte, cujo valor atinge os 750 mil escudos. Uma preciosidade que irá enriquecer e embelezar



Num abraço de dois amigos, o sublinhar de uma verdade: Portugal e Brasil, duas pátrias num único sentimento. Os Drs. Baltazar Rebelo de Sousa e João Havelange.

todos os andares e dependências de um moderno e funcional edifício de oito pisos. O gabinete do dr. João Havelange está situado no último andar, como que sobranceiro sobre toda a actividade desportiva do Brasil. O tal país-irmão que ninguém consegue segurar...

Neste ano dos Sesquicentário, além da «Taça de Ouro» (que unirá num único sentimento vinte representações futebolistas) o Brasil tem ainda outra prova em que participa: os jogos Luso-Brasileiros, porventura a manifestação despor-

de abertura, espalhando-se em seguida por 22 cidades do Portugal metropolitano até chegar a Lisboa, onde foram encerrados na presença do Chefe do Estado e do Presidente do Conselho, o Dr. Oliveira Salazar. Em 1963, foi Portugal que trouxe ao Brasil a força da sua juventude, para uma competição que entusiasmosse todo o povo. Três anos depois, foi a vez de nós levarmos ao Ultramar Português (Angola e Moçambique) o entusiasmo da nossa mocidade desportista. Em 1969, os Jogos Luso-Brasileiros começaram em Belém do Pará e estenderam-se a 13 estados em 13 modalidades. Este ano, cabe a vez aos desportistas brasileiros de visitarem todo o Portugal: início em Luanda (no dia 15 de Julho) passando a Moçambique e a Lisboa, onde serão encerrados no dia 29 do mesmo mês. Estamos já a pensar na 6.ª edição que terá o Brasil como cenário e que irá provar a todo o mundo o desejo que todo o brasileiro tem de ser cada vez mais português, para corresponder afinal à verdade já aprendida, de todo o português se sentir cada vez mais brasileiro. Sei que muita gente diz que a realização destes certames constituem apenas «fogo de vista». Mas essas pessoas nunca assistiram à disputa de um título qualquer dos Jogos Luso-Brasileiros. Se assistissem, certamente não diriam uma coisa dessas. A verdade destes torneios, não revelam apenas um sentimento desportivo: mostram igualmente a verdadeira amizade que une portugueses e brasileiros.»

«Ninguém segura o Brasil» não é apenas capa de slogan publicitário. É força que se sente, é pressa de chegar ao futuro. É sangue que ferve, vontade que anima. É certeza que fala português, realidade de nossos irmãos.

Não é na conjugação dos esforços que se constrói o futuro?

CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR

Venda de um lote
de terreno
para construção

EDITAL

A Câmara Municipal de Tomar anuncia que, em praça a realizar na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, no dia 23 do corrente, pelas 16 horas, será vendido, em hasta pública, um lote de terreno destinado à construção de um prédio de rendimento, de cave, rés-do-chão e três andares, junto à Rua L do Plano de Urbanização, nesta cidade, com a área de 252,80 metros quadrados.

O referido lote irá à praça pelo preço base de licitação de 554 000\$00.

A planta de localização do lote e as condições gerais e especiais de venda, bem como as de pagamento do valor do terreno, encontram-se patentes nos Serviços Técnicos de Obras desta Câmara Municipal, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Paços do Concelho de Tomar, 3 de Maio de 1972.

O Presidente da Câmara Municipal — Dr. Manuel dos Santos Machado.



Desde sempre que as actividades dos portugueses no Brasil, em qualquer campo, interessaram o dr. João Havelange: numa casa típica portuguesa no Rio, ele cumprimenta Luísa Salgado sob as vistas de Maria Sidónio.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS DESPORTOS

DETENTORA DA COPA JULES RIMET



ESTÁDIOS DO BRASIL

1	Estádio Maria F. Ho (Maracanã) Rio de Janeiro 220.000 lugares	Proprietário Estado da Guanabara (ADEG)	6	Estádio Governador Otávio Mangabeira (Fonte Nova) Salvador 100.000 lugares	Proprietário Estado da Bahia	11	Estádio do Vasco da Gama Rio de Janeiro 50.000 lugares	Proprietário CR Vasco da Gama
2	Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) São Paulo (Capital) 150.000 lugares	Proprietário São Paulo FC	7	Estádio Municipal (Pacaembu) São Paulo (Capital) 70.000 lugares	Proprietário Prefeitura de São Paulo	12	Estádio Governador Alacide Nunes Belém 120.000 lugares	Proprietário Estado do Pará
3	Gigante da Beira-Rio (Beira Rio) Porto Alegre 110.000 lugares	Proprietário EC Internacional	8	Estádio Olímpico Porto Alegre 70.000 lugares (em ampliação)	Proprietário Grêmio de Footbal Porto Alegrense	13	Estádio Plácido Castelo (Castelão) Fortaleza 120.000 lugares	Proprietário Estado do Ceará
4	Estádio Magalhães Pinto (Mineirão) Belo Horizonte 110.000 lugares	Proprietário Estado de Minas Gerais (ADEMG)	9	Estádio José do Rêgo Marciel (Correio da Arruda) Recife 70.000 lugares	Proprietário Santa Cruz FC	14	Estádio Vivaldo Lima Manaus 70.000 lugares	Proprietário Estado do Amazonas
5	Estádio Lamenha Filho (Rei Pelé) Maceió 100.000 lugares	Proprietário Estado de Alagoas (FAPE)	10	Estádio Lourival Baptista (Batisstão) Aracaju 55.000 lugares	Proprietário Estado de Sergipe	15	Estádio de Erechim Erechim (RS) 50.000 lugares	Proprietário Prefeitura Municipal
						16	Estádio Pedro Pedrossian Campo Grande 45.000 lugares	Proprietário Estado de Mato Grosso
						17	Estádio Marechal Castelo Branco Natal (Rio Grande do Norte) 50.000 lugares	Proprietário Prefeitura de Natal (Fenat-Fundação de Esportes de Natal)

RÂGUEBI: VETERINÁRIA COMEÇOU ASSIM

Tinhamos hoje treino, mas não apareceu ninguém, porque de manhã tivemos uma visita de estudo ao Cartaxo e apanhámos todos uma «piela». Isto disse-nos Vidal Abreu, um dos jogadores da recém-formada equipa de râguebi de Veterinária. E acrescentou: Além disso, é natural que só apareçamos no dia do encontro pois já treinamos esta semana uma vez...

É neste tom (divertido) que tudo se passa em Veterinária. Formado este ano para disputar o Campeonato Regional Universitário, o «quinze» de Veterinária impressionou bem quem teve oportunidade de assistir aos jogos já realizados contra equipas mais experientes. O porquê da sua formação explicou-nos Mário Ramos Marques, que é o actual dirigente da secção desportiva da Associação de Estudantes da Escola Superior de Veterinária. Ramos Marques explica:

Ha uns dez anos, Veterinária tinha uma equipa de râguebi «temível!... A tradição ficou, quando a equipa acabou. Como este ano entraram para a Escola (primeiro ano) alguns que já tinham jogado râguebi nos Regentes de Coimbra, e como outros eram entusiastas da modalidade, resolvemos tentar arranjar uma equipa. Assim, afixámos na Escola de Veterinária um papel onde os interessados deveriam escrever

o nome, e conseguimos 25 assinaturas: o que, no final, nos deu 22 inscritos no Centro Desportivo Universitário de Lisboa e poderemos participar no Regional.

Ora, coisa importante é um treinador. Essa função divide-se entre dois jogadores da equipa de Medicina: Nuno Lynce (o consagrado «internacional» da nossa «praça râguebística») e João Andersen Leitão, valioso elemento dos «médicos», que também começou a jogar há três anos, num Universitário (quando, como espectador, se preparava para assistir a um encontro da, naquela altura, desconhecida equipa de Medicina, e foi obrigado a jogar por haver falta de dois ou três jogadores para o «quinze» ficar completo...). Quisemos saber o porquê da escolha desses «treinadores»:

Um de nós conhecia bem o Nuno Lynce e perguntou-lhe se estaria interessado em ajudar-nos: ele disse que sim. O Andersen Leitão apareceu depois, indicado pelo Nuno Lynce, na impossibilidade deste estar presente a todos os treinos e jogos pela sua vida de estudante muito sobrecarregada.

Treinar agora, continuar depois

Um horário «rígido» de treinos, dificilmente cumprido por

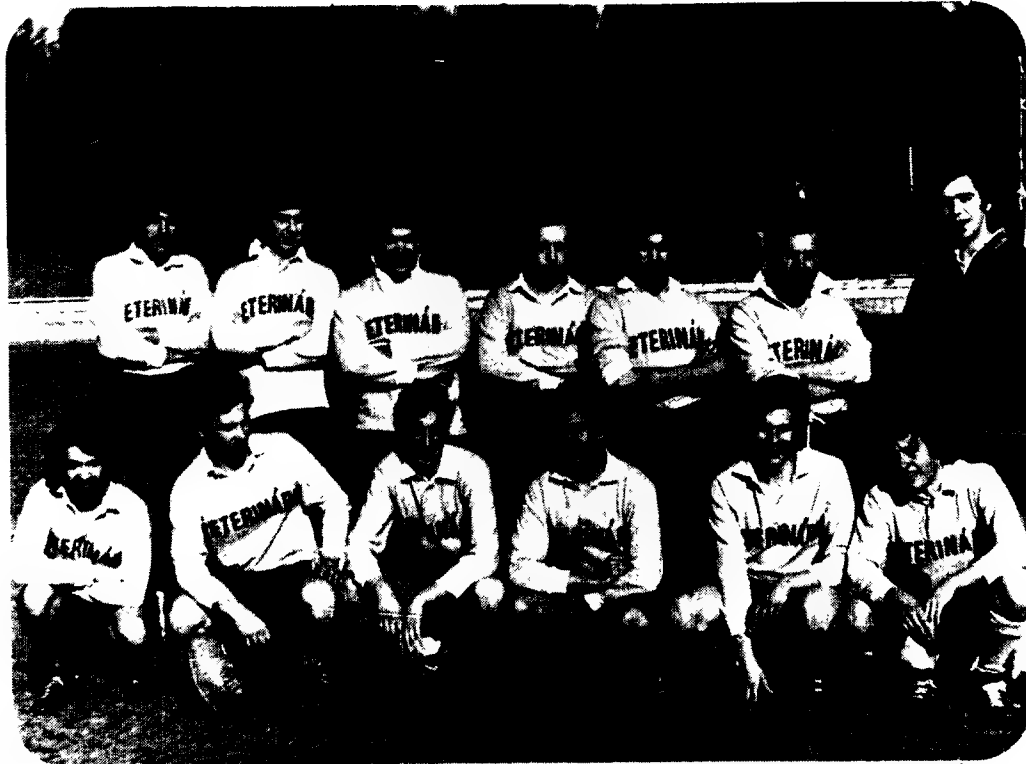
todos, (às quartas, pelas 18 horas e às sextas, às 16 e 30) e aí temos a Veterinária: uma equipa já com uma série de jogos disputados.

Com apenas dois treinos antes do primeiro encontro do Universitário (diz-nos ainda Ramos Marques) jogámos contra Belas-Artes, num desafio que nos serviu para treino de conjunto.

Depois desta primeira derrota (por 0-26), os rapazes não desanimaram e fizeram excelente partida contra a equipa principal de Económicas, sendo derrotados apenas por 3-14. Outros resultados: contra Técnico A, 0-34 e perante a Academia Militar, 0-14. Nunca registaram falta de comparecimento, tendo ganho a Direito e a Económicas por ausência do opositor.

Faltando alguns jogos do Universitário para disputar (e apurar do 3.º ao 6.º lugares da série a que pretendem) Veterinária tem já no seu activo uma presença no III Torneio da Agricultura, disputado este ano em Coimbra. Como é que isso aconteceu?

Fomos convidados pelos Regentes de Coimbra, que este ano organizaram a competição. Aceitámos e foi uma experiência interessante e útil para todos nós, apesar das duas derrotas aí sofridas, mas acreditamos que com um pouco de sorte e mais treino tudo



Alguns dos elementos da equipa de Râguebi Veterinária: Em baixo, da esquerda para a direita: Adriano, Freixo, Cannas, Barbas, Marques e Ruano. De pé: Martins, Abreu, Vosta, Baptista, Galdino, Mascarenhas e Leitão (treinador). Além destes, jogaram ainda este ano Aires, Cardoso, Geada, Fialho e Mário Silva

fique melhor e que para o ano possamos fazer melhor.

Para o ano vão (pois) continuar. Como se dará essa continuação?

Queremos federar-nos para a próxima época, para disputarmos o Campeonato da II Divisão. Para já estudamos os estatutos a apresentar à Federação de que devem constar: a não obrigatoriedade de ser aluno do Curso de Veterinária

para os que quiserem jogar nas categorias de Juniores, Juvenis e Iniciados que nos propomos constituir, ficando apenas a condição de estudante para se poder alinhar em seniores pelas nossas cores.

De camisola amarela forte com o nome de Veterinária escrito a azul e calções azuis escuros (equipamentos oferecidos pela Associação de Estudantes a que eles pertencem)

a nova e promissora equipa de Veterinária espera (assim) pela próxima época para mostrar o que verdadeiramente vale. Quem quiser aparecer para jogar já sabe onde pode encontrar uma oportunidade: no Estádio Universitário, às horas dos treinos. Se não estiver ninguém não se assustem: ou houve jogo fora ou visita de estudo...

FERNANDO GUERRA



Televisão, leitura, relações sociais, repouso, espectáculos, desportos e diversos

Para quem tem tempo, há horas para tudo. Tempo disponível, tempo livre, pois é a esse que nos referimos: ao que cresce, ao que fica, descontadas as tarefas profissionais ou domésticas, o sono e as outras necessidades fisiológicas, as viagens, cada vez mais longas, longas, de casa para o emprego e do emprego para casa.

À falta de elementos sobre o tempo disponível do português comum e sobre as maneiras como ele preenche esse rico tempinho, contentemo-nos com os dados — aliás elucidativos — fornecidos após o último inquérito realizado em França, para averiguar dos «loisirs», dos lazeres do francês médio, do «Sr. Dupond».

Ora, como o que sobretudo interessa aqui é saber da atenção que as pessoas dedicam às suas (delas) práticas desportivas, comecemos por esse capítulo.

Desde já — gráficos à frente — apetece dizer «à fadista»: «chorai desportistas, chorai! O espaço preenchido pelo despor-

to na coluna relativa aos homens é pequenino, pequenino, quase nada — o mais pequenino de todos; então na coluna das mulheres, é perfeitamente insignificante! E o mais grave disto, se imaginarmos um paralelo cá com a nossa terra, está no facto de a França, ainda assim, ser um país onde cerca de 5 milhões

de pessoas (12,9 por cento da população) praticam, com regularidade, pelo menos uma modalidade desportiva.

Claro que estão já a adivinhar o que é que sobretudo interessa ao «sr. Dupond» e á «sr. Dupond» nas quatro horas diárias de fazer que segundo a estatística, têm ao seu dispor... Precisamente: é a televisão. E, depois da televisão, as relações sociais e o «dolce far niente», a sorna, o ripanço. (Deixem colocar, neste parêntesis, a expressão da nossa perplexidade: parece, portanto, que ver televisão equivale a fazer alguma coisa, a uma utilidade... Valha a verdade, isso é um problema lá com a T.V.) Continuando a lista dos lazeres diários «à francesa», temos a leitura a ocupar, ainda, um lugar importante, com grande vantagem do jornal e da revista sobre o livro; a seguir, já muito pobrezinho, vem o lugar dos espectáculos; finalmente, último dos últimos, o desporto (entenda-se as práticas desportivas), como já foi dito.

Amigo leitor desportista, o caso não é para desanimar! Por isto: os senhores que fizeram a estatística atrás referida esqueceram-se de uma modalidade importantíssima. Tão importante que, ela só, com as massas que entusiasma, altera todos os gráficos: o desporto de bancada, tão cómodo e, por vezes, tão exaltante! Uma especialidade cá nossa.

Saudações desportivas.

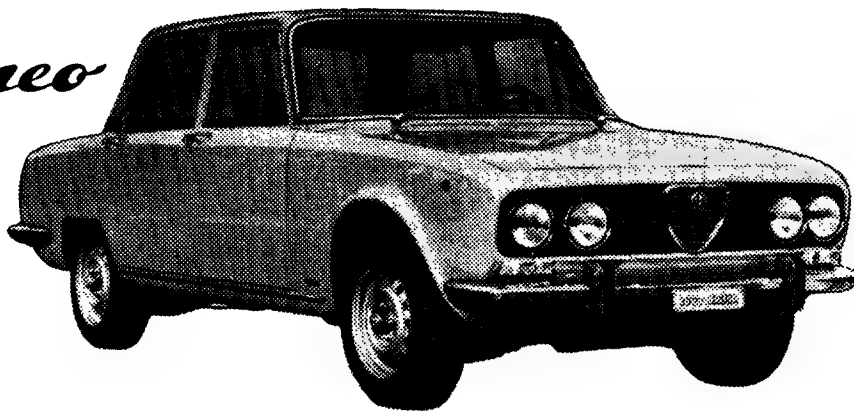
TEMPOS LIVRES E DESPORTO

Por ANTONIO TADEU

2000
CAMPEÃO DA EUROPA

Alfa Romeo
BERLINA

1962 c.c. 150 CV
190 Km/h
Km de arranque em 31,2 seg.

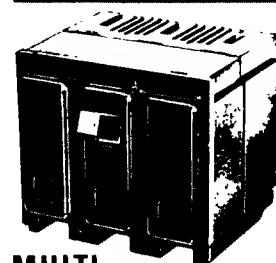


MOCAR, LDA
AV. DUQUE D AVILA, 66A/B
LISBOA 1

A POTÊNCIA ALFA ROMEO É SEGURANÇA

Continua em exposição

DISJUNTORES



MULTI-POLARES

UNI-POLARES

J.F.
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & CA., LDA

TEL. 654165 * LISBOA

MÉTODO ASSIMIL

Aprendizagem de Línguas por assimilação intuitiva.

Em discos microgravados, cassettes ou bobines
LIVRO DE TEXTO
LÍNGUAS ESTUDADAS:

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
RUSSO
ITALIANO
ESPAHOL
HOLANDÊS
GREGO
PORTUGUÊS

REPRESENTANTES:
CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA E C.ª, SUC.
Rua do Carmo, 9 a 13
Telef. 324076 — LISBOA

OLHANENSE.

60 ANOS DE VIDA

Fazer anos, quando se atinge idade provecta, não é nada agradável. Já o poeta algarvio João de Deus dizia: «Com que então caiu na asneira/De fazer, na quinta-feira. Os seus vinte anos/Que tolo... Porém, quando tal acontece com um clube desportivo já o caso muda de figura. Foi o que acaba de suceder com o Sporting Clube Olhanense, cujo historial (através dos seus longos 60 anos) é verdadeiro alfofre de acontecimentos valorosos que enobrecem qualquer colectividade.

Pois o velho e glorioso Olhanense encontra-se actualmente, engalanado com os seus mais caros ornamentos e a fé inquebrantável dos seus dirigentes e massa associativa, vivendo um passado rico de história, um presente dos mais pródigos e um futuro a todos os títulos promissores.



MELEAS CARAPETO — Vice-presidente do Olhanense e Director da secção de futebol.

HISTÓRIA

Fundado em 27 de Abril de 1912, o Sporting Clube Olhanense foi campeão de Portugal em 1923/24; semi-finalista em 1924/25 e 26; campeão da 2.ª Liga em 1935/36; campeão da 2.ª Divisão em 1940/41; campeão da Zona Sul em 1960/61; campeão da 3.ª Divisão em 1969/70 e finalista da «Taça de Portugal» em 1944/45. Disputou a 1.ª Divisão de 1941 a 1951 e de 1961 a 1964. Louvado pelo Governo em 22/10/1924, recebeu também a Medalha dos Bóns Serviços Desportivos em 23/4/1962.

Presentemente, labuta na 2.ª Divisão, mas um dos mais veementemente desejos dos seus directores e associados é regressar à Divisão principal. E para isso não irão, na próxima época, furtar-se a esforços e investimentos para que a mais progressiva província portuguesa, o Algarve, possa vir a ter, além do Farense, outro clube entre os «maiores» do nosso futebol: o simpático e popular Olhanense.

BANQUETE

Gentil convite da direcção do grémio de Olhão levou-nos à pitoresca vila cubista, onde estivemos presentes ao magnífico banquete comemorativo dos 60 anos do Clube, o qual teve a assistência de mais de 150 convivas. Foi uma noite de alegria e diálogo entre dirigentes, entidades oficiais, órgãos da informação e associados, onde se trocaram brindes e foram feitas as mais sugestivas promessas em prol da grandeza do Clube — que já foi dos maiores do País.

Entre outras entidades anotámos as presenças dos senhores presidente da Câmara Municipal de Olhão, engenheiro Netto Caboz; delegado da Direcção-Geral dos Desportos, engenheiro Osvaldo Bagarrão; presidente da Associação de Futebol de Faro, dr. José Carlos Del'No; secretário da A.F.F., sr. Álvaro Manso; cônego Falé; dr. Raul Rego, juiz do Tribunal de Trabalho de Faro; delegado da Junta de Turismo do Algarve, sr. José Mendes e, obviamente, todos os directores do Olhanense.

DISCURSOS

Após uma saudação pelo presidente da Assembleia Geral do Olhanense, dr. José Barbosa, este comunicou, sob vibrantes aplausos, a doação feita ao clube pelo associado José de Sousa Arcanjo, de um terreno de 40 mil metros quadrados, localizado na estrada

nacional, à entrada da vila. E seguiu-se a série de discursos: o presidente da A.F.F., para «fazer o apelo, como olhanense que é, a todos os dirigentes e associados no sentido do clube voltar a ser o que foi em tempos idos: o maior estandarte da província do Algarve», completando: «Oxalá possamos, em 1973, gritar o seu nome de peito levantado». O ten. Cravinho, comandante da G.N.R. em Olhão, congratulou-se, a seguir, com a direcção do clube e o seu «team» de futebol, «que ainda

Imaginem se as não houvesse; que vida sensaborona. Não pensem em dificuldades. Pensem apenas em levantar o prestígio do Sporting Clube Olhanense... porque essa tal 1.ª Divisão voltará e nós voltaremos a cantar glória ainda maior ao Olhanense».

COLABORAÇÃO

O presidente da Câmara Municipal de Olhão, eng. Netto Caboz, declarou no seu brilhante improviso: «Não há dúvida que o Olhanense tem sido a grande bandeira de propaganda desta bela vila cubista, por todo o País, embora arrostando, por vezes, com extremas dificuldades. Só a «carolice» dos seus dirigentes lhe permite continuar na primeira linha do futebol nacional». Recordou, em seguida, os que pereceram. E homenageou os que vivem em defesa das cores da agremiação: «A Câmara está sempre atenta ao evoluir do clube e neste instante faz-se a doação de um terreno para a construção do seu ginásio desportivo». Mas condicionou: «Todavia, as obras têm de principiar até ao dia 27 de Abril de 1973». E completou a oração: «Estamos, neste instante, debruçados sobre um vasto plano urbanístico, Faro-Olhão, visando os 100 mil habitantes, com o seu epicentro entre as duas povoações».



ANIVERSÁRIO — O delegado da Direcção-Geral dos Desportos no uso da palavra, ladeado pelo presidente da Câmara Municipal de Olhão e o presidente da Assembleia do clube aniversariante

o ano passado conquistou a «Taça Disciplina», para nós o galardão mais significativo». Depois, o cônego Falé, grande amigo e «torcedor» do Olhanense, afirmou: «Estou aqui, mais uma vez, como pároco da freguesia: uma presença do espírito». E após referir-se aos esforços de todos os olhanenses, na consolidação de um sonho maravilhoso disse: «As promessas desta noite deixaram-me feliz. Há dificuldades?

PRESIDENTE

Saudado com longa salva de aplausos o sr. António Leal Júnior, presidente do Olhanense, tomou a palavra: «Nesta noite do 60.º aniversário do clube foram-me dadas duas notícias tão gratas que a simples palavra «obrigado» pouco significa: as da cedência dos terrenos para as construções do estádio de futebol, pelo sr. José Arcanjo, e para o ginásio des-



OLHANENSE — este é o «quadro» algarvio: Rodrigues, Regina, Cordeiro, Zézé, Albino, Alexandrino e Cartaxo (em pé), e Madeira, Sousa, Renato, Poira, Simões e Paris (em baixo).

portivo, pela C.M.O.». Após considerações várias sobre a vida do clube, o sr. António Leal concluiu: «Para mim o Olhanense tem sempre a mesma dimensão: quer esteja na 1.ª ou na 3.ª Divisões».

O dr. Barbosa, presidente da Assembleia Geral do clube, voltou a falar («O Olhanense não é apenas um clube de futebol, é também uma colectividade que se dedica à fomentação da educação física e formação moral dos homens») para distinguir dois associados com emblemas de ouro.

A VOZ DA D.G.D.

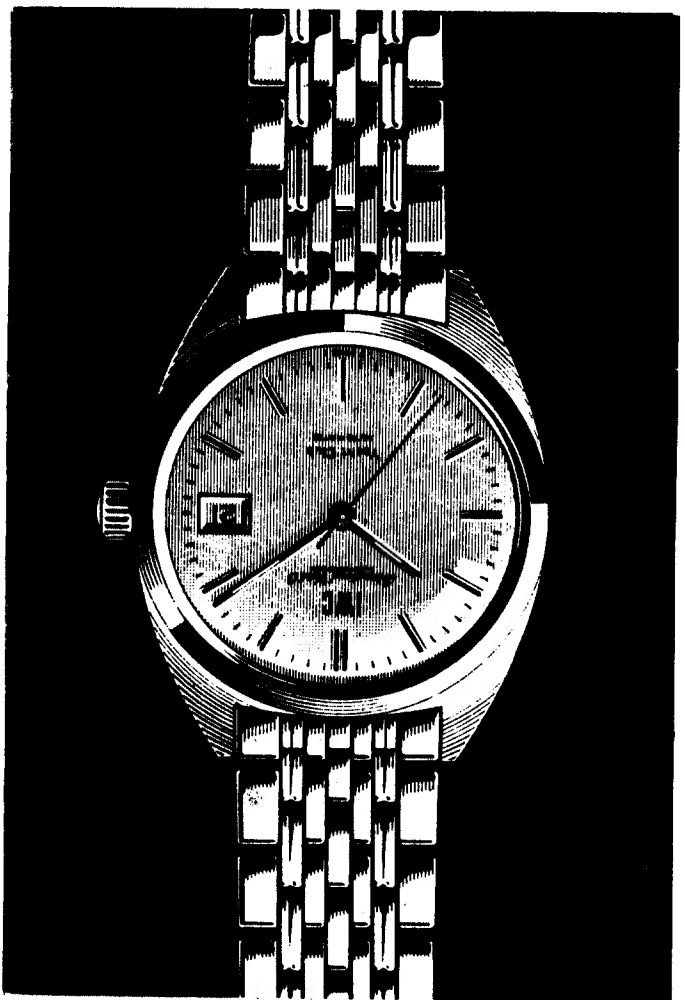
Encerrando os discursos, o delegado da Direcção Geral dos Desportos no Algarve, eng. Osvaldo Barragão, declarou: «Há, presentemente, no Algarve, uma espécie de descrença no futebol entre as camadas jovens. É que, na minha mocidade, os campos e as ruas eram oferecidos à sua prática. Hoje estão interditados ao futebol. Não se pode dar um pontapé na bola. Será essa a razão? Porém, o Olhanense há-de ser sempre um grande clube, independentemente de estar na 1.ª ou na 2.ª Divisões». Fez um apelo à Câmara Municipal de Olhão: «Prestigiar o clube da terra é o mesmo que prestigiar a própria edilidade». E, voltando-se para o seu presidente: «Condição ou o início das obras do ginásio desportivo para daqui a um ano. E as burocracias a vencer permitirão que as mesmas possam ser iniciadas antes de 27 de Abril de 1973?» E deu o seguinte exemplo: «Em Albufeira, está sendo construído um pequeno pavilhão. Mas têm sido tantas as dificuldades que já se passou um ano e nada feito. Por isso, se a C.M.O. clausurar essa determinação, pode vir a acontecer o mesmo e daqui a um ano

as obras não terem também tido início em Olhão. E, sendo assim, o Olhanense irá perder o terreno?»

Prolongada salva de palmas

corroou a interrogativa do delegado da Direcção-Geral dos Desportos no Algarve.

Mário Nobre



IWC Yacht Club

Com pulseira de aço, automático com calendário.

Yatch Club é muito sólido e indicado na prática dos desportos mais duros.

À prova de choque. A máquina no interior da caixa encontra-se protegida elásticamente por meio de amortecedores.

Impermeável: Até uma profundidade de 100 metros (10 atm.). Isento de condensação.

IWC

International Watch Co. Schaffhausen, Switzerland

A venda nas melhores ourivesarias e relojarias do País.

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Não o preocupará, se nos confiar a decoração da sua casa, pois os nossos desenhadores concebem MÓVEIS FUNCIONAIS, que no mínimo espaço proporcionam o máximo conforto.

GALERIA ACTUAL

MÓVEIS E DECORAÇÕES

AV. DA REPÚBLICA, 12 (Perto do Saldanha) T. 46928



CÉU LOPES, CONTESTATÁRIA:

"O Atletismo até nem é a minha vida..."

Maria do Céu Lopes é a recordista nacional dos 400,800 e 1500 metros: e passa por ser também a melhor atleta portuguesa da actualidade. Isto está, aliás, dito e redito. A sua ténpera de mulher decidida a triunfar na vida também tem sido devidamente realçada.

Simplemente, e pelo nível técnico já atingido, exige-se-lhe mais do que tudo isto. Exige-se-lhe, já, um comportamento atlético compatível com alta competição, o que significa um «mais e sempre mais» na tentativa da superação pessoal. Para este ano, essa superação tem um objectivo imediato, os Jogos Olímpicos de Munique. E foi nessa base que falámos com a atleta do Sporting. Procurou-se indagar como está a preparar-se para a mais importante competição desportiva, quais são os seus planos e ambições para Munique, uma vez que é uma das pré-seleccionadas.

Em princípio, eu poderia baixar as minhas marcas pessoais até obter os mínimos para correr os 800 e os 1500 metros. Simplesmente isso implica uma série de coisas que me limitaram as ambições pessoais e que me poderiam prejudicar na minha vida profissional. Daí que eu veja com muitas dúvidas a possibilidade de participar nas Olimpíadas.

Mas, ainda antes de tentar obter os mínimos fixados pela Federação, já baixou os braços e desistiu?

— Não. Estou a treinar com uma certa intensidade e um método voltado à obtenção de marcas melhores neste ano olímpico. Para isso trabalhei muito na época de Inverno, ganhei todas as provas de curta-mat (com excepção de uma corrida em que a classificação principal era por equipas mas em que fui superada, individualmente, pela Manuela Simões.) O ano passado só ganhei duas provas: e isso demonstra a melhor forma actual. Treinei mais fundo do que noutras épocas e espero que isso se reflita na minha condição atlética na época de pista. O meu treinador este ano é o prof. Moniz Pereira, e agora estamos a dar a primazia à velocidade.

eram muito bonitos mas que há outras coisas mais a considerar.

— O indivíduo isolado não pode fazer milagres. Condições físicas tenho-as iguais às dos outros atletas de outros países. O mesmo se passa em relação a muitas das minhas colegas. Somos da mesma massa, e o resto? A alimentação mais cara e cuidada, o horário de trabalho, a luta pela vida que todos temos de travar em condições adversas? Eu já trabalhava aos onze anos de idade, e comecei a estudar quando os filhos de gente mais favorecida se preparavam para iniciar cursos superiores. Hoje tenho vinte e um anos e começo a ver que o Atletismo é, apenas, uma parte limitadíssima

limite e não posso prometer marcas nem saber o que acontecerá até Setembro.

NÃO QUERO VOLTAR AO QUE ERA DANTES

Maria do Céu Lopes é filha de gente modestíssima, da cidade de Lisboa. Há cinco anos que pratica Atletismo no Sporting e tem dominado as corridas de meio-fundo. Mas a sua evolução no Atletismo tem sido acompanhada de um progresso global da sua condição social. Conseguiu, é certo, um emprego bastante bom para as suas habilitações, numa companhia de seguros, mas soube merecê-lo. Continua a praticar desporto, a trabalhar e valorizar-se pelo estudo. Sobre o assunto explica:

— O Atletismo deu-me umas certas vantagens e desde então a minha vida mudou-se muito. Mas o que me deu não o conseguiria manter se ficasse a olhar para os outros, e pensasse só no Desporto. Voltar ao que era dantes é que eu não quero: e, se não estudo, todos os meus colegas de trabalho me passam à frente. Tenho de olhar o futuro. Às vezes penso dedicar-me mais ao estudo: e esquecer-me um pouco do Atletismo, principalmente para acabar o segundo ciclo liceal. Mas, depois, lembro-me da posição que obtive com tanto esforço e chego à conclusão que não me conformaria com lugares secundários. De modo que vamos andando...

Terminando o seu depoimento, Céu Lopes afirma:

— Não se pense que tenho privilégios de qualquer espécie por bater «records». No trabalho cumpro o horário normal de todos os meus colegas, o que até está muito bem, pois a companhia não tem nada a ver com a minha vida particular: e não lhe compete remediar insuficiências que a nível geral estão por resolver. Se as entidades desportivas nem nos compensam das horas e dos salários perdidos com as deslocações ao estrangeiro...

Entrevista de DANIEL REIS

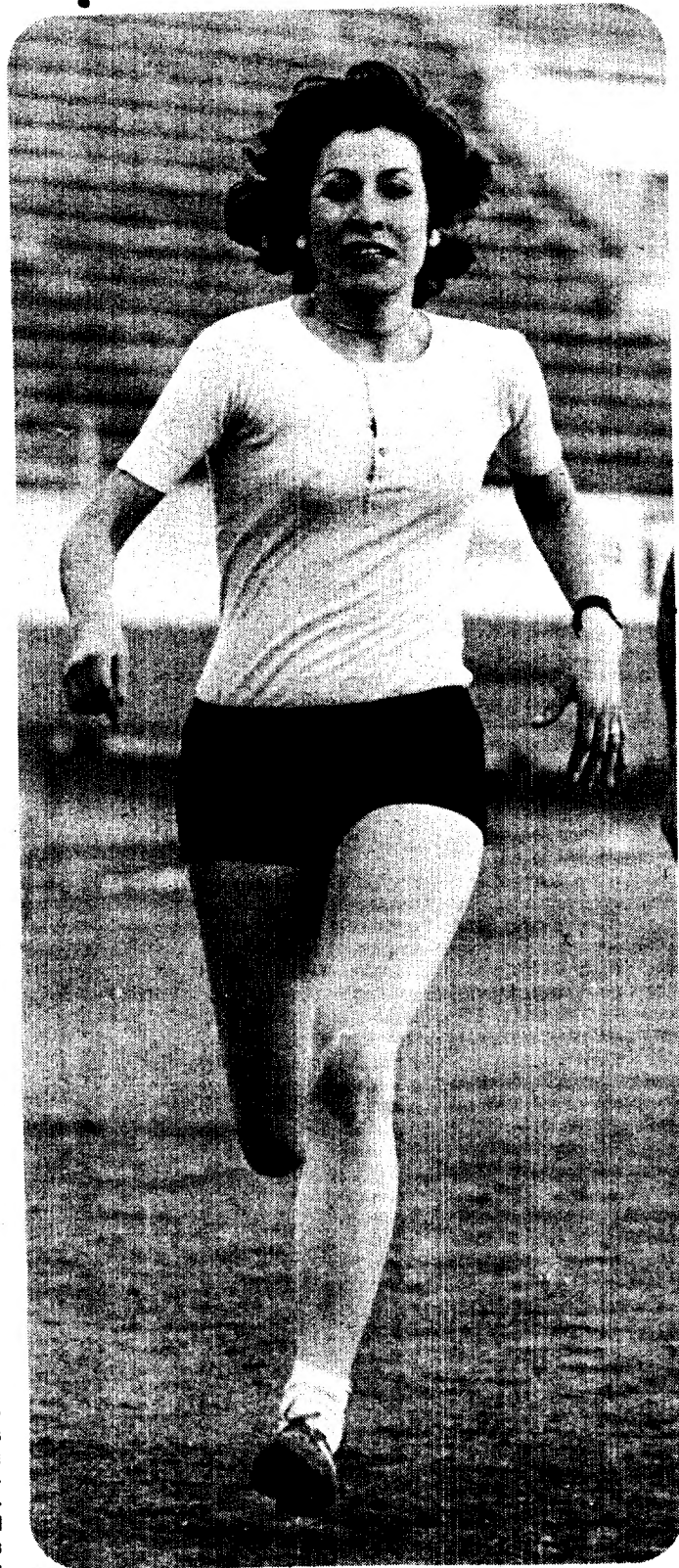
NÃO É SO ESTABELECER MÍNIMOS

Durante a corrente temporária atlética, no sector feminino, teremos três competições relativamente importantes, os Portugal-Espanha e Portugal-Marrocos e os Jogos Luso-Brasileiros. Em especial no encontro com a Espanha, que se desenrolará no nosso país, Céu Lopes terá ocasião de defrontar uma boa atleta que a force a dar o máximo e que talvez a ajude a obter os mínimos em referência. Isso lhe fizemos nós ver. Mas Céu Lopes continua a insistir e a dizer que sim, que os Jogos Olímpicos

ma do meu dia a dia. É quase o meu divertimento. Em primeiro lugar está o trabalho (a minha casa depende grandemente do meu ordenado) e depois os estudos, para garantir situação melhor quando o Atletismo deixar de ser possível.

Com um bocadinho mais de vigor e com a muita desilusão à mistura, a melhor atleta portuguesa, protesta:

— Isto de marcar mínimos e deixar os atletas entregues à sua sorte é muito bonito, mas inconsequente. Não é só estabelecer os mínimos, nem depende só da Federação que dá o que tem para a nossa preparação olímpica. É tudo o resto, todas as circunstâncias que nos fazem andar atrás dos outros: quer seja no Atletismo quer seja nas demais modalidades desportivas. Até o Futebol, que é praticado por profissionais, tem dado cada barraca... Confesso que penso muito mais noutras coisas que nos Jogos Olímpicos. Vou trabalhar para conseguir o bilhete da viagem, vou até sacrificar-me um pouco mais do que em outros anos, mas tudo tem um



Correndo para Munique?



O sorriso de quem sabe triunfar nas pistas e quer vencer na vida. Fazendo (mesmo) muita força.

INGLATERRA: O ADEUS À "TAÇA" ?

Bruxelas (Por Mike Hughes, da UPI — exclusivo da ANI em Portugal) — A Alemanha Ocidental garantiu virtualmente a sua passagem às meias finais da «Taça das Nações Europeias», enquanto a Bélgica, a Roménia e a Rússia podem acalentar certas esperanças de se juntarem aos alemães na próxima fase do torneio. Lembremo-nos como: com dois golos marcados nos últimos cinco minutos, a Alemanha derrotou a Inglaterra (por 3-1) obtendo a sua primeira vitória no estádio de Wembley, nos restantes jogos registaram-se empates. Foi assim: Itália-Bélgica (0-0) Hungria-Roménia (1-1) e Jugoslávia-Rússia (0-0).

A vitória dos alemães levanta um problema aos organizadores, pois tinha-se pensado na Inglaterra como local de realização das meias-finais e da final, em meados de Junho.

As possibilidades de a Inglaterra anular a desvantagem de dois golos, em Berlim, a 13 do corrente, são remotas, apesar de o treinador inglês («Sir» Alf Ramsey) continuar a afirmar que «em futebol tudo é possível». A opinião dos críticos neutros é de que ele está apenas a assobiar no escuro.

Foi a terceira vitória consecutiva da Alemanha sobre a Inglaterra, depois de dez derrotas, incluindo a da final do Campeonato Mundial de 1966.

Os alemães obtiveram a vitória jogando um futebol aberto que deliciou os 100 mil espectadores presentes em Wembley — entre os quais muitos alemães — assim como milhares de outros que presenciaram o encontro pela televisão, no continente.

A normalmente cerrada defesa inglesa ruiu perante os contínuos ataques do adversário. O primeiro e o terceiro golos foram resultado de Bobby Moore e Norman Hunter não terem conseguido aliviar a sua área quando os alemães a ameaçaram. Moore foi ainda o causador da grande penalidade com que a Alemanha se colocou de novo na situação de vencedora, depois de Lee ter estabelecido a igualdade, aos 77 minutos.

O primeiro golo alemão foi marcado por Hoeness, aos 26 minutos. Gerd Mueller — o melhor marcador do «Mundial» de 1970 — fechou a contagem a um minuto do final.

Os restantes encontros da primeira «mão» dos quartos de final não proporcionaram o mesmo nível futebolístico de Wembley, em parte talvez porque as equipas visitantes se remeteram à defesa, tentando assegurar um «bom resultado» que lhes desse francas possibilidades nos jogos da segunda «mão», a disputar nos próximos dias 13 e 14.

A Bélgica cometeu uma proeza ao forçar a Itália a um empate em Milão. E os adeptos italianos tiveram de se contentar com o facto de que a equipa nacional ainda não foi derrotada no Estádio de São Ciro, e que há 18 anos nenhum jogador estrangeiro ali marca um golo contra a selecção italiana.

O encontro não ficou livre de incidentes: aos 70 minutos o treinador belga (Raymond Goethals) foi escollado para fora do terreno, por ordem do árbitro, o bulgaro Nikolov. Goethals já antes recebera um aviso semelhante do árbitro por ter entrado no terreno a fim de dar instruções aos seus jogadores.

O «herói do dia» foi o guarda-redes belga, Christian Piot, que fez meia dúzia de defesas de classe mundial, frustrando os italianos e os seus 60 mil adeptos que se deslocaram ao estádio.

Apesar de ter marcado um golo (aos 11 minutos) por intermédio do estreante Branikovits, e do apoio fanático de 75 mil espectadores, presentes no Estádio de Nep, a Hungria perdeu o ritmo na segunda parte, permitindo que a Roménia dominasse o meio campo.

Depois do golo a defesa romena fechou-se consideravelmente, e não houve surpresa quando Satmareanu estabeleceu a igualdade, com um remate de cabeça, aos 55 minutos, na sequência de um livre.

A Jugoslávia, que não conseguiu bater a Rússia nos 11 jogos que contra esta equipa disputou desde 1952; teve várias oportunidades de marcar mas estas foram-lhe negadas pela excelente exibição do guarda-redes russo (Rudakov) e também pela falta de finalização dos seus avançados.

Os contínuos incitamentos da multidão de 70 mil pessoas não conseguiram fazer melhorar os jogos, avos, finalistas derrotados, em Roma, contra a Itália, há quatro anos.

CHÁ DE HAMBURGO

LEGÍTIMO

ESTIMULANTE DIGESTIVO

BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA

Benefícios nas perturbações das vias urinárias

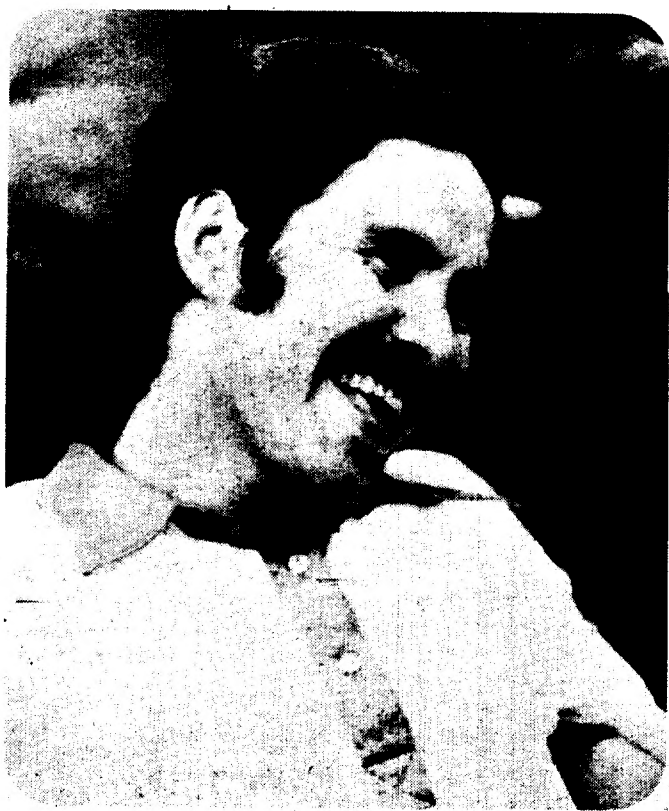
A VENDA NAS FARMÁCIAS

52 MILHÕES POR 4 CRUZEIROS

EDUARDO "LIMPOU" MAIOR TOTOBOLA DE TODO O SEMPRE

Vamos por partes: o totobola brasileiro é algo diferente do nosso: não na forma de vaticinar os resultados dos jogos, mas sim na distribuição dos prêmios e na forma de apurar os totalistas. Assim, o bolo semanal da «Loteria Esportiva» é distribuído apenas por quem acerta nos 13 resultados. Quer dizer: não há segundo prêmio. A outra novidade é que o apuramento dos totalistas é feito através de computador, por cartões perfurados.

Esta semana, um único concorrente acertou no 13: chama-se Eduardo Varela, e a partir das 17 e 30 da última segunda-feira, passou a ser Excelentíssimo Senhor. Com quatro cruzeiros (9500) conquistou quase 52 500 contos. E a fama.



Eduardo Varela Teixeira é hoje um homem feliz: no sorriso do seu rosto, lê-se a alegria de poder casar mais breve do que sempre imaginou, e poder tirar o curso de Económicas

A primeira reacção de Eduardo, ao saber que era o único totalista, foi fugir com a noiva para o Sul de Minas Gerais. Ninguém mais o encontrou: os jornalistas e homens da rádio que o queriam entrevistar apenas encontraram na sua residência a mãe (com um sorriso estampado no rosto) e um irmão (igualmente feliz). Quanto ao Eduardo, fugiu para Minas... com uma «mina» no bolso.

Eduardo Varela Teixeira, de seu nome completo, é (ou era) um humilde operário, despachante de uma tecelagem em Madureira. Tem 23 anos de idade e vive com a mãe, o pai, reformado um irmão solteiro e duas irmãs casadas.

Quando no domingo constatou que tinha o «bolão», não disse a ninguém. Continuou a fazer a sua vida de todos os dias, apresentando-se na manhã seguinte na oficina onde trabalha. Na parte da tarde, porém, ouvindo através da rádio que ainda não tinha sido encontrado nenhum cartão com 13 resultados certos, pediu dispensa e foi logo para casa da noiva (Tereza Cristina). Pediu licença aos pais para a levar consigo e desapareceu para parte incerta. «Talvez para uma cidadezinha ao Sul de Minas, onde Tereza tem parentes» — alvitrou a mãe de Eduardo, D. Aurea — «eles namoram-se há quatro anos, e vão casar mais depressa, agora» — acrescentou.

Eduardo Varela Teixeira (Excelentíssimo Senhor, acrescenta-se) jogou sempre com duas apostas semanais, não gastando mais do que quatro cruzeiros. Acreditava que um dia havia de ganhar. Nunca, porém,



Na terça-feira, depois de ter fugido com a noiva à curiosidade dos repórteres, resolveu conceder conferência de Imprensa. De vulgar operário de uma fábrica de linha de cozer, Eduardo passou a ser o Excelentíssimo Senhor Cinquenta Milhões

sózinho. Nem tão elevada quantia lhe passou pelos sonhos.

Mas, o desaparecimento de Eduardo durou apenas algumas horas: uma noite apenas. Na terça-feira apresentou-se na Caixa Económica da Avenida Rio Branco (no Rio de Janeiro) onde os jornalistas finalmente o encontraram. Revelou apenas que casará mais cedo do que estava previsto e que irá continuar os estudos: quer formar-se em Económicas para poder administrar os proventos dos seus palpites.

Uma curiosidade: se o Excelentíssimo Senhor Eduardo Varela Teixeira, ex-operário de uma fábrica de linhas de cozer, situada na rua Borborema, em Madureira, resolver depositar o «bolão», a prazo fixo, na Caixa Económica, terá garantidos 1 350 contos por ano. E, mais nada: já chega.

TALISMÃ DE MADUREIRA
CHAMA-SE MOACIR

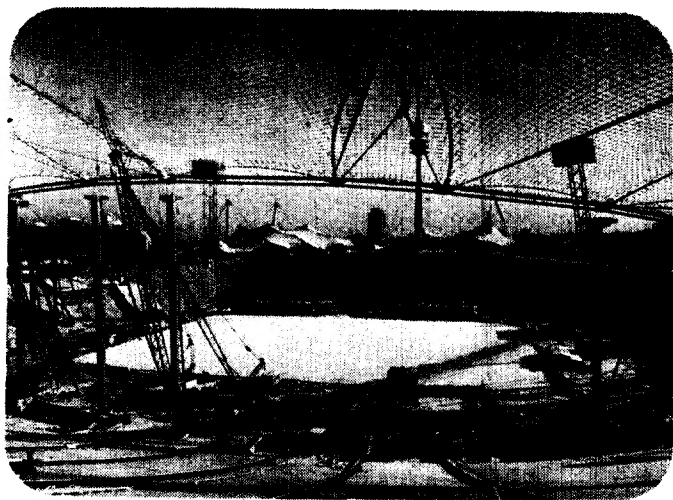
Não é só pelo facto de o maior totobola do mundo ter saído em Madureira, que a população anda satisfeita com a sorte: realmente, há um segundo «record» a juntar ao já citado de Eduardo: a agência que

registou a sua aposta (e que pertence a Moacir Rodrigues), já «deu» o «bolão» a outros 14 clientes. Mais: foi ao balcão da sua agência, que Eduardo preencheu a matriz premiada

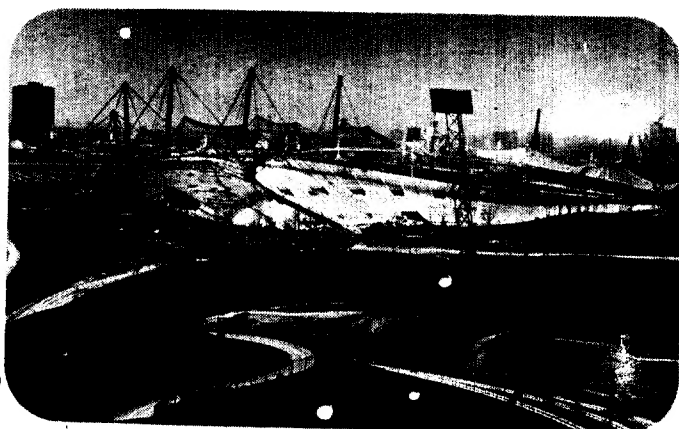
depois de ouvir, pela rádio, o boletim de um locutor. Ouvindo-o com atenção, fez-lhe as necessárias alterações e apostou. E o resultado viu-se. Eduardo: você dá receita?



Eduardo Varela, desde que a Lotaria Esportiva o tornou milionário, tem sido solicitado para preencher os boletins dos seus amigos para o concurso que hoje mesmo se realiza. Claro que ele satisfaz todos os pedidos dos amigos, embora continue a jogar (sempre com dois cruzeiros). Mas não tem esperança em arrancar de novo o «bolão»: nunca na história das totobolas, um vencedor repetiu a proeza de ganhar duas vezes seguidas



Aos poucos, o Estádio Olímpico de Munique foi tomando forma



Durante muitas noites, fizeram-se ensaios com o sistema de iluminação

ALEMANHA-RÚSSIA FAZ ESTREIA DO ESTÁDIO OLÍMPICO DE MUNIQUE

Munique, a cidade transformada, está pronta para os Jogos Olímpicos. No próximo dia 26 será solenemente inaugurado o Estádio Olímpico, com um jogo de sensações fortes: nada mais nada menos do que um Alemanha-União Soviética, duas selecções de estilo e características comuns, capazes de proporcionarem um belo espectáculo desportivo.

Com a inauguração do fabuloso Estádio Olímpico de Munique, a cidade desportiva que irá albergar os atletas amadores dos próximos Jogos ficará automaticamente aberta para a maior competição dos tempos modernos: que chamará à Alemanha uma verdadeira multidão de entusiastas.

Ninguém duvide: a inauguração do Estádio Olímpico de Munique (de que apresentamos diversas fases da construção) tem jogo condigno com a sua importância: duas selecções de real valor, num jogo que pode fazer vibrar muitos milhares de amantes do futebol.



Ao princípio, foi o rasgar do terreno, na confusão das máquinas e das teias de arame. Era o nascer de um palco imenso com 80 000 lugares na plateia

PARA QUIM, FILHO DE JOAQUIM

Quim, meu futuro amigo:

Es pequenino e ainda não entendes que hoje te ligaram menos porque alguma coisa sucedeu a teu pai. Tua mãe não te deu o biberão. Quim? Não penses mais nisso: ela foi longe, foi até perto de teu pai. Sim, teu pai: aquele sujeito alegre de camisola amarela que está aí por casa, espalhado na recordação de mil taças e montes de fotografias.

Desculpa, Quim. Perdoa eu perturbar-te esse sono inocente que ainda não sabe o que é sol e estrada e poeira e luta. Não liguês muito ao facto de eu alterar deste modo a tua

redor da tua camita côr-de-rosa. E não haverá mais novidades: Agostinho, teu pai, teve um grande desastre e por um triz não partiu de cá sem te estreitar num abraço sem fim. E toda a gente, Quim, ficou preso da mesma angústia seca e fria que tomou de assalto toda a tua casa.

Foi há anos, numa tarde assim, de um domingo a puxar entre o triste e o solarento, que estive em tua casa, para contar a teus avós que o seu rapaz vencera em França uma etapa do «Tour». Foi uma festa, Quim, uma festa como tu nem imaginas. Avô Adriano e avó

damos por nós, o tempo passou e só o papel impresso e as fotografias a perderem lentamente o amarelo das camisolinhas bonitas, ficam a lembrar glórias esfumadas. Para teu pai, meu rapaz, para Joaquim Agostinho, talvez tenha sido o fim. No ano-chave da sua carreira de herói de proezas sem fim, a palavra de adeus pode ter chegado antes do virar da última folha do calendário.

Sabes bem quem foi teu pai, Quim? Sabes bem quem é teu pai, Joaquim Miguel? Um homem de cabeça erguida. Um campeão que trouxe, no estreito boral do seu «jersey» listrado, todo um universo de fama e de apreço. Um homem que partiu daí, dessa casa à beira da estrada em que tu moras hoje (mas que era) então bem mais pequena e bem menos alegre à procura de alguma coisa em que ele sabia poder triunfar.

Foi vestido «à Sporting» (roupa do Roque) que teu pai venceu a primeira corrida: aí, em Casalinhas de Alfaiata, a um passo de Brejenjas que só ganhou nome no mapa à custa de umas valentíssimas pedaladas. Aos 14 anos de idade, já depois de ter sachado e plantado couves nessa terra descaída que fica aí por trás do quarto, teu pai abalou para Torres Vedras. Trabalhou em casa de um amigo (que é hoje teu avô paterno) e aí conheceu tua mãe Ana Maria. Depois, a tropa levou-o para mais longe: até Moçambique, que tu só conheces de ouvir falar ou por saberes que veio de lá o macaquinho-faz-tropelias que mora nesse mastro à beirinha do atalho que vai com os passos para a praia. O «Niassa», esse mesmo.

Pois, como te ia dizendo, jovem amiguinho, teu pai voltou para Brejenjas já com a tropa feita: e uma louca paixão pelas andanças em bicicleta,



Não chores, meu rapaz

calma e ainda (só) chorona presença no mundo. É que, Joaquim Miguel, tu és (decerto) nesse teu corpinho pequenito e travesso, a mais doce e bela e terna imagem, a única (já a escrever) que teu pai consegue fixar na noite escura em que o lançou a queda da sua bicicleta. O salto, intempestivo e fora de propósito, de cima da outra enxada com que ele hoje traça a terra que dá o pão para a tua boquilha.

Um dia tu saberás alinhar as letras, construir palavras, formar frases e compreender-lhes o sentido. Então, para ti, amigo Quim, deixará de ser segredo esse silêncio que escutas agora em torno do teu berço, em

Carmelinda (com tua tia ao lado) levaram-me a correr a horta. A ver onde, teu pai cresceu. Onde teu pai, escapando-se-lhes por uma nesga de atenção, corria a pegar na «pasteleira» para em cima dela desafiar o Roque e o Leonel e o Vítor Rocha e a «malta» toda aí do sítio, em corridas à desfilada que terminavam sempre com muitos aplausos e uma passagem pela adega do teu avô paterno: onde Ana Maria (isso mesmo, a tua mãe) já deixava o rabito do olho para mirar de alto a baixo o futuro campeão. E dono do seu coração de menina.

Pois foi, Quim, pois foi. A vida correu num pulo. Quando

Roque, sobretudo, foi muito culpado no roubo do teu pai aos campos, ao verde das planuras a que disse adeus: é que o trouxe um dia até ao Estádio do Sporting e tudo mudou desde essa hora.

É escusado, Quim, escrever aqui, para que um dia o leias, o que foi a carreira espantosa do teu pai: do Joaquim Francisco Agostinho, moço de fazenda que pelo simples facto de bem pedalar sobre uma máquina ganhou medalhas e ovações, abraços de ministros e parabéns de reis. Do Joaquim Agostinho que, ao lado de Eusébio, fixou a terra de Portugal no mapa desportivo de todo um continente.

Correu Seca e Meca, deu trambulhões e fez escaladas que só visto. Riu e chorou. Andou por sítios que nem o diabo palmilhou. E conseguiu, sempre e cada vez, ser ele o herói da estrada: a figura que todos os olhos seguiam com mais atenção, que todos os homens acomodavam nos seus aplausos, que todas as mulheres corriam a espreitar. Se ganhou muito? Bem, Quim, isso não sei: apenas te posso garantir que conseguiu, só para si, um lugar no coração de todos os desportistas de Portugal. E, em certos momentos, ele foi o próprio Portugal aventureiro e inconformista que está dentro de cada um de nós, nesses galopes sem travão com que conquistava quilómetros sobre quilómetros.

Esta semana, Quinzito, esta semana teu pai ficou na estrada. Estúpida coisa essa, meu rapaz. Sem nexo, sem sentido,

sem razão. Acaso: golpe de infortúnio que safu ao caminho numa nesga dessa fita imensa que teu pai devorava cada vez com mais apetite.

Eu sei, Quim, eu sei que tu, que eu, que todos nós ainda acreditamos que ele possa voltar a ser o que era. A dar-nos outras alegrias: e mais nenhuma tristeza. A bater o pedal ao lado desse tal Eddy Merckx que escapou ainda por um ano a beijar a mão do sucessor. A deixar na arrancada esse outro Ocaña: que nem quis bater-se em terreno conhecido e favorável. Eu confio que teu pai possa novamente regressar às bicicletas e às primeiras páginas dos jornais, aos microfones e às objectivas de outros repórteres. Mas, Quim amigo, também tenho medo que a dor que hoje o verga e o atirou para o leito de um hospital saia ao caminho em cada volta de estrada que ele queira um dia tornear. É que, meu jovem, elas não matam: mas marcam. E quem escapa do inferno nunca mais pode ver a ténha um fósforo à sua frente.

Vamos esperar, Quim Miguel. Vamos confiar, Joaquim. Teu pai voltará para ao pé de ti: e tu vais prometer-me que não chorarás quando o vires ficar triste por não poder acompanhar, lá por fora, aqueles a quem ele se habituou a vencer sem orgulhos nem arrogâncias. No fim de contas, um homem volta sempre à terra que o viu nascer.

Um beijo para ti, Joaquim Miguel.

NEVES DE SOUSA



Dá recados a teus avós